

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HUMANIDADES, DIREITOS E OUTRAS
LEGITIMIDADES

EXISTÊNCIAS PRETAS EM INSTITUIÇÕES BRANCAS:

histórias sobre a ascensão negra em São Paulo

Vinícius Aparecido Moreira Nascimento

São Paulo

2023

Vinícius Aparecido Moreira Nascimento

EXISTÊNCIAS PRETAS EM INSTITUIÇÕES BRANCAS:

histórias sobre a ascensão negra em São Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências. Linha de Pesquisa: Corporalidade, Alteridades, Territórios e Modos de Existência

Orientador: Professor Dr. Diego dos Santos Reis

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

N244e Nascimento, Vinícius Aparecido Moreira
Existências pretas em instituições brancas:
histórias sobre a ascensão negra em São Paulo /
Vinícius Aparecido Moreira Nascimento; orientador
Diego dos Santos Reis - São Paulo, 2023.
160 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Área de concentração: Interdisciplinar.

1. Ascensão. 2. Raça e Mercado de Trabalho. 3.
Racismo Cotidiano. 4. Afropessimismo. 5.
Subjetividade. I. Reis, Diego dos Santos, orient. II.
Título.

*Toda vez que sou colocada como “Outra”,
estou experienciando racismo,
porque eu não sou “outra”.
Eu sou eu mesma.*

Grada Kilomba, Memórias da plantação.



*Dedico a **Geraldo Nascimento**,
vejo-te em mim, vôzinho amado
acredito que você está feliz,
assim como ficou em dois mil e dezoito
quando me encontrou naquele sonho,
no portão da Patriarca,
a eterna casa das minhas férias,
uma infância feliz.*

*Dedico a **Jorge e à Inaê**,
sobrinhos de coração,
sigam acreditando no amor,
sigo esperando em vocês,
admirando cada detalhe,
da nossa preta realeza*

AGRADECIMENTOS

Minha família sempre foi uma casa onde pude descansar e sonhar imensamente, por isso sou muito grato. Nunca encontrei barreiras para ampliar horizontes no lar em que me formei, e acredito que isso foi essencial para tornar esse trabalho realidade. Meu pai Wagner, minha mãe Ivani, meus irmãos Eric e Guilherme, meus avós Geraldo e Rosa, meu tio Valdir, especialmente vocês me ensinaram quem sou hoje. Agradeço também a tantos encontros bonitos que tive ao longo da caminhada.

Na USP, meu orí-entador Diego merece destaque por ter sido sempre tão atencioso e gentil, tornando-se um referencial importante. Não à toa, nosso grupo de pesquisa *Co-Orí* me ajudou a escurecer a jornada, proporcionando uma experiência maravilhosa de pesquisa preta que eu nunca tinha vivenciado. Às professoras Dra. Marta Gouveia de Oliveira Rovai e Dra. Flávia Souza Máximo Pereira, que fizeram parte da banca de qualificação, suas contribuições generosas mudaram o curso da pesquisa de forma ímpar. Ao professor Dr. Marcos Queiroz e à professora Dra. Maria Ribeiro que juntam-se a nós nessa jornada – agradeço.

Além da universidade, os laços de afeto estabelecidos me proporcionaram chegar até aqui com saúde e vigor. Foram amparo nas horas difíceis, estiveram próximos nas celebrações, fazendo com que, hoje, eu possa desfrutar um bem-viver. Não correrei o risco aqui de citar todos os nomes, seria ingênuo da minha parte, mas alguns laços foram essenciais para a materialização dessa dissertação. Carol, obrigado pelas partilhas transatlânticas, nossas cartas-áudio são fonte de saúde, vida e beleza. Sua refeitura da travessia me inspira imensamente. Doug, obrigado pelo companheirismo cotidiano e imenso. Com você, aprendi que não se trata de viver ou sonhar, é tudo.

RESUMO

NASCIMENTO, Vinícius Aparecido Moreira. **Existências pretas em instituições brancas: histórias sobre a ascensão negra em São Paulo.** 2023. Dissertação (Mestrado - Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

O presente trabalho trata da experiência subjetiva e das narrativas de pessoas negras que ascenderam socialmente via mercado de trabalho privado, em São Paulo. Busca-se analisar as relações de trabalho no Brasil, forjadas a partir do Estado escravagista, resultando numa divisão racial desigual do trabalho protegido e de prestígio, evidente nas diferenças estatísticas de pessoas negras e brancas no mercado de trabalho formal, sobretudo nas posições de prestígio e poder nas grandes empresas. O objetivo dessa dissertação é investigar as contradições da ascensão da população negra, analisando a vida subjetiva e emocional de sujeitos pertencentes a esse grupo, por meio de sua autopercepção, refletindo criticamente sobre as noções de *sucesso* e *carreira* dentro de uma lógica capitalista neoliberal. Metodologicamente, além da revisão sistemática da literatura específica sobre racismo e mercado de trabalho, são entrevistados/as quatro profissionais negros/as, co-participantes da pesquisa, cujas histórias de vida são compartilhadas e elaboradas, com vistas a identificar, em suas narrativas, os discursos, os significados e os elementos comuns sobre o fenômeno da ascensão.

Palavras-chave: Ascensão; Raça e mercado de trabalho; Racismo cotidiano; Afropessimismo; Subjetividade.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Vinícius Aparecido Moreira. **Existências pretas em instituições brancas: histórias sobre a ascensão negra em São Paulo.** 2023. Dissertação (Mestrado - Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

The present work deals with the subjective experience and narratives of black people who rose socially via the private labor market in São Paulo. The aim is to analyze labor relations in Brazil, forged from the slavery state, resulting in an unequal racial division of protected and prestigious work, evident in the statistical differences between black and white people in the formal labor market, especially in prestigious and powerful roles in large companies. The objective of this dissertation is to investigate the contradictions of the rise of the black population, analyzing the subjective and emotional life of subjects belonging to this group, through their self-perception, critically reflecting on the notions of success and career within a neoliberal capitalist logic. Methodologically, in addition to the systematic review of specific literature on racism and the job market, four black professionals are interviewed, as co-participants of this research, to prepare a discourse about their life stories, with a view to identifying, in their narratives, the meanings and common elements about the phenomenon of ascension.

KEY-WORDS: Ascension; Race and the labor market; Daily Racism; Afropessimism; Subjectivity.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEO	Chief Executive Officer (Diretor Executivo, em português)
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CFO	Chief Financial Officer (Diretor Financeiro, em português)
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ESG	Environmental, Social and Governance (Governança Social e Ambiental, em português)
FEA	Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MPT	Ministério Público do Trabalho
PPGHDL	Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades
RH	Recursos Humanos
TELESP	Telecomunicações de São Paulo
TI	Tecnologia da Informação
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

COSTURAS INICIAIS.....	11
1 TORNAR-SE OU NÃO NEGRO/A NO BRASIL?.....	16
1.1. Relações de trabalho e poder: o problema do racismo.....	16
1.2. Embranquecimento e antinegitude	20
1.3. Ascensão e trabalho ontológico.....	26
2 TRAJETÓRIAS DE ASCENSÃO: ATRAVESSAMENTOS.....	31
2.1. <i>Algemas douradas</i> : a história de Cláudio	31
2.2. Territorialidade e educação	45
2.3. Embranquecimento, afetividade e vínculos familiares	57
2.4. A ótica da potência	72
3 NÓ CEGO: AFROFUTURIDADES POSSÍVEIS	77
3.1. A farsa da classe	79
3.2. O roubo do tempo	81
3.3. A liberação da emoção	86
MEADAS FINAIS	91
REFERÊNCIAS.....	94
ANEXO 1 - Entrevista Completa: Cláudio.....	98
ANEXO 2 - Entrevista Completa: Marta.....	116
ANEXO 3 - Entrevista Completa: Nunes.....	130
ANEXO 4 - Entrevista Completa: Laura.....	140

COSTURAS INICIAIS

Esse trabalho surge de uma grande inquietação que trago comigo: é urgente combater o racismo.

Venho de uma família negra em ascensão e cresci ouvindo que o racismo, no Brasil, era uma questão de classe. “*Se a gente tiver dinheiro, nada vai acontecer com a gente*”, era uma frase que ouvia comumente em discussões familiares, tornando-se, em alguma medida, uma noção internalizada. De tanto ouvir exemplos convictos dessa narrativa, fui acreditando – aos poucos – nesse *mito* da ascensão individual. Afinal, eu tinha sido educado para “vencer na vida”, como tantas vezes escutei. Tive acesso a boas escolas, estudei piano, morei fora do país. Fui a primeira geração da família que pode viver algumas experiências tipicamente pequeno-burguesas. Meu pai e meus tios foram os primeiros a ingressar em universidades, conquistando futuramente melhores postos de trabalho, ainda que sob a alegação daquela conhecida história de superação atribuída a tais conquistas. Minha geração, meus irmãos e eu, tivemos bem mais do que eles tiveram e essa expectativa depositada sobre nós me direcionou, ainda que de forma não pensada, nessa jornada individual de ascensão.

Comecei a vender minha força de trabalho após a graduação, em uma empresa multinacional de grande porte, aprovado em um processo seletivo bastante acirrado. Ser um dos dez selecionados entre vinte e quatro mil pessoas inscritas para o programa, cujo objetivo final era a formação de futuros/as executivos/as no longo prazo, foi motivo de muito orgulho familiar.

Atuo hoje como profissional de “recursos humanos” no setor privado e, ao longo dos anos de minha carreira, vivi diversos episódios que me fizeram revisitar esses eventos familiares (como os almoços...) e tantas outras dinâmicas fundadoras de quem sou. Passei a carregar radicalmente uma convicção oposta sobre o racismo no Brasil. Preto/a, você pode ter o dinheiro que for, mas a raça, no Brasil, foi e ainda é uma estrutura desenhada para nos inferiorizar.

Sueli Carneiro (2011) bem nos ensina que ascensão individual não significa mudanças coletivas e que, para combater o racismo, precisamos de políticas públicas nos mais variados campos da vida humana, inclusive no que tange às políticas de empregabilidade. O acesso ao trabalho digno faz parte da garantia de cidadania às pessoas e aos direitos humanos. Seu

inacesso e a precarização corroboram os números da desigualdade racial no mercado de trabalho, que serão vistos e analisados no decurso dessa dissertação.

Se o combate ao racismo é transversal e múltiplo, aqui me concentrarei nos espaços de trabalho como ambientes atravessados por relações de poder. Mais especificamente, me proponho a considerar as grandes empresas do setor privado como instituições capitalistas, ancoradas na colonialidade racista, portanto, instituições brancas que reproduzem uma série de hierarquias e desigualdades.

Se, por um lado, a ascensão de pessoas negras no Brasil via mercado de trabalho pode promover no âmbito individual melhores condições de existência materiais, por meio de mais recursos econômicos, qualidade de vida e acessos, por outro lado, no âmbito coletivo, o *diversity washing*¹ invisibiliza o racismo estrutural derivado da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005). Esse dilema é central para a pesquisa desenvolvida nesta dissertação, uma vez que as raras pessoas negras em posições de prestígio e poder no setor privado passam a ser usadas como *tokens*².

Assim, a presença de *tokens* negros e negras fortalece a criação institucional de um discurso baseado em diversidade e inclusão, no seio do neoliberalismo, criando uma grande distorção: ao invés dessa ausência ser a prova de que a exclusão racial é a regra, reforça-se a farsa de que quem é esforçado/a pode chegar em qualquer lugar. Inclusive, no topo. Ao longo da pirâmide dessas organizações, quanto mais próximo ao topo, menos existimos.

Diante desse contexto, meu objetivo precípua é investigar as contradições da ascensão da população negra, via mercado de trabalho privado, em grandes empresas, derivadas da colonialidade racista e capitalista, na medida em que "os processos econômicos não são passíveis de explicação sem a compreensão dos marcadores raciais" (AMARTINE; QUEIROZ, 2022). Ao escutar as histórias de vida das poucas pessoas negras que existem em posições de privilégio e poder, no seio dessas instituições brancas, busco entender as implicações e o custo,

¹ *Diversity Washing* remete às organizações que se dizem inclusivas no posicionamento público e comunicação de marcas, garantindo maior capitalização e rentabilidade. O termo foi cunhado a partir da discussão sobre *green washing*, questionando a falsa preocupação ambiental de diversas organizações, uma vez que sustentabilidade é cada vez mais um assunto público.

² O *tokenismo* se refere às declarações não-performativas, ou seja, a inclusão simbólica por meio da representatividade (AHMED, 2004). Uma pessoa acaba representando um grupo todo, tornando-se um brinquedo de determinada instituição.

emocional e social, da ascensão, por meio da costura de convergências e dissonâncias das narrativas.

Segundo Neusa Santos Souza (2021), umas das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo e esse trabalho é, antes de tudo, uma proposta que endossa um discurso da pessoa negra sobre si mesma. Entretanto, minha hipótese é a de que essa suposta “autonomia” conquistada pelas pessoas negras que ascenderam via mercado de trabalho privado é atravessada pela negação de sua negritude. Ser usado/a como *token*, alocado/a nesse espaço de exceção, carregando o peso de ser uma das únicas pessoas negras que chegou ao topo de uma instituição privada pode resultar em um gradual adoecimento psíquico (AHMED, 2004). Ainda que de forma impensada, no nível subjetivo e individual, as histórias de vida dessas pessoas revelam um "embranquecimento compulsório" como estratégia de sobrevivência social nessas instituições.

Assim, o primeiro capítulo da dissertação é construído por meio da revisão bibliográfica de obras de pensadores e pensadoras negras, na perspectiva da descolonização, para a elaboração de uma noção crítica racializada da ascensão social e das relações de trabalho. A ascensão social negra individual, isto é, a ocupação de cargos de prestígio por poucas pessoas negras, pode resultar em mudanças coletivas estruturais?

Na sequência, o segundo capítulo é a costura das experiências subjetivas e individuais de *existências pretas em instituições brancas*, por meio da análise de narrativas e seus significados, visando a elaboração de reflexões sobre as trajetórias profissionais e a emocionalidade. Para dar conta dessa análise, metodologicamente, fiz entrevistas semi-estruturadas com quatro pessoas negras que ascenderam social e economicamente via mercado de trabalho privado. Os critérios que elenquei como fundamentais para a escolha dos profissionais foram: 1) autodeclaração racial como uma pessoa negra (preta ou parda, de acordo com a classificação do IBGE); 2) duas mulheres e dois homens, para perspectivas distintas sobre questões de gênero e sexualidade; 3) que tivesse ascendido economicamente e socialmente via setor privado de trabalho, com pelo menos dez anos de experiência de trabalho em grandes empresas (aquelas que possuem 500 empregados ou mais, de acordo com IBGE); e 4) que ocupasse uma posição de Gerência Executiva/ Diretoria, entendendo que a tomada de decisão dessa pessoa gera impacto no contexto organizacional em que está inserida.

Ao primar para que a identidade dessas pessoas não fosse exposta, foram trocados os nomes de todos/as participantes da pesquisa, evitando que haja uma forma fácil de rastreamento de suas histórias e identidades. A construção desse espaço seguro foi importante para gerar tranquilidade e confiança no processo de elaboração do discurso da pessoa negra sobre si mesma e das situações nas quais esteve inserida no decurso de sua trajetória de ascensão profissional.

Nessa abordagem, cujo foco é a autopercepção, algumas perguntas orientadoras foram definidas como base da entrevista semi-estruturada, conforme os seguintes eixos de reflexão. Nomeei o primeiro eixo de “*História familiar*”, com três perguntas principais: 1) de onde você vem?; 2) qual sua história familiar?; 3) quem foram as pessoas que mais te inspiraram? Tenta-se, por meio delas, compreender a autopercepção dos/as sujeitos/as sobre a origem/classe social, figuras de inspiração, vivências na infância, e como tudo isso se manifesta no tempo presente.

O segundo eixo, chamado “*Carreira e ascensão*”, possui quatro possibilidades de perguntas: 1) conte-me um pouco de sua trajetória profissional; 2) como sua formação educacional te ajudou a chegar aonde você chegou?; 3) qual era o seu sonho e como a realidade se aproxima ou se distancia dele?; 4) quais são suas expectativas profissionais futuras?

O terceiro eixo, intitulado “*Bem-estar*”, possui três possibilidades de perguntas: 1) como você, hoje, pensa e cuida da sua saúde mental?; 2) quais foram/são as suas maiores realizações pessoais?; 3) quais foram/são as suas maiores frustrações?

Por fim, o último eixo, “*Negritude*”, é uma tentativa de entender como o racismo atravessou – e atravessa – a história pessoal e profissional da pessoa entrevistada, por meio de duas perguntas: 1) o que você entende por negritude?; 2) você já foi vítima de racismo no ambiente de trabalho?

Por mais que as perguntas acima estivessem pré-estruturadas, elas não foram limitantes, dado que o fluxo da entrevista revelou personagens, questões e temas que mereceram maior atenção, ou ainda, um cruzamento entre eixos. Isso ficará bastante evidente no segundo capítulo desta dissertação. Com essa abertura, seguindo o fluxo da conversa e das interlocuções, a metodologia e o roteiro de perguntas não se configuram como limitantes, mas correspondem às dinâmicas singulares de cada entrevista, com aquilo que elas trazem de imprevisto em cada tempo-espaço de troca.

Espero que o presente trabalho possa contribuir para que mais pessoas negras se incomodem com noções pré-concebidas de sucesso e mérito, pensadas nos moldes da branquira

e do neoliberalismo. Com isso, indico que é preciso – urgentemente – encontrar caminhos para enfrentar o racismo no mercado de trabalho. Mas temo que, sem questionar a noção hierárquica, classista e capitalista de *sucesso*, não haja qualquer questionamento efetivo ao *status quo*.

1 TORNAR-SE OU NÃO NEGRO/A NO BRASIL?

1.1. Relações de trabalho e poder: o problema do racismo

A sub-representação negra no mercado de trabalho privado é a realidade no Brasil contemporâneo. Em 2015, analisando as 500 maiores empresas brasileiras, havia apenas 35,7% de representação negra no quadro geral de pessoal, sinalizando a precarização do acesso ao mercado de trabalho formal para pessoas negras, uma vez que somos a maioria no país (ETHOS, 2016). Refletir sobre as 500 maiores empresas não é uma decisão arbitrária, pois elas exercem um papel simbólico sobre a formalidade no mercado de trabalho, em termos de quem é amparado/a ou não pelos direitos trabalhistas.

Quando observamos o afunilamento hierárquico nessas instituições, acentuam-se as desigualdades entre pessoas negras e brancas nos níveis gerencial e executivo, com, respectivamente, apenas 6,3% e 4,7% do quadro composto pela população negra, sendo as mulheres negras o grupo mais sub-representado: 2,1% do quadro gerencial e 0,5% no quadro executivo (ETHOS, 2016). Isso significa dizer que o domínio das posições de prestígio e as mais altas remunerações recebidas são ocupadas por pessoas brancas, enquanto vemos que as posições de trabalho menos valorizadas e precarizadas ocupadas por sujeitos/as negros/as, principalmente por mulheres.

Cabe destacar que, nos últimos anos, não se vê tendência de evolução da presença negra nos quadros executivos: em 2005, tínhamos 3,4% de representação negra; em 2010, tínhamos 5,3%; em 2015, 4,7%. O mesmo acontece com o nível gerencial, no qual se verifica 9% de representação negra, em 2005; em 2010, 13,2%; em 2015, 6,3% (ETHOS, 2016). Essa oscilação arbitrária não apenas reforça a ausência de um projeto estruturado de acesso ao mercado de trabalho formal para a população negra e políticas públicas efetivas, como demonstra que as relações de trabalho no sistema pós-abolição formal da escravidão ainda são regidas pelo racismo.

É interessante observar que, mesmo com a população negra tendo mais acesso ao ensino superior, sobretudo pela implementação das políticas de cotas raciais nos últimos anos (BRASIL, 2012), não vemos mudanças concretas na realidade dessa empregabilidade formal (CARNEIRO, 2011). No período de 2001 a 2010, as matrículas em cursos de graduação presenciais e a distância, em instituições públicas ou privadas, cresceram 40% para pessoas

negras, enquanto a taxa foi de 27,5% para pessoas brancas (ETHOS, 2016). Isso não garantiu uma mudança estrutural no mundo do trabalho e em alterações significativas nos números que atestam a manutenção da desigualdade no país.

Diante de um contexto de capitalismo neoliberal pautado por práticas de *ESG*³ das grandes corporações, isto é, práticas de Governança Social e Sustentabilidade, a sub-representação racial tem sido incorporada no discurso de diversidade e inclusão das grandes empresas como um problema. O ano de 2020 é simbólico nesse sentido, pois o assassinato de George Floyd, nos EUA, deflagrou uma onda de manifestações contra o racismo que rapidamente foi exportada globalmente. No Brasil, começamos a ouvir na mídia – com frequência – sobre saúde emocional de pessoas negras, sobre empregabilidade, sobre renda, educação, moradia e outros temas que compõem a miríade de políticas públicas necessárias para o enfrentamento ao racismo, mas com ações que ainda não dão conta de combater uma série de práticas e discursos que reiteram preconceitos e discriminações.

Assim, temos visto uma crescente incorporação no posicionamento público de diversas empresas a autonegação como “empresas antirracistas”. A gigante brasileira Avon, por exemplo, parte do grupo Natura&Co, lançou um documento intitulado “compromisso antirracista”, declarando a meta de contar com 30% de mulheres negras em posições de liderança até 2030⁴. A líder do varejo brasileiro Magalu, por sua vez, foi a primeira a lançar um programa de *trainee*, porta de entrada para formação de executivos/as a longo prazo, exclusivo para pessoas negras⁵. O caso da Magalu é emblemático, nesse sentido, uma vez que a empresa foi até processada por outras instituições, cabendo ao MPT se manifestar sobre a ação, como:

[...] oportuna e louvável política afirmativa, no setor privado, destinada a corrigir referidas distorções históricas de acesso ao trabalho e ascensão profissional decorrentes do vil passado escravocrata brasileiro. O processo abolicionista do fim do séc. XIX não foi capaz de, passados mais de 130 anos do fim da escravidão legalizada da população de matriz africana, assegurar real igualdade no acesso a direitos fundamentais, especialmente ao trabalho decente, importante forma de expressão e de desenvolvimento da

³ É uma sigla que diz respeito à integração da geração de valor econômico aliado à preocupação com as questões ambientais, sociais e de governança corporativa, por parte das empresas. Na prática, é a tentativa de demonstrar alguma responsabilidade e comprometimento com o mercado que atuam, seus consumidores, fornecedores, colaboradores e seus investidores.

⁴ Disponível em: <<https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/43557/avon-lanca-compromisso-antirracista-e-meta-de-mais-negras-na-lideranca>> Acesso em: 10 mar. 2022.

⁵ Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/carreira/magalu-abre-programa-de-trainee-exclusivo-para-pessoas-negras/>> Acesso em: 10 mar. 2022.

personalidade e da cidadania, entendida como pertinência efetiva na sociedade política (MPT, 2020, p. 20).

Os dois exemplos citados acima, entretanto, não representam o comportamento médio e ação geral das empresas, destacando-se como iniciativas pioneiras e situadas. A maior parte das empresas, discursivamente, afirma desejar a igualdade racial, mas, na prática, não possuem ações estruturadas para alcançar esse objetivo. Em geral, ações práticas e concretas são consideradas "racismo reverso", como aconteceu no caso da Magalu – tendo sido, inclusive, processada por outras empresas. Ao que o MPT também se pronunciou:

Nunca se fez necessária a adoção de políticas de ações afirmativas para as pessoas brancas, por não existir quadro de discriminação histórica reversa deste grupo social nem necessidade de superação de desigualdades históricas sofridas por pessoas brancas (ADPF 186). Diante de tal cenário histórico e social, o conceito de racismo reverso constitui evidente equívoco interpretativo (MPT, 2020, p. 12).

Esse *pretense* equívoco interpretativo aqui será nomeado como “ameaça à branquitude”, isto é, a ameaça às instituições de poder e à hegemonia racial, que passam a se perguntar: “– como assim não seremos nós, brancos, 95% dos executivos do Brasil por mais alguns séculos? Preto pode até entrar na empresa, mas ele não precisa chegar ao topo, convenhamos!”. Desta forma, o comportamento padrão das empresas *esclarece* que a sub-representação racial não é – de fato – um problema, mas apenas uma necessidade performativa para maior capitalização, uma vez que há uma expectativa midiática de aumento da população negra nos quadros gerais, sobretudo após o ano de 2020.

Cida Bento, ainda em 2002, utilizou o conceito de *pacto narcísico da branquitude* para explicar sobre esse acordo tácito que garante a perpetuação da brancura nos espaços de poder. Essa estratégia não está escrita em um papel, validada por acionistas ou visível ao grande público, pelo contrário, opera como o racismo brasileiro: um pacto em silêncio.

O silêncio e o medo marcam profundamente a maneira como o Brasil vem lidando com as desigualdades raciais. De algum modo, em alguma parte de cada um de nós, está colocada a informação de que a maior parte da história deste país foi construída com base na apropriação indébita concreta e simbólica, e na violação institucionalizada de direitos de um grupo, em benefício de outro grupo. E, tanto objetiva quanto subjetivamente, procuramos desconsiderar essa dimensão da nossa história (BENTO, 2002, p. 51).

A dinâmica de silêncio e medo fica evidente nos exemplos trazidos anteriormente, mostrando a contradição que é as empresas assumirem os indicadores de desigualdade racial como problema, ao mesmo tempo em que desconsideram a dimensão histórica do racismo na formação do Brasil contemporâneo. Por mais que afete as diversas instâncias da existência, racismo sequer foi visto como um problema teórico relevante para a pesquisa acadêmica, por muitos anos (KILOMBA, 2019).

Grada Kilomba (2019) discorre sobre três características indissociáveis ao racismo: 1) a construção da diferença, por meio de um processo de discriminação em relação ao “outro”; 2) tais diferenças estão ligadas por valores hierárquicos, que passam a ser vistos como naturais de determinado grupo; 3) presença de poder histórico, político, social e econômico. Essa tríade faz com que possamos afirmar que o racismo é a base de sustentação da supremacia branca, uma vez que o grupo racial negro não pode performar o racismo, pois nunca esteve à frente desse arranjo de poder.

No decurso desse trabalho, a supremacia branca e seus efeitos de poder se tornam evidentes nas desigualdades de inserção no mercado de trabalho para a população negra, que está à margem, enquanto a população branca segue em níveis de plenitude de acesso a emprego formal, educação, habitação, saúde, entre outros direitos básicos. Convém introduzirmos os conceitos de racismo estrutural e institucional, que se complementam à definição de racismo adotada por Grada Kilomba.

Pela perspectiva de Silvio Almeida (2018), racismo estrutural só possui validade quando são consideradas a conjuntura política, dinâmicas econômicas e elaborações institucionais estabelecendo lugares antagônicos para negros e brancos (ALMEIDA; SOUZA, 2018). Assim,

Podemos dizer que o racismo estrutural é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2020, p. 32).

Na medida em que raça se torna uma categoria que assegura privilégios dentro do sistema de racismo estrutural, podemos afirmar que este não permanece apenas como fenômeno ideológico, mas também institucionalizado. O racismo institucional se refere ao “padrão de

tratamento *desigual* nas operações cotidianas tais como em sistemas e agendas educativas, mercados de trabalho, justiça criminal, etc” (KILOMBA, 2019, p. 78).

Feitas essas elaborações iniciais sobre o racismo e sua dinâmica de funcionamento, é contraditório empresas que se beneficiam do projeto colonial capitalista de poder se autointitularem “antirracistas”, uma vez que o processo de abolição da escravatura se deu apenas de modo formal e gerou dividendos rentáveis a muitas instituições. Nunca houve um momento de gozo de oportunidades iguais, tais como direito à educação, saúde, moradia, trabalho, lazer. Para a população negra, as políticas públicas de reparação históricas, como as cotas no sistema de educação superior e nos institutos federais, só foram parcialmente instauradas no século XXI, enquanto para os imigrantes brancos europeus, que vieram embranquecer o país no final do século XIX, a política de cotas à terra foi amplamente difundida e garantiu acessos completamente diferentes e privilegiados (CARNEIRO, 2019).

Destaco aqui as oportunidades desiguais no âmbito das relações de trabalho, pois as grandes empresas capitalistas de hoje são produto desse projeto colonial de violência direcionada à negritude, logo são instituições majoritariamente brancas, que funcionam sob uma lógica racista. O “problema” do racismo, frequentemente, faz parte somente do discurso, ou seja, a performatividade da diversidade é apenas mais uma adaptação estratégica do capitalismo para que o sistema de poder da supremacia branca permaneça intacto, controlando os postos de trabalho protegidos, as oportunidades e os benefícios econômicos que ela gera.

1.2 Embranquecimento e antinegritude

Na sociedade brasileira, pensar criticamente o racismo estrutural e institucional é um desafio, uma vez que o mito da democracia racial brasileira camuflou por anos o projeto político de embranquecimento nacional. Abdias Nascimento (1978) defende que essa é uma das estratégias de genocídio do povo negro brasileiro, ou seja, os jogos políticos de poder que, na realidade, pretendem ditar quem é negro ou não, buscam criar uma hierarquização racial interna ao grupo de afrodescendentes, que apenas fortalece o discurso de superioridade branca. Erigiuse no Brasil, portanto, a ideia e o conceito de democracia racial, segundo os quais:

[...] tal expressão supostamente refletiria determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem

nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas (NASCIMENTO, 1978, p. 41).

A maior prova de que a relação se daria de forma harmoniosa veio dessa hierarquização e do fenômeno social da “mestiçagem”. Não à toa, diversas palavras foram forjadas para o reforço dessa hierarquização racial e negação da negritude, tais como “moreno”, “mulato”, “crioulo”, “pardo” e tantas outras. Esse léxico foi inventado e operou em reforço da animalização – e da sexualização – da pessoa negra, uma vez que tais palavras eram expressões de cruzamento entre diversos animais diferentes (NASCIMENTO, 1978).

A armadilha do branqueamento reforça uma interiorização de preconceitos negativos historicamente atribuídos aos negros “indisfarçáveis”, retintos, ou de pele clara, gerando uma projeção de salvação a partir da assimilação dos valores culturais do mundo dominante branco (MUNANGA, 2008). Gerou-se, assim, uma falsa ideia de que o brasileiro poderia mudar de raça no decorrer de sua vida, isto é, a pessoa negra bem sucedida, ou que se casa com uma pessoa branca, poderia ter descendentes integrados ao mundo branco após 3 ou 4 gerações.

Alessandro Campos (2020), recentemente, problematizou a “mestiçagem” como ponto de partida para o entendimento do branqueamento como projeto na América Latina, mais do que uma simples coincidência histórica. O lugar da mestiçagem, pensado como “uma espécie de tolerado que, às vezes, é conveniente e, às vezes, é inconveniente por sua própria condição de performada existência híbrida” (CAMPOS, 2020, p. 34), foi central no apagamento histórico de pessoas negras ao se pensar em latinidades e negritudes. Desse modo, a miscigenação racial:

[...] tem operado como um mecanismo de suporte ao mito da democracia racial, na medida em que o intercuro sexual entre brancos, indígenas e negros seria o principal indicativo de nossa tolerância racial, argumento que omite o estupro colonial praticado pelo colonizador sobre mulheres negras e indígenas [...]. Em segundo lugar, a miscigenação tem constituído um instrumento eficaz de embranquecimento por meio da instituição de uma hierarquia cromática e de fenótipos que têm na base o negro retinto e no topo o ‘branco da terra’ (CARNEIRO, 2011, p. 66-67).

Como o ‘branco da terra’ foi instituído como um ideal positivo no imaginário coletivo, foi preciso criar uma série de palavras e termos para definir quem está mais próximo desse pertencimento racial e quem está mais distante. Assim, o esforço por definir quem é negro/a ou

não faz parte de uma estratégia colonial de manutenção do poder, pois apenas reforça o racismo, isto é, a supremacia branca.

Nessa dissertação, o uso dos termos *preto/a* ou *negro/a* possui a mesma força e acontecerá de forma livre. Assumir essa escolha faz parte de uma abordagem crítica consciente, cujo objetivo é não recair em uma estratégia colonial da classificação de quem é ou não negro/a, o que apenas reforçaria o grupo hegemônico – quase sempre, não racializado. Se esta pesquisa tem como um de seus anseios não recair na estratégia colonial da classificação de quem é ou não negro/a, o afropessimismo pode fornecer um marco teórico crítico importante, ao deslocar o foco da binariedade de negro/a x branco/a para a noção de *antinegritude* como fundamento do conceito europeu de humanidade. No contexto de invasão das Américas e de África, o projeto colonial racista impôs à categoria raça enquanto fenótipo, o delimitador de quem estaria circunscrito dentro do ideal de humanidade e quem estaria, por antagonismo, no espectro da anti-humanidade (WILDERSON III, 2021).

Dessa forma, o afropessimismo tem:

[...] como premissa uma alegação iconoclasta: que a negritude é limítrofe com a escravidão. A negritude é a morte social, o que quer dizer que nunca houve um momento anterior de plenitude, nunca um momento de equilíbrio, nunca um momento de vida social. A negritude, como posição paradigmática (e não como conjunto de identidades, práticas culturais ou ferramentas antropológicas), não pode ser desimbricada da escravidão (WILDERSON III, 2021, p. 256).

A literatura sobre negritude é extensa. A perspectiva crítica de Wilderson será tratada aqui como aporte teórico, pois para o autor, a escravidão é essencialmente uma dinâmica relacional e não um fato de uma era histórica, isto é, não necessariamente se encerra com a ausência do colonizador. A dinâmica de violência gratuita e submissão pode continuar a existir dentro das relações sociais, econômicas, culturais e demais instâncias da existência.

Ao aplicar essa noção à realidade brasileira, podemos afirmar que a abolição formal da escravatura, em 1888, não cessou a dinâmica de violência antinegritude, tampouco sua expressão dentro das relações de poder contemporâneas, principalmente nas relações de trabalho. A imposição, portanto, de uma categoria de raça fenotípica, pelo colonizador, criou uma divisão racial do trabalho para determinar aqueles que ocupariam a categoria de

humanidade e, assim, poderiam exercer um trabalho livre e remunerado, distinta daqueles que seriam os *condenados da terra*, com a imposição do trabalho compulsório (PEREIRA, 2021).

A dinâmica de violência contra a negritude, cerne das práticas escravagistas, foi marcada principalmente por: submissão à violência gratuita; destruição das relações familiares; humilhação, que antecede qualquer ação ou discurso. Assim, a anti-humanidade atribuída aos sujeitos negros, em contraposição a este conceito de humanidade, fez desses corpos (e de seu trabalho também) objetos substituíveis, descartáveis, sem o que caracterizaria a vida humana (PEREIRA, 2021). Nessa divisão racial do trabalho, as pessoas pretas são submetidas a qualquer violência, pois são *coisas* e não pessoas:

O que diferencia o negro do humano? É a diferença entre a morte social e a vida social; uma divisão entre violência estrutural, por exemplo, do capitalismo, do pós-colonialismo, e do patriarcado e a violência estrutural da morte social (WILDERSON III, 2021, p. 253).

Wilderson, então, diferencia a violência do Estado escravagista da violência da opressão capitalista, na medida em que transformar servos em trabalhadores exige, sim, muita violência, mas há um momento de remissão. Isso significa dizer que, após a estabilização das novas formas de urbanismo, práticas corporais, mecânicas trabalhistas e temporalidades, em um determinado momento, essa violência entra em remissão, diferente do que acontece com o/a escravizado/a: a violência contra pessoas negras não acaba. O autor aponta, ainda, que “enfrentar a compreensão de que alguém é um trabalhador é muito menos traumático do que se perceber negro, escravizado e não humano” (WILDERSON, 2021, p. 220).

Uma vez que minha pesquisa se propõe escutar e analisar discursos de pessoas pretas que ascenderam socialmente, a autopercepção é um fator importante nessa dinâmica indissociável de violência e trauma advinda do racismo. Se a capacidade de elaboração de um discurso sobre si mesmo/a faz parte de um processo de exercício da autonomia, conforme Neusa Souza (2021), logo ela é imprescindível para tornar-se sujeito/a. Grada Kilomba (2019) afirma que uma pessoa alcançaria o status completo de sujeito quando ela se identifica e se sente reconhecida como sujeito nos níveis político, social e individual. Uma vez que o racismo viola todas essas esferas, como podemos pensar a subjetividade de existências negras?

A subjetividade de pessoas negras foi afetada severamente pelas delimitações de espaço-tempo que fizeram parte da experiência escravocrata de existência, amplamente marcadas pela possibilidade jurídica de se tornarem propriedade de pessoas brancas, alienadas de laços familiares, afirmação sociocultural e construção de subjetividade; pela equiparação dos corpos negros à matéria bruta para extração, assim como minério, sem subjetividade; a associação da carne negra à economia libidinal, tornando-se o invólucro da violência gratuita, ou seja, o depósito da vida psíquica e emocional da branquitude (CORRAIDE; PEREIRA, 2021).

Aqui, dialogamos, talvez, com o ponto mais intangível que o afropessimismo aporta, ao constatar que a produção de subjetividade branca esteve ancorada na violência contra o/a negro/a, como base fundamental:

A violência da morte social (escravidão) é, na verdade, subentendida à produção da saúde psíquica de todos aqueles que não são escravos, algo que não pode ser literalmente mercantilizado ou ponderado em alguma balança real. Esse é o aspecto libidinal mais intangível (WILDERSON, 2021, p. 254).

Se a produção econômica parasita a força de trabalho da classe trabalhadora, por sua vez, a produção de capacidade humana parasita a carne da pessoa escravizada. Portanto, não ser escravizado/a se configura como um alívio psíquico dentro desse sistema de poder, como um gozo àqueles/as que possuem o status pleno de humanidade (WILDERSON III, 2021). Entretanto, à medida que o processo de formalização da abolição da escravatura e o discurso dos direitos humanos ganha força na sociedade civil, a violência física contra pessoas negras, necessária para a manutenção dos privilégios e prestígios da subjetividade branca, é reprimida ao menos no nível consciente do discurso.

Como o fundamento de humanidade derivado do projeto iluminista-colonial europeu, ancorado na antinegitude, não ficou estagnado no tempo, as relações de trabalho modernas podem ser pensadas sob essa lente de análise, isto é, quem pode ou não ser considerado/a humano/a. Em uma perspectiva jurídica crítica sobre as relações de trabalho, depreende-se que:

Conforme a doutrina juslaboral brasileira, é essencial para a configuração da relação de emprego que a prestação do trabalho seja realizada por pessoa física com personalidade. (...) A doutrina juslaboral, portanto, acredita que o empregado é dotado de personalidade, porque o seu trabalho compreende qualidades específicas, ligadas a uma subjetividade particular. Subjetividade

que contém inteligência, sentimentos, espírito, corpo e liberdade: que contém vida humana. A relação de emprego, assim, é trabalho humano porque é livre, mesmo com os todos os limites da autonomia da vontade em um sistema capitalista totalizante. Afinal, é o trabalho, conforme Marx, que define a ontologia e a sociabilidade humana. E é o trabalho capitalista, também conforme Marx, que limita a potencialidade e a especificidade deste ser social. Mas de qual ontologia humana estamos falando? (CORRAIDE; PEREIRA, 2021, p. 14).

Dessa forma, pensar as relações de trabalho pela ótica da liberdade e da autonomia sem refletir sobre quem é ou não dotado de *personalidade* pode ser uma grande fantasia eurocêntrica-humanista (CORRAIDE; PEREIRA, 2021). É preciso retomar a constatação previamente delimitada de que, no mercado de trabalho formal, as posições de poder com as melhores remunerações, garantias e proteções trabalhistas são ocupadas por pessoas brancas e revestidas pela lógica humanista. O afunilamento hierárquico nessas instituições brancas comprova a exclusão de negros e negras como regra tácita.

No que diz respeito ao mercado de trabalho informal, isto é, onde estão as pessoas sem carteira de trabalho assinada, temos prevalência da população negra, que está mais expostas à vulnerabilidade socioeconômica com pouca ou nenhuma proteção trabalhista. Na pandemia essa desigualdade ficou exposta, evidenciando o necroliberalismo, distribuindo as chances de vida ou de morte (REIS, 2020). Os corpos que poderiam ser sacrificados eram aqueles que caso se isolassem morreriam de fome.

Crescemos em escolas nas quais as “tias” da limpeza, os seguranças, as merendeiras e porteiros foram, em geral, pessoas negras, sem nome, sem individualidade, sem importância, enquanto professores/as, coordenadores/as e pessoas consideradas detentoras de “conhecimento” eram brancas, com nome e sobrenome, com suas subjetividades e reconhecimento assegurados. A mesma associação se deu no âmbito doméstico, com a casa grande e a senzala brasileiras, com a mucama e a empregada preta, “quase da família”, e os senhores da casa; se deu, ainda, nas experiências afetivas, com a preta para “comer” e a branca para se casar, como destaca Lélia Gonzalez (1984).

É preciso refletir que, a partir de uma leitura crítica da divisão racial do trabalho, sob a ótica do afropessimismo, corpos pretos não alcançam o status de personalidade, elemento fundamental para a caracterização das relações de emprego como trabalho e direito humano. Se a antinegitude impede que homens negros sejam considerados pessoas, as mulheres negras são

ainda mais oprimidas e violadas dentro dessa divisão racial/sexual do trabalho (CORRAIDE; PEREIRA, 2021).

Nesse sentido, é relevante evidenciar o *racismo genderizado* como perspectiva para se referir à opressão racial específica vivida por mulheres negras, uma vez que suas narrativas tendem a permanecer invisibilizadas nos debates acadêmicos e políticos (KILOMBA, 2019, p. 99). Usualmente, em debates sobre racismo, o sujeito é o homem negro; sobre o feminismo, o sujeito é a mulher branca; em debates sobre classe, “raça” não possui lugar central. Para que possamos navegar para além desse vácuo existencial, adotarei a perspectiva do *racismo genderizado* ao analisar as histórias das duas mulheres entrevistadas, pensando em como raça, classe e gênero atravessam suas narrativas de forma específica.

Assim, se por um lado, a ascensão de pessoas negras no Brasil via mercado de trabalho formal pode promover, no âmbito individual, melhores condições de existência materiais, por meio de mais recursos econômicos, qualidade de vida e acessos, por outro, esta ascensão não assegura mudanças coletivas estruturais – na medida em que a disputa parece ter como obstáculo o próprio status eurocêntrico de humanidade. As grandes empresas capitalistas, que usufruem os benefícios da colonialidade do poder e de lógicas exploratórias, seguem sendo instituições majoritariamente brancas e as pessoas negras servem como *tokens* para um discurso de inclusão quando, na prática, não há alteração efetiva no *status quo* sustentado pelo racismo, que é a supremacia branca.

1.3. Ascensão e trabalho ontológico

Se o projeto político da nação brasileira corroborou para, no campo imagético, a formação de um paralelismo entre cor negra e posição social inferior, o que significaria, então, ser negro/a no Brasil? Se ser branco significava ser cidadão, sujeito dotado de direitos, passível de tratamento digno, “foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco – ainda que tendo que deixar de ser negro – que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente” (SOUZA, 2021, p. 50). Criou-se, desse modo, um duplo trajeto para pessoas negras, por meio do qual ou há um conformismo com o paralelismo entre ser negro/a e a subalternização, ou há uma tentativa de rompimento com essa condição e ascensão social.

O trajeto para esse escape da miséria é realizado individualmente, isto é, a ideologia da ascensão social colocou a ênfase na capacidade individual de efetivação desse projeto. Então, via ascensão social, o/a negro/a buscava assemelhar-se ao/à branco/a, mas o custo disso é, paulatinamente, deixar de ser negro/a, por meio da renúncia de sua negritude, isto é, de sua identidade. Como aponta Neusa Souza:

A história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação (SOUZA, 2021, p. 53).

Destaco que o marco teórico do afropessimismo não é suficiente para a ampliação da discussão acerca da negritude, por considerá-la apenas como paradigma da morte social. Nesse estudo, negritude também pode ser entendida como construção de uma identidade racial, tal qual apontada por Neusa Souza (2021), estabelecendo diálogo com a história da ascensão social da pessoa negra no Brasil. Escutar as histórias de pessoas negras que ascenderam econômica e socialmente é se propor a refletir sobre como a negação do próprio corpo e pertencimento racial afetam a subjetividade, a vida psíquica e a existência relacional. Afirmar que esses corpos são pessoas/sujeitos é uma forma de contestação que busca reivindicar subjetividades pretas, por meio da elaboração de um discurso da pessoa negra sobre si mesma.

Recorrendo à teoria psicanalítica de Frantz Fanon, um dos traços centrais da violência racista é a relação persecutória entre o sujeito negro e seu corpo, por meio do preconceito de cor. Dentro desta relação de constante vigília, punição e auto-ódio ao próprio corpo, não há espaço para prazer – fonte vital de energia psíquica para as pessoas. Em *Pele negra, máscaras brancas*, essa relação persecutória fica evidente quando o autor destaca:

Era ódio; eu era odiado, detestado, desprezado, não pelo vizinho da frente ou pelo primo materno, mas por toda uma raça. Estava diante de algo irracional. Os psicanalistas dizem que não há nada mais traumatizante do que o contato com o racional. Pessoalmente, eu diria que, para um homem que só tem a razão como arma, não há nada mais neurótico que o contato com o irracional (FANON, 2020, p. 133).

Tornar-se negro/a, portanto, pode ser uma dilacerante descoberta diante da irracionalidade do racismo, base do trauma de pessoas negras. Ao afirmar que “[...] para a psicanálise, não se nasce com um corpo. O corpo, para a psicanálise, não é um dado natural, é algo que se constrói, algo que se inventa” (SOUZA, 2021, p. 155), pergunto-me como é possível existir, resistir e sobreviver ao trauma e à violência constante do racismo, sobretudo em instituições brancas.

É nesse sentido que o conceito de *trabalho ontológico* nos fornece um referencial analítico importante na reflexão sobre a ascensão social como rompimento da histórica divisão racial do trabalho no Brasil. As empresas privadas, como instituições e espaços de poder eminentemente brancos, são locais privilegiados para investigar (sobre)vivências pretas em busca de melhores condições materiais de existência.

Conforme Sara Ahmed, o trabalho ontológico consiste em um trabalho invisível realizado por pessoas negras que se desdobra em duas vertentes. A primeira se manifesta no enfrentamento da **violência diária** para permanecer em instituições que são historicamente naturalizadas como brancas, a exemplo da academia jurídica, inclusive aquela trabalhista. Este trabalho ontológico se desenvolve no âmbito do ser, na medida em que pessoas negras não se sentem pertencentes àquele lugar, o que pode resultar em adoecimento mental, suicídio, desvalorização do trabalho, assédio moral e sexual, discriminação, silenciamento, **roubo da fala**, entre outras modalidades de microviolência diária.

A segunda vertente diz respeito ao trabalho de pessoas negras em adquirir um know-how para desenvolver estratégias de sobrevivência em instituições brancas, mesmo que isso implique muitas vezes a mutilação de si mesmas. Tais estratégias perpassam pelo despojamento de símbolos culturais e religiosos, pela imposição de vestimentas, cortes de cabelo e mimetização da linguagem (CORRAIDE; PEREIRA, 2021, p. 10).

No que diz respeito à violência diária de permanência, ser negro/a é estar exposto/a constantemente à categorização como “diferente”. Esse é um dos principais traços do *racismo cotidiano*, uma vez que essas experiências violentas não são pontuais, mas se apresentam como um abuso contínuo e sistemático. Tornar-se “outro/a”, diante da branquitude, é ser roubado/a do direito de existência como igual (KILOMBA, 2019).

O conceito de trabalho ontológico se entrelaça à noção de racismo cotidiano, elaborado por Grada Kolomba (2019), na medida em que este se refere aos gestos, vocabulário, discursos, imagens que colocam o sujeito negro não só como outro/a, mas como outridade. A pessoa negra

se torna a personificação dos aspectos reprimidos da sociedade branca, um depósito para medos e fantasias brancas do domínio da agressão ou da sexualidade (FANON, 2020).

No racismo cotidiano, a pessoa é percebida ora como intimidante, ora como desejável, fazendo com que o/a sujeito/a negro/a seja visto como infantilizado/a, primitivo/a, incivilizado/a, animalizado/a e/ou erotizado/a. Sob a lente do afropessimismo, o racismo cotidiano poderia ser traduzido como a prova concreta de que a ascensão de pessoas negras não garante uma mudança coletiva: não há alcance do status de humanidade.

Ao abraçar a narrativa de diversidade, o que a não-negritude tenta fazer é promover a imagem de um tipo de branco progressista, tolerante e solidário. Ao mercantilizar a narrativa da diversidade, tenta-se ocultar como as instituições anti-negras contemporâneas permanecem imbricadas pela colonialidade do poder. Declarações institucionais de diversidade podem possuir um significado exatamente oposto daquilo que é verbalizado. Ao assumir esta postura, instituições não se sentem socialmente responsáveis pelas mortes de pessoas negras. São declarações que, na maioria das vezes, não fazem o que falam e que só servem para promover e aliviar a própria branquitude. Nas palavras de Sara Ahmed, são declarações não-performativas: elas não correspondem ao que dizem. (CORRAIDE; PEREIRA, 2021, p. 14).

Dessa forma, o *problema do racismo* para as instituições brancas é uma declaração não-performativa, ou seja, é preciso que haja algumas pessoas pretas em postos hierarquicamente superiores para garantir performances que sustentam o discurso neoliberal da diversidade, especialmente voltados à negritude e ao gênero. Entretanto, a existência dessas pessoas negras é atravessada por experiências de racismo cotidiano, configurando-se como um problema real. No âmbito individual, ao propor que pessoas negras que ascenderam socialmente falem sobre suas próprias trajetórias, é possível refletir sobre possibilidades de existências pretas nessas instituições brancas e qual o custo emocional/existencial da ascensão.

Eu falei para o Cláudio, eu falei amigo, todo mundo preto que tiver estudando e fazendo tese me coloco à disposição... É um monte de gente branca da academia que tem a teoria, mas não tem a vivência.

(Laura)

Laura, nome ficcional de uma das entrevistadas, ao trazer a reflexão acima, mostrou grande vontade de enfrentar a dominação branca nos espaços de poder, como a academia e as grandes empresas. Sua fala me remeteu ao que escreveu Lélia Gonzalez (1984): “*o lixo vai falar, e numa boa*”. Para falar, precisamos da boca que, desde a instauração do projeto colonial

de poder/saber, pode ser analisada como metáfora para posse e interdito. A máscara do silenciamento foi um dos principais símbolos para amordaçar a boca do/a *sujeito/a negro/a* e tolher sua capacidade de fala (KILOMBA, 2019). Se sua principal função era impor um senso de mudez, o ato de falar pode ser entendido, ainda hoje, como uma forma de resistência.

Tornar-se negro/a talvez seja a possibilidade de falar e elaborar um discurso autônomo sobre o que é existir.

2 TRAJETÓRIAS DE ASCENSÃO: ATRAVESSAMENTOS

Dialogar com as quatro pessoas entrevistadas nessa dissertação foi uma experiência realmente enriquecedora. Ao entrar em contato com as pessoas selecionadas, para efetivar o convite, meu pedido era que encontrássemos uma agenda que nos garantisse conforto e tranquilidade para a realização da entrevista com qualidade. Fui surpreendido positivamente com a disponibilidade quase imediata de Cláudio, Nunes, Marta e Laura – todos os nomes fictícios –, sabendo que são pessoas extremamente ocupadas.

Destaco, como ponto comum, que todas as pessoas nasceram e moram hoje na cidade de São Paulo, onde há a maior concentração da elite corporativa do país. Em 2015, das 500 maiores empresas no país, 57,3% concentravam-se na região sudeste e, destas empresas, 62,7% tinham a matriz situada na cidade de São Paulo (ETHOS, 2016). É possível notar uma gradual tendência de diminuição da relevância do eixo Rio-São Paulo, uma vez que em 2003 a região concentrava 65% das 500 maiores empresas, porém ainda se configura como local de maior concentração da elite empresarial.

Quanto às áreas de especialidade e atuação, Cláudio é um executivo da área de *Marketing*; Laura é uma executiva da área de *Riscos e Compliance*; Nunes é um executivo da área de *TI*; e Marta é uma executiva da área de *Recursos Humanos*. Todas as entrevistas foram feitas pela plataforma *Teams*, de forma virtual, sem um limite de tempo pré-definido. Convém pontuar que as quatro pessoas entrevistadas se conhecem, como evidenciado na fala de Laura, no capítulo anterior (e em outros trechos que serão apresentados ao longo do texto). Essas histórias se cruzam não apenas pelos elos que eu encontrei e pelas análises teóricas que atravessam as quatro narrativas, mas também porque há um reconhecimento coletivo e de amizade entre as pessoas.

2.1. *Algemas douradas: a história de Cláudio*

Sou filho do G. e da R., nascido e criado na zona leste de São Paulo. Minha mãe é dona de casa, meu pai trabalhou por muitos anos no Grupo Matarazzo, trabalhou em fábrica e, nos últimos anos, ele trabalhou diretamente com a herdeira, que é a Maria Pia Matarazzo. Então sempre foi uma dinâmica bastante interessante... Dele conviver com uma família muito rica, a gente sendo de uma classe média baixa e ele tendo que se virar além do salário e

buscar outras alternativas para dar o padrão de vida que a gente [pausa] que a gente queria, né?

Cláudio inicia sua elaboração sobre si destacando o local de origem, como um demarcador de experiências vividas: ter *nascido e sido criado* na zona leste de São Paulo, região periférica e negra da cidade, atravessa sua história pessoal e familiar. É interessante notar que não há, inicialmente, qualquer menção sobre a identidade racial de seus pais, mas sim de classe social – *a gente sendo uma classe média baixa*. O desejo de efetivar o projeto de ascensão já se faz presente quando Cláudio elucida sobre o esforço do pai para dar o "*padrão de vida que a gente queria*". Por isso, no que diz respeito ao desejo, analisarei sua história a partir do modelo do ideal do ego, que pode ser definido como a instância que estrutura o sujeito psíquico – o lugar do discurso. Neusa Souza (2021) afirma que o contexto familiar é o primeiro lugar em que a ação constituinte do ideal do ego se manifesta e que realizar ou não este ideal torna-se uma fonte importante de harmonia e tranquilidade do indivíduo (SOUZA, 2021, p. 64).

Uma vez que a dinâmica de classe surge como elemento relevante, exploro aqui o momento em que Cláudio começa a trabalhar, ou seja, está imerso na dinâmica de ascensão, que pode promover no âmbito familiar ou individual melhores condições de existência materiais. A lembrança que tem desse momento inicial de ingresso no mercado de trabalho atesta isso:

*Bom, eu comecei a trabalhar com 16 anos⁶, fazia (curso de) Processamento de dados, junto com o ensino médio e comecei a trabalhar como estagiário, na época ainda Telesp. Depois virou a Telefônica, virou Vivo, mas na época ainda era uma empresa estatal e naquela época, de alguma forma, eu sentia que eu estava mais num momento ali "gente como a gente", porque estagiava com pessoas que também moravam em todos os lugares de São Paulo. **Tinha gente que morava mais longe do que eu.** Eu lembro que teve uma época, que tinha um amigo também que levava marmita e esquentava lá, tinha lugar pra esquentar marmita, né? E tudo bem. E eu lembro que eu ganhava dois reais por hora, então eu sei, muito pouco, mas na época até fazia sentido. **Tanto que eu lembro que acho que com o primeiro salário eu comprei uma TV para minha mãe e uma calça pra mim...** Eu falava "nossa, olha como agora eu sou independente, né?". Ingenuidade.*

*Mas aí eu fui pra faculdade, eu comecei a fazer Administração. Acho que na USP foi meio que uma continuação até do ambiente que eu tinha na Federal, porque você também tinha pessoas ali de classe média, classe média alta, mas tinha muita gente que também estava emergindo e que morava na Zona Leste. **Então, apesar de ter pouquíssimos negros, eu também me sentia dentro, né?***

⁶ Todos os grifos, ao longo das próximas seções, são destaque do autor.

E eu lembro que uns amigos me falam hoje: “nossa, hoje você é tão mais engajado do que você era na época”, porque eu acho que eu levantava até uma ou outra questão racial, mas de uma forma muito tímida, que não era tanto a minha agenda também.

*Mas eu acho que aí algumas coisas começaram a mudar quando eu decidi conhecer a área de marketing. Eu tinha feito estágio na Unilever e, de repente, surgiu uma oportunidade para trabalhar em marketing ali imediatamente na PepsiCo, e eu decidi ir. Mesmo tendo a perspectiva de talvez ter um emprego efetivo na Unilever ou estagiar lá em outras áreas, etc, eu quis fazer essa mudança de uma forma mais imediata. E aí sim eu senti uma diferença grande, porque o que acontece é que a área de marketing é muito elitizada. Então eu passei a conviver com pessoas que, todas elas tinham estudado nos melhores colégios de São Paulo, tinham feito intercâmbio, estudavam em escola particular e, putz, iam almoçar e gastavam uma puta grana, porque também não estavam muito preocupadas com o valor do vale refeição. **E aí eu me senti diferente.***

*Só que, para mim, se eu me senti diferente, sempre tinha uma intersecção de, ah será que raça? Será que classe social? E acho que por muito tempo eu tentei acreditar que, **ah é classe social, então eu tenho que ascender.***

Com seu primeiro salário, Cláudio avança na busca de aquisição de mais conforto material, comprando uma televisão e uma calça. Aos dezesseis anos, estagiando em uma instituição menor, na qual há pessoas que *moram mais longe do que ele*, esquentar a marmitta com o colega para comer no horário do almoço parece ser uma atividade que não lhe causa incômodo algum. Anos depois, ao adentrar e conviver em um ambiente elitizado, onde as pessoas não estão *preocupadas com o valor do vale refeição*, ocorre a primeira sensação de diferenciação. Este novo ambiente de trabalho é uma instituição branca.

Quando se questiona sobre a falta de sensação de pertencimento, adentrando uma bifurcação sobre raça ou classe, podemos depreender que a formação de seu ideal do ego foi fundada na dupla opressão de classe e de cor (SOUZA, 2021). Neste discurso, fica evidente que a ascensão irrompe como uma possibilidade de superar o que até então era entendida tão somente como uma opressão de classe. Esse caminho de superação, como marca da cultura ocidental branca, se dá de forma individual, ou seja, segundo uma lógica meritocrática neoliberal, somente a própria pessoa é responsável por seu sucesso ou fracasso em ascender. Assim:

Os sujeitos econômicos, nesse cenário, parecem responder às demandas materiais e simbólicas da sociedade para a qual se voltam, segundo denominadores comuns de um mercado transnacionalizado e “onisciente”, que regula seus comportamentos. Um dos aspectos mais significativos desse

novo *ethos empresarial*, entretanto, talvez seja o trabalho que o sujeito é instado a desempenhar sobre si mesmo e seu “destino”, com vistas a uma boa performance e à autovalorização que se transmuta em esforço, vigor, sucesso, eficiência. [...] Note-se que essas mutações subjetivas são embasadas por uma espécie de ética da assertividade, por meio da qual o sucesso é internalizado como responsabilidade individual dos sujeitos; e o fracasso, como culpa (REIS, 2020, p. 1078-1080).

No que diz respeito às experiências de Cláudio, antes de se sentir *diferente*, convém olhar para o que foi apontado em seu discurso como relevante nas histórias de infância e adolescência:

*Mas, para mim, uma outra virada foi que eu estudei oito anos num colégio municipal e quando eu estava no comecinho da oitava série, uma amiga minha me comentou da Escola Técnica Federal e que eles tinham um cursinho e que era um colégio muito bom, que hoje é o CEFET. E ela comentou ali ser um cursinho para entrar no ensino médio. Você quer fazer essa prova? Vê se a gente passa no cursinho. E aí fomos lá e fizemos uma prova juntos. Eu passei, ela não. Depois a amizade deu uma degradingolada. Mas, para mim, essa foi uma outra mudança muito grande de vida, porque **até então a minha rotina era ir para uma escola municipal na zona leste, ter meus amigos dali, etc.** E quando eu fui para a Federal, foram várias mudanças. Acho que foi o primeiro momento que eu tive a chave de casa, porque eu tinha que sair e voltar em horários diferentes, então tinha lá a chave de casa, que para mim foi quase que uma emancipação. **Mas conhecer gente assim da cidade toda, né? Gente de classes sociais muito diferentes da minha.** Então, pessoas que ralavam tanto ou mais que eu e que vinham de lugares periféricos, até gente que vinha de uma classe média alta ou de uma classe alta super abastada. E, de alguma forma, aquilo funcionava. Acho que todo mundo convivia bem e foi um colégio que, eu acho, me colocou num outro patamar, porque na escola municipal você sempre tinha aquela coisa, **ah poucos alunos eram os que conseguiam sair dali e ter uma carreira ou ir pra uma faculdade boa.***

Como detalhado no primeiro capítulo, a formação de um paralelismo social entre vida negra e inferioridade social fica evidente no discurso acima, quando *sair dali* se torna um divisor de águas: *poucos alunos eram os que conseguiam sair dali*. Em seu ideal do ego, pode-se dizer que “ficar” representaria ter uma vida miserável, marcada pela pobreza material, e “sair” e ter uma *carreira ou ir pra uma faculdade boa* seria alcançar o sonho de sucesso e a possibilidade de “vencer na vida”.

Para a realização desse ideal, portanto, dois elementos merecem destaque pela recorrência com que aparecem em sua elaboração: a territorialidade e a centralidade da educação. Tratarei ambos os elementos como chaves de leitura para a compreensão da história de Cláudio. A territorialidade, isto é, o local de origem aparece como um local do qual é preciso

fugir, ou seja, quanto mais distante estiver, melhor para o campo da tranquilidade psíquica e aquisição material. Já a educação surge como o caminho possível, um meio concreto para a realização dessa fuga do local de origem e efetivação do projeto individual de ascensão.

*E acho que, assim, **meu pai também estudou muito pouco, veio do interior de Minas**, mas acho que intuitivamente ele foi aprendendo muito. E o fato de ele ter trabalhado em áreas diferentes dentro da mesma empresa. Então ele teve essa coisa de construir a vida dele ao redor de uma empresa que eu acho que até inconscientemente afetou o meu profissional depois.*

*E tinha muita dedicação, né? **Ao mesmo tempo, teve uma coisa que ele falou que é um ponto sempre vai para terapia, que é esse negócio de estar sempre perto de pessoas ricas e brancas.** E ele se orgulhava muito da honestidade de poder deitar a cabeça no travesseiro. Ele sempre falava “nossa, mas a mulher”, no caso a Maria Pia, que é patroa dele, “está sempre com problemas com Receita Federal”. Todos os problemas que ela tem de um grupo empresarial que faliu. E ele falava “ah, é por isso que eu acho que o bom da gente é que a gente pode não ter dinheiro, mas a gente tem tranquilidade”. Ele sempre trazia isso. Mas teve uma coisa que ele me trouxe que.... que até tema de terapia hoje e tudo que é **“olha, você vai ter que estudar bastante e tal, mas não incomoda demais não!”**. E aí ele leva muito pra experiência dele como quem dissesse, “eu sempre convivi com essas pessoas, eu nunca tive problema, mas também eu nunca quis incomodar”. E acho que é algo que ficou meio enraizado, que até hoje eu olho e falo, - ah eu podia incomodar mais. Mas eu acho que isso meio que direcionou um pouco como eu fui criado, **como eu me percebi em outros lugares.***

É comum observar, em histórias narradas por pessoas negras, um lugar privilegiado ocupado pelos antepassados e ancestrais, fazendo com que suas palavras alcancem um estatuto de verdade, confiança e força de lei (SOUZA, 2021). Ao pensar no que sempre escutou de seu pai, *você vai ter que estudar bastante*, vemos um dos reforços da construção do ideal do ego na experiência de Cláudio, fazendo com que estudar se torne uma exigência interiorizada. A viabilização do que não foi possível efetivar por estes antepassados ocupa um lugar central nos anseios de filhos, netos, bisnetos, impactando diretamente em seus sonhos e realizações. Dessa forma, ser bem sucedido estaria ligado a ser uma pessoa estudiosa, porém sem *incomodar*.

bell hooks (2017) discorre sobre a necessidade de considerarmos a diferença entre a educação como prática da liberdade e a educação que só se realiza para reforçar os sistemas de dominação, como o racismo. Assim, a centralidade dos estudos na história de Cláudio, surge para que, dentro da lógica capitalista neoliberal, ele, enquanto homem negro, pudesse ocupar postos de trabalho de maior prestígio. Uma vez que seu pai tem um posto de trabalho

precarizado, na posição de empregado de uma família rica, ele deposita no processo de educação a possibilidade de abertura de novas relações de emprego e renda.

Ao orbitar ao redor de *pessoas ricas e brancas*, o pai de Cláudio sabe que o sistema vigente é informado pela supremacia branca, ainda que não tenha *estudado muito*. Parece, então, que a orientação de *não incomodar demais* surge da percepção, ainda que não consciente, de que como os sistemas de dominação permanecem inalterados por meio da ascensão individual, ou seja, o indivíduo negro que ousa questionar as regras é substituído por outro. A descartabilidade da pessoa preta, nas relações de trabalho, torna-se uma crença que funciona como estatuto de verdade para Cláudio, que vive o conflito de querer *incomodar mais* em algumas situações e temer as consequências desse isolamento: a frustração do projeto de ascensão.

Eu acho que, por muito tempo e até hoje é assim, eu não sou necessariamente a pessoa conflitiva ou a pessoa que insiste em determinados pontos de vista etc. Mas eu acho que, a partir de um determinado momento, quando você ascende, isso é importante. E aí eu fico no lugar de... putz, eu quero ascender mais, eu quero atingir coisas incríveis e ao mesmo tempo eu quero ser aceito, eu quero ser amado. Eu não quero necessariamente causar conflitos. Então é um lugar difícil, porque uma coisa é você querer ser aceito e você se conformar ali com o que você tem com a sua vida mediana. Outra coisa é você querer atingir mais coisas e ainda assim querer ser aceito, querer ser amado (...) E aí esse é um lugar meio de sofrimento.

A territorialidade fica evidente em seu discurso quando ele reforça o paralelismo entre *se conformar ali* e ter uma *vida mediana* ou ter uma vida melhor, *com mais coisas*, o que exigiria deixar seu local de origem. O sofrimento experimentado por Cláudio nos remete à teoria psicanalítica de Fanon, que aponta para o dilema do reconhecimento da pessoa negra, pois “quando me amam, dizem que é a despeito da minha cor. Quando me detestam acrescentam que não é por causa da minha cor... Por um lado ou outro, sou prisioneiro do círculo vicioso” (FANON, 2020, p. 131). Ao querer *ascender mais, atingir coisas incríveis* e ao mesmo tempo querer ser aceito, vemos um nível de frustração crescente, uma vez que, no nível simbólico, há uma relação instável estabelecida entre o ego atual e o ideal do ego. A ascensão da pessoa negra é marcada por uma dramática insatisfação, a despeito dos êxitos conquistados, visível nesse lugar *meio de sofrimento* elaborado em seu discurso (SOUZA, 2021).

Ao longo da conversa, fizemos uma pequena pausa para tomar água e café. Essa pausa foi interessante, porque Cláudio voltou, cerca de cinco minutos depois, com a urgência de trazer

mais uma pessoa à cena de suas memórias de infância, que detalharei abaixo. Para essa dissertação, é fundamental analisar o fluxo livre de narrativas, memórias e de construção do discurso e dos sentidos sobre a própria experiência pela pessoa entrevistada. Por isso, destaco o aparecimento de dona Nair, nova personagem que entra em cena na conversa:

*Eu lembrei de mais uma pessoa da infância para falar. A dona Nair era **uma vizinha lá na rua onde a gente morava e ela era diretora de escola... e negra**, e ela falava muito que era uma das poucas negras diretoras de escola e ela era aquela pessoa que trazia muito forte a questão do racismo, e ela falava que ia processar... Isso nos anos 90. Então na época, ao mesmo tempo que olhava, eu achava que ela era um exemplo e eu gostava de conversar com ela por ser uma pessoa mais articulada, uma pessoa inteligente, uma pessoa que tinha estudado bastante. Em alguns momentos eu falava nossa, **ela é meio radical, né?** E depois de muitos anos eu comecei a ver que não, imagina o que ela devia ter sofrido, naquela época, para ela realmente ter que se posicionar do jeito que ela se posicionava.*

_ Isso te assustava um pouco?

*Um pouco, eu acho que até porque quando eu comecei a trabalhar e eu falei muito essa coisa do meu pai e o meu pai trabalhou muitos anos como meio que mordomo, como secretário de uma mulher muito rica, então a vida dele era servir, né? **Era servir e com essa mentalidade de não incomodar para conseguir conviver, para conseguir ter um lugar à mesa, como ele dizia. E acho que eu tive, e acho que eu ainda tenho essa mentalidade...** Para ter o lugar à mesa, vamos servir, não vamos incomodar, vamos fazer as coisas do jeito mais harmônico possível. Acho que é algo que, de alguma forma, impactou toda a minha família. Uns mais, outros menos, ou de formas diferentes.*

Dona Nair entrelaça até aqui as duas chaves de análise descritas na história de Cláudio, uma vez que ela é uma *vizinha lá na rua*, isto é, uma pessoa do bairro de origem, próxima, e ao mesmo tempo é inteligente, articulada, possuindo o cargo símbolo do sucesso da carreira educacional – *diretora de escola*. Somente após essa caracterização é que surge a verbalização contraditória de que, ainda sim, ela é *negra*, como concessão, mostrando como essa associação entre negritude e sucesso era distante de seu ideal do ego.

Essa associação quase impossível fica evidente no estranhamento com a postura combativa de Dona Nair contra o sistema de dominação – o racismo. *Ela é meio radical né?* Dona Nair, em alguma medida, era uma mulher negra que ousava *incomodar demais*, pois ameaçava nomear situações racistas, ou seja, expor demais o contexto de racismo estrutural. Dentro do mito construído em seu contexto familiar, esse incômodo não deveria fazer parte do arquétipo da pessoa negra bem sucedida, tranquila e harmônica.

Essa costura me faz retomar a falácia do mito da democracia racial brasileira, diante do qual pretos e brancos viveriam harmoniosamente neste país, desfrutando de oportunidades econômicas, sociais, educacionais e culturais similares. Sob a ótica do racismo genderizado (KILOMBA, 2019), uma vez que estamos dialogando com Dona Nair, o mito se mostra ainda mais violento, por camuflar o estupro colonial e as violações sistemáticas como práticas cotidianas de violência às mulheres pretas. Se a miscigenação foi o carro chefe do simbólico da harmonia entre população preta e branca neste país, o estupro colocou a mulher negra num local específico de violência e, conseqüentemente, encarada como "objeto", com menos oportunidades de inserção e de reconhecimento público.

Na história do pai de Cláudio, toda a herança colonial das relações sociorraciais e de emprego ficam evidentes. Seu pai, que foi mordomo, ocupava um lugar entendido como mais favorável em relação àqueles que não estavam na casa grande, para aludir aos símbolos da colonialidade brasileira. Nessa dinâmica, o destino natural dos/as negros/as é ocupar postos para servir a branquitude, e corroborar a divisão racial e sexual do trabalho. Talvez não plenamente consciente, mas parece que Cláudio tinha já certos vislumbres de que caso o/a preto/a incomodasse demais, só lhe caberia deixar seu frágil lugar à mesa e voltar para onde nunca deveria ter saído: a senzala.

*Minha mãe, ela se alfabetizou, na verdade, adulta. Eu lembro quando era pequeno, que ela fazia ali, eu não sei exatamente se era Mobra o nome ou se tinha um outro nome, mas ela fez uma alfabetização adulta. E eu vi ali, eu conhecia a professora dela, eu vi que ela foi aprendendo coisas. **E acho que hoje eu compreendo muito melhor, porque na época eu ainda olhava e falava “Nossa, mas ela está... ela está aprendendo, está indo pra escola, mas ainda tá escrevendo coisa errada”.** E depois eu fui entender que não, mas faz parte do processo como ela é, como ela entende, como ela convive. E não necessariamente porque está escrevendo alguma coisa errada não significa que ela não aprendeu e não está evoluindo de outros aspectos, né?*

A educação tardia de sua mãe causa desconforto em Cláudio, pois ocorre uma associação automática entre aquisição de conhecimento, escolarização e educação formal. Ainda que de forma não consciente, ele sabe que só realizaria o caminho individual de ascensão caso dominasse bem os códigos e condutas brancos de existência em um mundo antinegro. Novamente, vê-se o projeto de realização que não foi possível aos antepassados se tornar um reforço no "esforço evolutivo" dos filhos, segundo uma dinâmica de investimento em si e mérito.

Sabe-se que esse processo de educação e escolarização formais, ainda que não necessariamente funcione como prática para liberdade, excluiu e ainda exclui grande parte da população negra brasileira. A adoção das cotas raciais como tentativa de reparação histórica se iniciou apenas nos anos 2000 e ainda foi amplamente questionada como ação política válida (CARNEIRO, 2011) – sobretudo, pela branquitude acadêmica (CARDOSO, 2022).

O “esforço pessoal” continuou sendo apresentado como mecanismo educativo e ideológico usado para a falsa noção de mobilidade social, isto é, o reforço de que, com o processo de educação formal, a divisão racial de trabalho derivada do racismo desapareceria. Assim, por meio da meritocracia, pretos e brancos poderiam alcançar qualquer posição nas relações de emprego, inclusive o topo. Sobre essa falsa noção, Cláudio menciona como sua percepção foi se alterando ao longo dos anos:

*Eu lembro de uma pessoa, não lembro se foi no (curso de) inglês ou se foi em empresa, deve ter sido em empresa, que pessoa me falou “não, as pessoas falam que não tem muitos negros na empresa, mas assim, primeiro, você está aqui, você conseguiu, né? É que eu acho que às vezes tem muita gente aí. Não estou falando só de negro, tá? Mas tem muita gente que não se esforça tanto. Mas você vê, você está aqui, você conseguiu e está tudo certo”. **E acho que por muito tempo eu caí nesse personagem [pausa]** e eu caí nessa de “ah eu consegui, tá tudo certo. Meritocracia, certo? Vamos lá.” Eu acho que eu não tinha o arcabouço adequado para enfrentar isso, por mais que eu tivesse um certo letramento na adolescência, acho que meu irmão me trazia muita questão de tirinhas, cartoons. Até eu lembro de ter livros sobre orixá pra ler, ele fazia parte do movimento negro, então ele me trouxe alguma educação racial e obviamente tinha lido, sabe? **Mas eu acho que nessa jornada de eu quero crescer, eu quase que ignorei isso.***

Destaco que, na elocução dessa parte de sua história, o discurso de Cláudio foi marcado por pausas significativas, hiatos e embargos em sua voz. Assumo nessa pesquisa que o ritmo, a cadência, os silêncios e a emoção são importantes na construção de discursos sobre si. Que eles operem como transgressores e questionem as noções de sucesso do capitalismo neoliberal ou mesmo que reforcem a sua lógica, não são elementos extra-discursivos, mas constituem parte importante das narrativas de si.

Há certa tristeza quando Cláudio se dá conta de ter ignorado *isso*, por anos. Mas ora, o que seria então *isso*? Nas palavras de Neusa Souza, seria o “massacre mais ou menos dramático de sua identidade” (SOUZA, 2021, p. 46), uma vez que a pessoa negra em ascensão – em algum

momento – precisa lidar com a dilacerante descoberta de se ver negro/a em um mundo antinegro.

*Acho que, em muitos momentos, eu acabei, acabei sendo token. Então isso eu vi na vida profissional, claramente. Lembro muito que na PepsiCo me chamaram para... me chamavam para várias reuniões aleatórias, às vezes até... a Indra, por exemplo, que foi CEO na época, depois ela virou CFO global, ela super famosa, a indiana, e assim escolheram, sei lá, 20 pessoas da sede para estar na reunião com ela. E eu era uma das pessoas e eu estava na mesa da frente. E aí a primeira pergunta que a pessoa do RH faz é sobre diversidade, né? (...) Então, assim, e eu não tinha noção que eu estava sendo um token ali, mas eu super era. Tanto que quando eles fizeram também uma revistinha corporativa, que na época era moda, eu fui parte da capa, né? Eu, uma mulher de uns 60 anos que eu acho que era a única que tinha ali, mais um japonês, aquela coisa bem Benetton, né? Relatório anual de empresa que quer ser diversa. E na época eu não tinha tanta noção, né? Mas eu acho que era isso, muitas vezes quando acontecia alguns episódios que eu poderia dizer hoje: olha isso aqui foi racismo, na época eu tentava dizer.... não, é porque talvez eu venho de uma outra classe social, talvez eu seja muito jovem, talvez eu não esteja tão bem vestido. **Eu sempre encontrava uma outra desculpa, mas que hoje claramente eu olho e falo, não, isso aqui foi racismo.***

A autopercepção de ter sido usado por uma corporação como um *token* chama a atenção nesse trecho do relato. Cláudio parece deixar de lado o que ele chama de *desculpas* e passa a nomear certas situações vividas como experiências racistas que o marcaram. Temos aqui um exemplo do esfacelamento da ambiguidade narrada por Munanga (2008), pois Cláudio percebe que, apesar de ter ascendido para uma classe mais abastada, não deixa de vivenciar *na pele* o preconceito racial.

Chegamos, assim, ao dilema central da história de Cláudio: seu ideal do ego é branco. Como ser branco é impossível, o nível de tensão psíquica para a realização deste ideal é uma crescente fonte de angústia, cuja reação existencial, em primeiro lugar, pode ser o quadro de profunda melancolia como forma de punição do superego ou então a luta ainda mais ávida para encontrar caminhos de ascensão e realização do ideal do ego (SOUZA, 2021). Desta forma, para além das duas chaves de leitura já destacadas aqui, territorialidade e centralidade da educação, adiciono à análise dessa trajetória uma terceira chave para examinarmos essa história de vida, que é o *embranquecimento compulsório* de pessoas negras em ascensão.

Eu só fui perceber isso muito tempo depois, é quase como se a gente se embranquecesse um pouco para entrar num determinado padrão. E eu não queria ser uma pessoa vítima. Aquela pessoa percebida como vítima de racismo. Até interessante que assim, na minha faculdade, não na minha sala,

na outra sala, tinha a Dani, que é uma menina negra, se for olhar pelos padrões, mas que ela é parda, vai, se a gente puder falar assim. E eu lembro que na época da faculdade ela falava coisas do tipo “ai, nem os brancos nem os negros me aceitam, porque eu estou no meio, porque as pessoas não me querem”. Ela trazia muito isso e aí muita gente olhava para ela e acho que até eu caí nessa coisa de falar “olha, você fica reclamando aí, olha pro Cláudio e ele não tá reclamando”. E eu até achava legal, depois eu fui perceber que ela tinha várias questões. Ela tinha várias questões por vários motivos, mas é uma questão válida e talvez que as pessoas não entenderam. Ela levantando uma discussão na época que as pessoas não estavam preparadas para.

O surgimento de Dani na narrativa nos remete ao pensamento de Abdias Nascimento (1978), quando o intelectual reforça como a hierarquização e classificação da população negra funciona como estratégia de dominação branca. Em primeiro lugar, servindo para o enfraquecimento do próprio grupo negro, uma vez que Cláudio, por ser um homem negro retinto, se questionava sobre a identidade racial de Dani – enquanto a branquitude tinha por certo que ambos não eram pessoas brancas, reproduzindo a lógica do racismo ao invalidar a subjetividade de Dani.

Em segundo lugar, gerando uma distorção de aprovação da branquitude que apenas reforça o racismo cotidiano. Quando Cláudio acha legal ouvir *olha você fica reclamando aí, olha pro Cláudio, ele não tá reclamando*, percebemos como a pessoa negra pode ser vista como desejável ou indesejável de um minuto para o outro. No momento em que Cláudio se torna representante único da raça negra, Dani não é mais necessária e pode ser rejeitada, pois está incomodando demais.

Por mais que o relato acima indique que Cláudio adota uma postura de atenuação de racismo cotidiano como estratégia de ascensão, inevitavelmente ele se deparará com momentos de frustrações, pois o nível de tensão psíquica para a realização do ideal do ego branco é uma crescente fonte de angústia.

Ah, eu acho que também por muito tempo nessa questão de ai, eu quero, eu quero ascender, eu quero trabalhar, eu quero subir, eu acho que eu negligenciei até a vida pessoal mesmo, minha vida sexual. Eu acho que eu me descobri, não bem me descobri, mas acho que eu me identifiquei como gay muito tarde e acho que poderia ter levado algumas coisas de uma forma diferente. Então, eu vejo esse lado de vida afetiva amorosa que foi prejudicada por isso (...)

*E eu lembro de eu mesmo acreditar em coisas do tipo, ah, esse negócio de fazer terapia para quê? No final, assim, pobre tem que pegar metrô, tem que trabalhar, então não tem espaço para essas coisas. Eu acreditava nisso numa determinada época e acho que muito da nossa mentalidade hoje é isso. **Ah, tem que trabalhar. Ah, tem que ter. É, e não tem espaço para a gente falar sobre coisas que nos afligem, sobre dores.** Então, apesar de ter melhorado, eu acho que ainda é... porque é um desafio lidar diariamente com micro agressões, em alguns casos, agressões maiores. É um desafio e um desafio ter que segurar muita coisa. Eu morava lá no Leblon, no Rio de Janeiro, e via olhares estranhos. Às vezes, eu estava andando na Lagoa e via que a pessoa atravessava para o outro lado da rua quando eu estava andando ali atrás, achando que ia roubar. Às vezes, eu tirava meu iPhone do bolso para falar... **é como mandar um sinal, falar está tudo certo, eu também tenho o meu iPhone, não é?** Então, eu acho que cuidar da saúde mental.... terapia.*

É preciso, portanto, criar estratégias de sobrevivência para que o projeto de ascensão possa ser efetivado. A principal delas parece ser a negação de sua própria emocionalidade, na medida em que *não tem espaço para a gente falar sobre as coisas que nos afligem*. Essa negação também fica visível no silêncio, ao longo da entrevista, em relação à sua vida afetiva amorosa. Ser gay poderia talvez adicionar uma tripla opressão em seu ideal do ego, ou seja, além da opressão racial e de classe, a opressão da não correspondência à heteronormatividade.

Eu me identifiquei como gay muito tarde, afirma Cláudio. É próximo aos trinta anos de idade, quando seu projeto de ascensão já tinha lhe permitido experimentar outro contexto de condições materiais, que ele passa a se identificar como um homem gay. No trecho acima, especificamente, temos a referência ao período em que Cláudio morou no Leblon, um bairro da elite carioca, já bem distante da Zona Leste de São Paulo. Apesar de morar no Leblon, o que representa em seu imaginário maior conforto e bem estar, ele se vê diante de um mundo que o olha com estranheza, como se ele não devesse estar ali, causando o fenômeno justamente oposto do esperado.

À medida que Cláudio não se sente pertencente ao lugar onde vive, sentindo-se perseguido e *deslocado*, o trabalho ontológico para existir ali torna-se o grande custo emocional da ascensão. Como o trabalho ontológico se desenvolve no âmbito do ser, a rejeição e falta de realização psíquica – comum em contextos de instabilidade entre o ideal do ego e o ego atual – pode resultar em um quadro de adoecimento mental. Por isso, a terapia parece surgir como um recurso possível de cura ou, ao menos, de enfrentamento dessas violências diárias.

Acho que trocar com pessoas similares.. Eu cada vez mais olho e falo: é importante estar junto dos meus. De pessoas que passaram por experiências

similares. Por isso que o quilombo é importante. No quilombo a gente se fortalece também.

*Quando fui para a Coca Cola Company, em 2019, acho que foi uma grande mudança da minha percepção racial. **O fato de entrar e encontrar meu primeiro quilombo corporativo**, pessoas que já olharam e logo de cara me puxaram para discussões, é o que começa a levantar várias questões e coisas que eu tive que ir até ir atrás estudar, porque obviamente, e acho que 2020 foi o que mais acelerou esse processo por conta do George Floyd. Todo mundo queria saber, **todo mundo queria perguntar da experiência (de ser negro).***

_ O que é esse quilombo corporativo?

*Então, acho que eu posso até falar do antes. Eu acho que antes eu tinha amigos negros no mundo corporativo, então de alguma forma eu me identificava com as pessoas negras de uma forma diferente, rolava uma conexão ali, mas não era uma reflexão, a gente não tinha uma agenda em comum, era muito mais uma coisa quase que de simpatia pessoal do que você olhar para trajetórias das pessoas e ver as dificuldades. Quando entrei na Coca, foi quase como se uma militância tivesse sido criada ali dentro, mas que ao mesmo tempo fazia todo sentido com o mundo corporativo. Ou seja, **you have ali pessoas que também estão em posição de gerência ou diretoria, pessoas que passaram por experiências similares** e que estavam buscando primeiro se fortalecer. Eu acho que teve uma coisa muito legal assim, de ter conversas de... é um grupo só de negros, que eu acho que também facilita um pouco a troca de experiências, etc. E de colocar pontos e de ter uma agenda e de tentar mudar a história para quem estava vindo.*

Além da terapia, a troca com pessoas "como ele" surge como estratégia de busca por novas formas de ser e estar, por meio do compartilhamento de *experiências similares*. Na história de ascensão de Cláudio, parece que a negação da emocionalidade, *Ah, tem que trabalhar. Ah, tem que ter. É, e não tem espaço para a gente falar sobre coisas que nos afligem, sobre dores*, em algum momento resulta em esgotamento mental. No momento em que se alcança o lugar idealizado de sucesso e não há necessariamente a associação automática com realização pessoal, há uma ruptura. Isso é o que Neusa Santos nomeará de condição de cura: “o negro que elege o branco como ideal do ego engendra em si mesmo uma ferida narcísica, grave e dilacerante, que, como condição de cura, demanda ao negro a construção de outro ideal do ego” (SOUZA, 2021, p. 77).

No trecho acima, ainda, chama atenção o surgimento do termo *quilombo corporativo*. Em relação a isso, Luís Saraiva (2020) aborda como o Ocidente tem se apropriado de noções africanas e diaspóricas e deturpado seus significados originais em prol de interesses capitalistas.

Destaca, por exemplo, que a filosofia ubuntu tem sido utilizada por empresas como parte de programas de engajamento, gerando um esvaziamento de seu sentido e potência originais.

No discurso de Cláudio, contudo, se ver em um grupo de pessoas negras “bem sucedidas”, que ascenderam econômica e socialmente, é uma experiência inovadora: “*you have ali pessoas que também estão em posição de gerência ou diretoria*”. Esse choque se dá porque, como em sua mentalidade poucas eram as pessoas que conseguiriam sair do bairro e ter uma carreira promissora, o negro em ascensão está acostumado a ser exceção, a ser único, resultando em trabalho ontológico individual. Nesta experiência específica do *quilombo corporativo*, em que há *pessoas que passaram por experiências similares e que estavam buscando primeiro se fortalecer*, Cláudio vê pela primeira vez a oportunidade de existir em um coletivo negro que não esteja associado à miséria e à subalternidade. Esse encontro pode ser entendido como alavanca no processo de reconstrução de outro ideal do ego.

Um novo ideal do ego que lhe configure um rosto próprio, que encarne seus valores e interesses, que tenha como referência e perspectiva a história. Um ideal construído através da militância política, lugar privilegiado de construção transformadora da história. Independente dos modos de compreender o sentido da prática política, seu exercício é representado para o negro como o meio de recuperar a auto estima, de afirmar sua existência (SOUZA, 2021, p. 77).

Nesse sentido, ainda que seja questionável a apropriação esvaziada dentro do capitalismo de uma noção de *quilombo*, no âmbito da coletividade de negros/as dentro dessa instituição branca, o *quilombo* surge como um local comunitário de novas experiências territoriais. A intimidade com outras pessoas negras gera em Cláudio uma aceleração de sua possibilidade de tornar-se negro. Fica evidente que, quanto mais negro ele se torna, mais ele questiona sua própria trajetória e expectativas futuras.

*Eu comecei a perceber muito que essa coisa de subir para o próximo cargo, etc, muitas vezes te leva a uma situação em que você ganha um pouco mais, mas **you está preso com algemas de ouro**, e não necessariamente eu estou num patamar diferente. Talvez seja melhor até eu manter o patamar de remuneração que eu tenho e ser mais feliz, do que buscar um crescimento que vai me trazer – talvez – algumas coisas não tão saudáveis.*

*Quando eu estava na Coca-Cola Company, alguém me falou “Nossa, mas qual é o seu diferencial? Porque você teve uma educação branca”. **E aí nesse dia eu respondi, eu falei não**, mas tem todas as experiências que eu passei e, primeiro que não dá para falar em educação branca, né? E, segundo, tem todas as experiências que eu passei que me moldaram. Então, assim, o meu*

diferencial é de onde eu vim, é quem eu sou. Se eu tive acesso a uma educação que as pessoas olham e falam, consideram branca, isso não muda quem eu sou. E como sou lido pela sociedade e todas as experiências que eu passei.

E aí a pessoa ficou meio constrangida e, beleza, mas eu acho que foi isso. Por muito tempo eu tive... eu me adequei num determinado padrão. Acho que depois de um tempo, aí quando eu já era gerente, eu comecei a ver que, por exemplo, a empresa que eu trabalhava, que algumas pessoas negras que estavam em áreas mais operacionais ou em cargos mais baixos me olhavam de uma forma diferente. Acho que esse foi o primeiro momento, que eu ouvia algumas pessoas que são conhecidas até hoje, que me seguem em rede social e tal, que me olhavam de jeito diferente. Aí eu comecei a pensar e falar, “bom, eu tenho um papel para essas pessoas, de alguma forma eu sou um exemplo para elas, né?”

Ao se questionar sobre o futuro, Cláudio pela primeira vez pensa em *ser feliz*, o que não está ligado ao processo de *ter*, tão retratado em sua história de ascensão. Pelo contrário, ele percebe que se afastar dessa trajetória de querer ter sempre mais pode ser uma alternativa possível e *saudável*. Em alguma medida, o custo de existência em um degrau acima dentro dessas instituições brancas e capitalistas pode exigir um trabalho ontológico insustentável.

É somente em um contexto de maior autoestima que vemos então em sua narrativa uma anúncio de seu comportamento menos preocupado em não causar incômodos: "*e aí a pessoa ficou meio constrangida, mas eu acho que foi isso*". Além disso, a restituição da fala torna-se um elemento importante no enfrentamento do racismo cotidiano: "*e aí nesse dia eu respondi*". Tudo isso faz com que o embranquecimento compulsório ao longo de sua trajetória seja questionado: "*por muito tempo eu me adequei num determinado padrão*". Cláudio se reafirma enquanto sujeito na medida em que rejeita a continuidade de um caminho que percorre com *algemas de ouro*, desfilando diante da branquitude e performando o ideal de sucesso de carreira. Eles lhe dizem, *mas você teve uma educação branca*. Ele lhes responde: "*o meu diferencial é de onde eu vim, é quem eu sou*". Exercita-se, portanto, uma outra narrativa de si, por meio da qual a autonomia é redimensionada: "*bom, eu tenho um papel para essas pessoas, de alguma forma eu sou um exemplo para elas, né?*".

2.2. Territorialidade e educação

Em todas as narrativas, o local de origem se fez um marcador espacial importante na elaboração dos discursos, ou para negar ou para associar territorialidade à classe e raça.

Tomando essa chave de leitura como guia, **Laura** conta como a terra se torna um contorno central em sua história familiar.

*Olha que loucura, a minha bisavó era escrava. Era filha de escravos. E aí quando teve a escravidão, **quando liberou a escravidão jogaram eles para fora**, isso lá em Lins, interior de São Paulo, Jaboticabal. Sei lá onde é. E colocaram eles numa fazenda que foi doada a uma comunidade oriental. Essa comunidade oriental ficou com muita dó da minha avó e do meu vô que tinha um monte de crianças, meus tios, meu pai, enfim, que era o mais novo e botou eles.... falaram assim, faz o seguinte fica morando aqui, **mas vocês vão produzir para gente ou seja, literalmente escravidão do mesmo jeito**.*

E meu pai começou a aprender japonês ali, porque eles não falavam português, precisavam se comunicar, meu pai na época brincava com os filhos deles, né? Então eles começaram a se comunicar e foi mais ou menos isso. Quando esses japoneses morreram, eles pegaram tanto amor pela minha vô, pelo meu vô, enfim, quando eles morreram, eles doaram as terras para os meus avós.

*Para que eles continuassem tendo um lugar para morar, enfim doaram. E aí passou um corretor lá para ver o negócio da Fazenda, tipo um corretor de imóveis, chegou lá eles não sabiam ler e escrever. **Enganaram eles, tomaram tudo**. Meu pai guarda esses documentos até hoje lá em casa. Tomaram tudo e tacaram eles lá para fora. E aí meu vô descobriu que tavam fazendo a obra do túnel. E que tavam contratando muito pedreiro, **pegou toda a família, botou no busão e veio para São Paulo**.*

Temos no relato acima um exemplo discursivo, sob a lente do afropessimismo, da escravidão como uma dinâmica essencialmente relacional e não apenas com era histórica. Não bastava apenas ser *jogado para fora*, com a abolição formal da escravatura, como também foram reescravizados sob o mito de troca de favores, desta vez pela comunidade oriental.

Após a reescravização seguida de uma suposta doação de terras, a história familiar de Laura alcança a cidade de São Paulo, na esperança de que ali haveria possibilidades de emprego, após um episódio de engano. Assim como milhares de migrantes, seu pai soube que "*tavam contratando muito pedreiro, pegou toda a família, botou no busão e veio para São Paulo*", cidade do sonho de melhores condições de existência para tantos e tantas brasileiras.

Acho que o momento decisivo da história do meu pai mesmo foi... porque meu pai ele era vendedor, mas ele sempre foi músico. Toca trombone, ele é da música, em casa todo mundo é muito de música, sabe? E eu acho que a virada de chave do meu pai foi ele tinha uma banda, ele montou uma banda, fazia muito... ele sustentou a gente fazendo carnaval pra você ter uma ideia. Esse carnaval de clube, essas coisas. Trabalhava o dia inteiro vendendo plano, chegava em casa, tomava banho e se trocava, pegava trombone, virava

madrugada fazendo baile de Carnaval, voltava, tomava banho e se trocava, e saia para vender plano de saúde.

De janeiro a fevereiro eram os únicos meses do ano que a gente sabia que a gente ia ter comida em casa garantida. Porque eram esses bailes de carnaval que completavam a renda. E era muito louco assim porque meu pai sempre ganhava prêmio de vendedor do ano, prêmio de não sei lá das quantas, a melhor carteira de cliente. Ele sempre teve muito disso, de orgulho dele. E a virada de chave, eu acho, que para o meu pai da vida e, por isso que ele sempre bateu o pé [para estudar], foi quando ele descobriu que ele tava sendo roubado na firma.

*Então, sei lá, ele vendia 10 mil planos de saúde, ele recebia por 300. E ele foi descobrir que ele foi roubado porque uma mulher ficou com muita dó, tipo, sei lá, ele tinha que receber 1.000 de comissão, ele recebia 50 reais. Então aí ele descobriu que tava sendo roubado e aí uma menina que trabalhava no RH ficou com muita dó dele, conheceu a nossa família, chamou um dia e falou tudo que tá acontecendo. **E aí ele saiu, lógico, dessa corretora acabou indo para uma outra**, mas eu acho que isso bugou meu pai de um nível, Vini, que desencadeou o alcoolismo.*

*Que você imagina, pô cara podia ter recebido mil, recebeu 50 e viu a filha a família inteira passando fome, passando perrengue, todo mundo com nome sujo. **E lá em casa a gente faz um bolão, um mês um pagava a faculdade, outro mês um pagava o aluguel**, no outro mês a gente pagava água e luz. Aí no outro mês, ao invés de pagar a faculdade do primeiro pagava faculdade do segundo (risos)... a gente ia fazendo isso... e foi assim que os três mais velhos conseguiram se formar, né?*

Na história familiar de Laura, o engano da fazenda perdida (lôcus das relações de trabalho) faz com que todos precisem migrar para São Paulo em busca de emprego, ainda que precarizados, quando o vô *descobriu que tavam fazendo a obra do túnel*. Na geração seguinte, ou seja, na história de seu pai, o mesmo engano se dá no âmbito das relações de trabalho, à medida que *ele descobriu que tava sendo roubado na firma*. A história tragicamente repetida, como farsa, reforça a dinâmica relacional na qual o trabalho preto está inserido: precarização e descartabilidade.

A precarização é vista na predominância de negros/as na informalidade, isto é, trabalhos voltados aos serviços pouco qualificados e mal remunerados. Não à toa, para completar a renda, o pai de Laura enfrentava a dupla jornada de trabalho para conseguir o mínimo, e *eram os únicos meses do ano que a gente sabia que a gente ia ter comida em casa garantida*. A descartabilidade, por sua vez, fica evidente não apenas pela ótica da firma exploratória, mas também pela impossibilidade de mudança: *e aí ele saiu, lógico, dessa corretora acabou indo para uma outra*. Retomando as "algemas de ouro" citadas por Cláudio, na seção anterior, o pai

de Laura parece estar também acorrentado a algemas, pois não há como fugir do ciclo da escravidão enquanto dinâmica relacional. Aqui, entretanto, essas algemas não são douradas, elas são da cor da miséria.

A cidade de São Paulo, outrora pensada como local de melhores relações de emprego e oportunidades, mostra-se tão cruenta quanto o *interior de Lins*, onde sua família tinha sido *jogada para fora*. Assim, diante de uma genealogia de miséria social e escassez de recursos, Laura parece associar o alcoolismo como uma das consequências dilacerantes desse quadro de engano e desalento ao qual sua família está submetida.

Mas eu sou nascida e criada na periferia, na Vila Talarico, na zona leste (de São Paulo). Anos 80, eu acho que foi um dos piores anos para se nascer preta nesse país, porque você tava num limbo social de que se você só serve para mim se for para servir..... mas de um movimento econômico e político muito efervescente no país ali, né, Diretas Já, e todo esse contexto de democracia, enfim, então por isso que eu peguei ali, né, um pouquinho... Eu vi muitos meus irmãos indo nas marchas ativistas do Movimento Negro Unificado mas nunca como atuantes, muito mais como apoiadores. Eu sou de uma família de cinco filhos. Então, mamãe e papai 5 filhos e eu sou... eu e meu irmão caçula, nós somos o famoso “raspa do tacho”, porque quando eu nasci, meu irmão mais velho já tinha... o Douglas tinha 22, a Denise tinha 20, e o Marquinhos estava fazendo 16. Então, esses três que iam muito para o baile black, é... que as referências raízes pretas entre eles, sabe? (...) Era época que eu via todo mundo lavando a cabeça no tanque com um sabão de coco pro black ficar durinho... Pessoal fica usando gel da Salon Line agora, raiz era o sabãozinho de coco lá, sabe?, pra ficar com o black redondinho.

Laura se afirma como uma mulher periférica da cidade de São Paulo, da mesma zona leste citada por Cláudio anteriormente. Ao inserir seu discurso em um contexto político efervescente, de movimento político e econômico progressista ao redor dos ideais democráticos, pode-se criar expectativas de que sua narrativa subjetiva seria a de percepção de um contexto existencial melhor frente à história de engano que atravessou seus antepassados, pois há uma crescente do movimento “progressista”. Em contraposição, a sua experiência enquanto mulher negra denota o oposto, uma vez que, segundo Laura, *foi um dos piores anos para se nascer preta nesse país*.

A contradição entre a experiência de se ver negra no Brasil, enquanto país, versus o espaço familiar são dissonantes, fornecendo uma pista importante para entendermos como a territorialidade pode operar. Se por um lado, o racismo estrutural gera um contexto de violência transversal e múltiplo no qual existir é enfrentar incessantemente a violência do racismo

cotidiano, por outro lado, o local de origem pode ser compreendido como um espaço afetivo. Laura fala sorrindo sobre a *época que via todo mundo lavando a cabeça no tanque com um sabão de coco pro black ficar durinho*. Toca em seu cabelo com carinho, logo após mencionar ter nascido nos piores anos para *se nascer preta nesse país*.

A citação do *Baile Black* como memória de referência preta positiva, de criação estética, me remete ao pensamento de Beatriz Nascimento (2006), quando a historiadora rechaça o *baile black* como símbolo de alienação cultural. Ao afirmar que um dos dramas centrais da pessoa negra que ascende é a perda da ligação com seu grupo, esses espaços coletivos subvertem esse drama, fazendo com que o corpo negro seja um lugar de potência.

Nesse ponto, é possível estabelecer diálogo com a história de Cláudio, para quem o local de origem aparecia como um lugar do qual era preciso fugir, enquanto a educação se mostrava como a via de realização desta fuga. Para Laura, entretanto, o local de origem parece remeter a símbolos positivos de identificação com a negritude, embora fora desse espaço protegido, ser preta seria estar num *limbo social* em que *você só serve para servir*. Convém refletir, então, como a história educacional de Laura se relaciona com a territorialidade.

*E aí o que que meu pai fez? Ele incentivou todos nós a fazer faculdade e estudar. Então assim, apesar disso, ele era muito culto, ele sempre foi muito de ler, tanto é que tipo a única coisa que eu não posso tirar dele de jeito nenhum é o jornal. E ele tem o hábito até hoje. Todo final de semana chega a Folha de São Paulo para ele ler porque senão ele não para.... muito livro, porque é do jeito dele, né? **Ele fala que era o jeito dele de ser ouvido, né? Mas a verdade eu entendo que o jeito dele de hackear o sistema com gente branca, porque se ele via gente branca falando de Economia, ele ia lá dar opinião dele.***

Na história de Laura, assim como na de Cláudio, a educação também serve como a grande ponte para um novo mundo: o mundo da *gente branca*. Dentro desse contexto familiar no qual os filhos e netos realizam aquilo que seus antepassados não puderam realizar, caberia à Laura não ser novamente enganada. A única forma de romper com a genealogia do engano social seria por meio da educação, que lhe garantiria posições distantes do campo do *servir*. Ela precisaria estudar, ser destaque e fazer faculdade, ainda que com todas as dificuldades e endividamento atreladas a essa experiência. *Um mês um pagava a faculdade, outro mês um pagava o aluguel*, declaração que evidencia parte do percurso sobre o qual Laura narra momentos importantes:

E na minha oitava série, quando acabou a bolsa, a escola não quis renovar. Era uma bolsa assim 50%, não era uma bolsa integral. E essa bolsa, quando ela acabou, eu tinha duas opções: ou pagar integral e continuar até o colegial, ou ir embora.

Aí eu fui para o ensino público. Para mim, foi um choque e olha que eu fui para melhor escola estadual que tinha na época, que era da Vila Formosa. E, tipo assim, coisas que eu aprendi na sexta série, estavam sendo ensinadas ali no primeiro colegial. Tanto é que eu virei monitora da turma.

A gente tinha lá um grupo de alunos que fazia suporte de aulas para os professores também, tinha alguns esforçados né, mas a gente ficava lá fazendo essa ajuda dentro da escola e, Vini, o surreal de tudo isso é que me chamaram de nerd, porque eu sabia o básico, sabe?

E ali eu tinha mais preto, eu tinha mais pretas, eu tinha... foi a primeira vez que eu vi um aluno cadeirante, que era o Marquinho. Na escola, foi o primeiro contato que eu tive com pessoas homossexuais, que eram os caras que dividiram a sala comigo. Na época, a gente não usava o termo correto era o....era o gay.

Eram pretos e o apelido era Vera Verão. O apelido era, tipo sei lá, tinha a festinha do colégio. Ai aqueles imbecis brancos que tinham na sala, eles chamavam a gente de gangue dos excluídos. Porque era eu, as bichinhas pretas, o cadeirante, e todas as mulheres que eles consideravam feias na sala.

Estabelecendo aqui um diálogo importante com a narrativa de Cláudio, Laura destaca o contexto de preterimento que ela, as *bichas pretas, o cadeirante e todas as mulheres que eles consideravam feias* viviam na realidade escolar no ensino médio. Retratando a mesma zona leste da história de Cláudio, parece que a dupla opressão de raça e classe na formação do ideal do ego, discutida na seção anterior, não é suficiente para explicar o silêncio afetivo de um homem homossexual. Se ser preto e pobre já eram, para Cláudio, parte do drama psíquico central, a possibilidade de ser gay seria um adicional insustentável. É uma pista para compreendermos o silêncio da seção anterior.

A fala de Laura, situada dentro do espaço-tempo semelhante, nos anos 1980 em São Paulo, *piores anos para se nascer preta no país*, nos indica que, se Cláudio não se esforçasse para ser parte do ideal de masculinidade heterossexual, ele também seria excluído como eram as outras bichas pretas. *Vera Verão*⁷ surge como parte do imaginário popular do sujeito negro

⁷ Vera Verão precisa ser pensada como personagem complexa, como travesti presente no imaginário do Brasil, como personagem de Jorge Lafond, ou uma encruza entre as duas possibilidades.

que não performa a heteronormatividade e, por isso, é rejeitada – apontando para a importância de considerar também as questões de gênero e de sexualidade na elaboração dos discursos e da subjetividade.

As histórias se entrecruzam. Ao retornar ao discurso de Laura, o racismo cotidiano do ambiente escolar parece não ter impedido o estabelecimento de vínculos afetivos positivos identitários. Laura segue seu relato mostrando como esse caminho não foi apenas uma porta para o mundo da gente branca, mas também um processo de identificação positiva com outras pessoas negras.

*Ali (no colégio), eu comecei a me reconectar, que foi quando eu consegui entender nas letras de Racionais, o que que era ser um preto tipo A destacado. Foi meu primeiro emprego, com 13 anos, entregando panfleto em farol. E, depois, aos 16, fazendo pesquisa Datafolha, que minha irmã tinha arrumado um bico para mim. Ia fazer aquelas pesquisas de rua para completar a renda. E aí eu fazia a pesquisa pro Datafolha, que era ali no centro, na Barão de Limeira, Folha de São Paulo, coisa e tal. Então eu saía, terminava as pesquisas, eu juntava com os outros pretinhos, a gente ia pra Galeria 24 de Maio, sabe? Para ficar ouvindo que estava acontecendo ali. Foi a época que eu comecei, com a minha melhor amiga, que foi a única preta que entrou no colégio quando eu era bolsista, a Cris, que é a minha amiga até hoje, e a gente começou a ir para projeto. **E aí eu comecei ver mais dos meus, sabe?***

E foi aí que eu vi o anúncio do Núcleo da Consciência Negra, no jornalzinho, no primeira mão, (...) E aí eu fui, fiz o processo seletivo, teve entrevista, teve tudo, e aí eu arranjei um problema bom, porque eu saía da Zona Leste e ia para o colégio, estudava até meio-dia. Aí eu pegava um busão, vinha aqui para o Tucuruvi, para trabalhar de recepcionista no escritório do primo da minha cunhada, aí eu trabalhava quatro horas aqui no Tuca, depois eu pegava o busão e ia para USP, pra estudar para o pré-vestibular.

E voltava para casa de noite, que aí eu tinha que voltar em bonde, né? Porque tinha cinco ou seis pessoas que voltavam para Leste e a gente tinha que voltar tudo calculado, porque se a gente perdesse tipo o busão que saía da USP a gente já perdia o último metrô Anhangabaú.

Olha, só o que que é a memória não é, 702-U Jaçanã, aqui é o que passava no metrô.

*E aí a gente tinha muito isso e a gente vai fazendo muita conexão preta que a gente mantém assim até hoje. Para você ter uma ideia da potência que era o Núcleo da Consciência Negra, Vini, você conhece a presidente do fundo Baobá, Fernanda Lopes? A Fefe, ela era professora de biologia do Núcleo de Consciência Negra. É uma coisa muito louca, e é uma das melhores amigas, eu falo que eu só tô aqui por conta da Fefe, **foi a primeira mulher negra bióloga que eu vi na vida. Assim como Pablo, primeiro químico, e dava aula de química. Solange, literárias, cultura, história.** Eu não passei na USP por um ponto. Aí eu fiz mais meio ano de Núcleo.*

O Núcleo da Consciência Negra, cursinho pré-vestibular para jovens negros/as, surge como um espaço de resistência que não produz apenas conhecimento de modo objetivo, mas de forma afetiva. É nesse ponto que podemos observar a primeira quebra concreta da associação automática entre negritude e posições de trabalho precarizadas, passíveis da continuidade do engano familiar. *A primeira mulher negra bióloga que eu vi na vida* abre caminhos para experimentar a autoprojeção em outras possibilidades de existência, que só seriam possíveis por meio da educação.

Ao *sair da Zona Leste* com mais frequência, Laura amplia sua capacidade de sonhar, por se deparar com outros referenciais possíveis, como *Pablo, primeiro químico e Solange, literárias, cultura e história*. Chama a atenção, nesse trecho, a memória viva que Laura nutre dessas referências, mesmo tendo se passado mais de vinte anos. Laura se lembra bem do nome de cada uma dessas pessoas que, *apesar de* negras, tinham conquistado sucesso profissional.

O alcance desse status de sucesso só é possível por meio da dedicação e superação de todas as dificuldades impostas pela própria cidade, que se configura como um local cheio de barreiras de circulação. Ao utilizar o transporte público, ela e o pequeno grupo de jovens negros/as que ousavam *sair da zona leste* precisavam se atentar aos horários de trens e ônibus, caso não quisessem ficar ao relento sem ter como voltar para casa. É interessante destacar, ainda, o discurso que Laura elabora sobre o local da USP onde ocorriam os encontros no Núcleo da Consciência Negra:

Sabe a FEA? Atrás do prédio da FEA eles construíram um prédio novo e tem um monte de Galpão ali, não tem? Então, não existia aqueles galpões, onde é o prédio novo atrás da FEA era um monte de tipo casinhas que eles chamavam de galpões, mas eram casinhas podres. E uma dessas casinhas era o núcleo da consciência negra da USP que era, na verdade, um cursinho pré-vestibular voltado a jovens carentes, pessoas pretas, óbvio, que não tinham dinheiro na época para fazer o vestibular. E eles entendiam que pessoas negras que estavam já em posições no mercado de trabalho mais efetiva poderiam dar essas aulas para motivar as pessoas a passarem. Então era como se fosse um... é que hoje a gente chama de coletivo vai... e o nosso prédio ficava, esse galpãozinho, ele ficava do lado do Cemitério dos corpos de veterinária. Então um galpãozinho do porquinho, da cobra, do coelhinho morto etc e tal, do Povo de veterinário. E a gente estudando do lado. O resto era depósito de material, ou era Campus, ou era mato, era lixo, era isso, era aquele espaço.

A associação que Laura faz, no campo semântico, ao que é relativo à morte e ao local disponibilizado para que esses/as jovens estudassem reforça a precarização ao qual os corpos

negros estão submetidos ao ocupar espaços de poder. Reitera-se o cenário degradante o qual pessoas negras que buscam a ascensão precisam atravessar, caso queiram *hackear o sistema com gente branca*, como o pai de Laura havia lhe ensinado.

A história de Laura, portanto, até aqui corrobora a visão de Cláudio sobre educação: é o caminho possível para não ocupar posições subalternizadas de serviço nas relações de trabalho. Com **Marta**, outra profissional entrevistada, executiva de Recursos Humanos, identifiquei o mesmo reforço no que diz respeito à centralidade da educação na ascensão negra.

*Bom, eu sou paulistana, da periferia de São Paulo, da Zona Sul. **Eu sou filha da periferia.** Sou parte da primeira geração da minha família, de pessoas com formação superior.*

*E até eu arriscaria a dizer, além da formação, até um passo antes da formação superior, porque uma geração anterior da minha escolaridade média, ela não chega nem ao ensino médio completo. Então, quando eu olho aos meus... a mim, a minha irmã, os meus primos, essa geração foi uma geração que deu um salto muito grande na educação, educacionalmente falando. Porém, o que é curioso é que **esse acesso ele não se deu necessariamente pela inspiração, porque a nossa referência familiar não tinha formação acadêmica.** Então os nossos pais não tinham formação acadêmica. Eu fui saber, vou dar um exemplo, fui descobrir o que era uma universidade, que era uma faculdade, muito por um acaso .*

*Minha mãe era manicure, minha mãe manicure e meu pai era segurança. E ela, além de trabalhar num salão, ela atendia em domicílio durante final de semana ou nas horas que ela não atendia no salão. Ela atendia a domicílio, algumas clientes. E eu lembro que a primeira vez que eu ouvi falar sobre faculdade eu tinha entre 14 e 15 anos. Eu estava acompanhando ela numa visita, de uma cliente, e a filha dessa cliente comentou: “Tchau mãe, tô indo para a faculdade”. E ela não faz ideia do que aquele comentário causou em mim, por que eu me perguntei “O que é faculdade?” **Foi a primeira vez que eu ouvi...***

(...) é tão, tão legal, isso me emociona muito, contar essa história, porque essa pessoa que era adolescente na época, hoje ela é uma... Enfim, ela é uma executiva, uma alta executiva de uma grande multinacional aqui no Brasil e já tive a oportunidade de falar para ela, assim, então... fica uma primeira reflexão, às vezes a gente não faz ideia, e principalmente as pessoas brancas, de a quem elas inspiram e como inspiram. Você não precisa nem de esforço, as vezes só [gesto expansivo com a mão e riso]... você vê, só de eu saber que existia a faculdade, de ter contato com uma realidade diferente da minha, aquilo já me plantou uma sementinha que me fez perguntar o que era uma faculdade (...).

***Não se fala de carreira na periferia, se fala de trabalho, de sobrevivência, de subsistência,** que é algo que depois eu posso até trazer outras conexões que eu aprendi. Que é pelo menos algo incomum que eu vejo na maioria das carreiras das pessoas negras é que elas não são tão planejadas. Elas são construídas de acordo com as oportunidades que são geradas. E isso foi muito*

vivo para mim. Então eu não escolhi trabalhar em Recursos Humanos. A área de Recursos Humanos me escolheu.

E como é que isso nasceu, né? Eu não tinha... isso foi bem ao acaso, mas foi um acaso muito positivo. A minha mãe, por eu morar numa periferia que era eu, enfim, me via.... Minha mãe trabalhava o dia inteiro, ela era separada do meu pai, duas meninas super novas em casa o dia inteiro. A preocupação dela era ocupar a gente, porque se você fica na rua, você está vulnerável.

*Então não importa se quiser fazer curso de corte, costura, de malabares ou de astrofísica, só tira você da rua e te ocupa. Essa era a preocupação da minha mãe na ocasião. E aí, neste caso, nesse local, eu tive acesso ao que era o de alguma maneira o mundo corporativo, porque esse local preparava jovens meninas. O foco era para mulheres, para meninas, na verdade da periferia. E inserir no mundo, no mercado de trabalho e também trabalhar na prevenção da gravidez na adolescência, esse era o foco da ONG, né? **E foi uma experiência, foram anos incríveis porque não só eu me senti protegida, mas também me abriu o olhar para o trabalho, pra que possibilidades eu teria de caminho.***

E aí, era muito parecido com o que é hoje a lei de aprendiz. Não tinha lei de aprendiz como tem hoje, que obriga as empresas a ter um percentual, mas esse programa encaminhava as pessoas de destaque, as alunas, para empresas, para vagas, para estágios, por exemplo. Já tinha lei de estágio e foi a minha ocasião. Nessa ocasião eu tive uma outra oportunidade, que foi uma coincidência incrível e que foi um divisor de águas também. Eu recebi aquelas cartinhas do CIEE. O CIEE mandava carta para a gente para quem era cadastrado, né? O órgão regulador do programa de estágio, ainda no ensino médio, no início do ensino médio, falando de uma oportunidade e a oportunidade para eu fazer a entrevista foi numa empresa que é uma das maiores empresas de recrutamento de jovens, que é a companhia de talentos.

Você deve conhecer bem, roda todos os programas de trainees, estágio, e eu fui trabalhar com eles, num desses estágios, ainda no ensino médio. Só que a Sofia Esteves, que é dona da consultoria, ela... A minha mãe também atendia ela como manicure. Então foi uma baita de uma coincidência ali, aquelas coisas como as estrelas se cruzam, os astros se cruzam para as coisas acontecerem. E ali ela falou “Olha, você está começando sua vida. Vem trabalhar comigo, nada é definitivo, vem aprender sobre as diferentes carreiras, vem trabalhar comigo em recrutamento, eu tenho uma empresa que faz recrutamento para jovens que querem iniciar no mercado de trabalho, mas que já estão num nível superior”. Na tal da faculdade que, lembra que eu não sabia o que era? [Risos]. E aí ela falou “Você vai passar o dia, o trabalho significa passar o dia lendo currículos, triando currículos, entendendo que área são essas e encaminhando para as psicólogas, para as consultoras chamarem para as entrevistas e tal”.

E fez a diferença na minha vida porque aquilo foi, talvez ela também não tenha feito ideia da diferença que, o divisor de águas que aquilo foi na minha vida. Porque me deu a oportunidade de primeiro conhecer várias carreiras, porque, quer queira quer não, ler carreira e currículos de pessoas das áreas mais distintas me deu repertório, muitas possibilidades que eu nem imagina, eu nem sabia que existia faculdade, quiçá falar de exatas, ciências humanas, biológicas e any outros caminhos. E o mundo corporativo né, das grandes organizações. E aí eu falei, ali eu tive certeza é isso que eu quero.

O discurso de Marta se aproxima da história de Laura, na medida em que não se identifica uma relação conflitiva com o local de origem, marcada pela necessidade de fuga. A territorialidade, *eu sou filha da periferia*, é um traço importante na elaboração discursiva sobre sua trajetória. Penso que, sob a perspectiva do racismo genderizado, o bairro de origem ocupa um local de potência para as mulheres com quem conversei, apesar da realidade de escassez material.

Ao se tornar parte da primeira geração familiar que pode concluir o ensino médio, Marta vê na educação o caminho para acessar o mundo branco. Ela se recorda com emoção da primeira vez que ouviu sobre *faculdade*, acompanhando a mãe em um trabalho informal, como manicure. Sua história familiar, marcada por relações de trabalho precarizadas, faz com que ela saiba que esse acesso tem como pré-requisito o ingresso em uma faculdade.

Marta é a primeira entrevistada que elabora uma noção tão categórica entre trabalho e territorialidade: *não se fala de carreira na periferia, se fala de trabalho, de sobrevivência, de subsistência*. Sua fala tão contundente nos faz refletir sobre para quem é permitido sonhar com uma carreira de prestígio e sucesso. Pode-se depreender que, no imaginário coletivo, trabalho de preto/a é o que se faz para sobreviver, enquanto o trabalho digno, conquistado por meio de uma carreira, é coisa apenas para branco/a. A educação parece, portanto, ser uma das únicas possibilidades de subversão desse destino inalterável.

*Infelizmente, sou de uma época de uma geração que não tinha nenhuma medida afirmativa nas universidades para acesso à população mais vulnerável. E aí eu dei um passo gigante. Eu dei um passo muito maior que a minha perna. E aí que eu falo que ali que eu comecei a ter muito cedo, eu falo muito cedo, porque nos tempos atuais se fala muito disso, se discute, se confronta meritocracia, se discute o acesso equitativo a oportunidades hoje já é mais presente, pelo menos nos diálogos, né? Naquela época era surreal, muito distante, mas eu entendia que aquilo era muito injusto de alguma maneira. Porque pra eu ter acesso a algo tão simples quanto um direito de estudar, aquele tal do sonho de eu entrar num lugar que eu nem sabia que existia, que era uma faculdade, só poderia acontecer através de uma faculdade privada. E uma faculdade privada que eu não tinha renda para pagar e nem meus pais. Então o meu estágio, eu lembro até hoje, que o meu estágio era 40, não chegava a 50% do valor da faculdade, a bolsa né? **Então, basicamente eu vendia o vale refeição e juntava um mês com o outro para poder pagar uma mensalidade. Então a cada dois meses eu pagava uma, e assim que eu estudei.***

E uma série de restrições, do tipo eu vendia meu vale alimento, refeição, eu não podia almoçar. Então a galera saía para almoçar e para o MC [Donalds]

e blábláblá. E eu vou falar que eu tô de dieta, né? Magina, mal sabia e às vezes nem a marmitinha eu podia levar porque não tinha nem onde esquentar. A empresa te dá o vale porque não tem onde esquentar. Às vezes, eu comia bolacha recheada, que era o que dava para comprar com, sei lá, 1 real, o equivalente ou menos da época, né? [Risos].

Subverter o destino inalterável da miséria pode exigir o pagamento de um custo emocional alto para a pessoa negra em ascensão. Podemos nomear esse custo emocional como *trabalho ontológico*, isto é, o custo de existir nessas instituições brancas, como a universidade, por exemplo. As pessoas apresentadas até aqui precisavam trabalhar enquanto estudavam, justamente para pagar o acesso restrito ao campo da especialização profissional.

Marta se recorda de como o ato de almoçar era torturante, dado o cenário de restrições econômicas. Inventar histórias, como uma possível *dieta*, torna-se então uma das estratégias de sobrevivência e pertencimento dentro das grandes organizações. É um processo de violência, ao qual Marta esteve submetida, sob o medo constante de, a qualquer momento, precisar expor sua vulnerabilidade socioeconômica. *Eu dei um passo muito maior que a minha perna*, declara Marta, revelando como a ascensão é um gerador de ansiedade e insegurança.

É possível estabelecer também diálogo com a história de Cláudio, na medida em que o processo básico e comum de alimentação ganha destaque como momento social relevante. Ao não encontrar sequer um espaço adequado para esquentar a *marmitinha*, Marta entende que, eventualmente, é melhor ficar sem comer. Melhor passar fome do que enfrentar uma situação de vergonha, que possa expor as “origens” periféricas da pessoa negra em ascensão.

Então eu comecei a ter noção de que aquilo não era justo, mas eu não entendia o quanto aquilo podia ser uma forma de violência, né? Eu levei muito tempo. Eu era muito nova, 15, 16 anos. Como é que você percebe, né, ter essa noção? Só que eu acreditei. E de alguma maneira, pode até ser que isso tenha sido bom, tenho dúvidas. Mas depois na terapia eu discuto isso um dia.

Eu acreditei no mito meritocrático e aquilo foi bom porque eu acho que me protegeu. Se eu tivesse acreditado que era uma coisa tão impossível, eu talvez eu não tivesse me esforçado tanto. Eu teria ido pros caminhos que a minha comunidade tinha me dado. Talvez fosse um subemprego, talvez fosse ou não estudar ou um trabalho de serviço. E não, eu realmente fiquei obstinada por querer estudar, por querer mobilidade, por querer fazer uma mobilidade através da educação, porque aquilo foi uma chave.

Eu lembro até hoje, um dia, quando eu entendi que não, se eu não fizer isso, eu não vou mudar a minha vida. Vai ter que ser através da educação, porque essas pessoas estão conseguindo, né? E aí eu entrei. Quando eu entrei na

faculdade, eu pedi demissão dessa empresa, porque eu passei num processo de seleção de uma grande multinacional, que inclusive era cliente da própria empresa que eu trabalhava, porque eu passei no processo, eu falei yes! Primeira meta batida, primeira meta era ter um currículo. Segunda é ter um currículo e ser aprovada. Eu existo para essa empresa. Não só existo, como me contrataram, yes legal.

Ao elaborar seu discurso nomeando como *violentas* determinadas privações que vivenciou, percebo que Marta se dá conta de como o racismo cotidiano atravessou sua história de ascensão. Assim, a violência sempre esteve ali presente e caso alguém tivesse lhe contado o quão duro seria, talvez ela estaria hoje em um *subemprego*, em sua própria percepção.

Essa violência específica do custo emocional da ascensão atravessou as histórias de Marta, Laura e Cláudio. Apenas um comportamento *obstinado* poderia fazer com que elas/es acendessem, via educação, e conseguissem uma carreira de sucesso, fora da periferia de São Paulo. *Eu realmente fiquei obstinada por querer estudar, por querer mobilidade, por querer fazer uma mobilidade através da educação, porque aquilo foi uma chave.* Seria a educação a grande chave que abre e fecha as algemas douradas da ascensão?

2.3. Embranquecimento, afetividade e vínculos familiares

Nunes, único entrevistado ainda não mencionado até aqui, constrói sua narrativa de forma oposta às histórias de Marta, Laura e Cláudio. As chaves de leitura já abordadas como aspectos fundamentais da ascensão, territorialidade e centralidade da educação não são os marcadores centrais de sua narrativa. Nesta trajetória, o embranquecimento compulsório, terceira chave de análise que identifiquei a partir da história de Cláudio, torna-se o grande fio condutor da análise que fiz sobre Nunes.

*Eu sou paulista, sou paulistano, nasci em São Paulo, o meu pai é negro, minha mãe é branca. Meu pai e minha mãe também tiveram uma infância bem pobre, porém meu pai é ex-jogador de futebol, então meu pai jogou no Corinthians, jogou na seleção brasileira, no Fluminense. Então, eu já tenho um histórico diferente. Então, eu sempre estudei em colégio particular. Sempre morei em bairro bom, residencial, no Brasil. Eu morei nos Estados Unidos quando era criança, morei no Canadá. Então meu pai conseguiu mudar a trajetória familiar que ele teve através do esporte. Então eu tenho... fatalmente você vai entrevistar um pessoal que tem um histórico diferente, de luta, de ascensão, de uma maneira diferente. **Eu tenho um histórico que eu te diria que é um histórico branco, né?** Porque vai conversar comigo, eu só estudei em colégio*

particular, nunca trabalhei e tive que ajudar em casa. Quando comecei a trabalhar, o dinheiro era 100% meu. Estudei nos Estados Unidos, estudei no Canadá, falo inglês desde criança (...). Então, não tenho histórico de periferia, não tenho histórico de luta, de nada, assim... que é o histórico normal do negro no Brasil. Então venho de uma outra realidade.

Fica evidente que o paralelismo entre "negro" e "miséria" está profundamente arraigado na formação do pensamento de Nunes. Sua construção familiar interracial, centrada na *mãe branca* e no *pai negro*, solidifica sua visão de mundo baseada no antagonismo racial. De um lado, *negros* estão à margem e lutam por melhores condições de vida, enquanto, do outro lado, *brancos* apenas existem e se beneficiam dos privilégios históricos sociais, ocupando posição central nas relações políticas, econômicas e sociais.

É preciso se atentar que após apresentar sua família em termos raciais, a segunda informação trazida de forma imediata é a origem de classe de seus pais: "*meu pai e minha mãe também tiveram uma infância bem pobre*". Assim como na história de Cláudio, em que as opressões de classe e de raça foram fundamentais no processo de formação do ideal do ego, convém aqui detalhar as percepções de Nunes sobre essa dita pobreza familiar, similar entre sua *mãe branca* e seu *pai negro*.

As histórias eram até parecidas, porque minha mãe, mesmo sendo branca, ela era a filha, ela é filha de imigrantes italianos. Então ela morava no Bom Retiro, então era uma infância pobre. O meu pai também teve uma infância pobre, né? Então assim, os dois, mesmo sendo branco, minha mãe era filha de imigrantes que morava numa vila, então assim também teve... Os dois tiveram infâncias pobres. Eu já não tive essa infância, tive contato mais com o meu lado, com o lado da minha mãe, do que do meu pai. Então eu ia na casa da minha avó, tudo do lado do meu pai, quando era criança. Mas a família mais próxima era a família da minha mãe. Então eu estava mais em contato com a família da minha mãe, meu tio que me inspirou é irmão da minha mãe. Então era mais a realidade que eu estava próximo. Meu tio também teve uma infância pobre. Também ascendeu na vida através de estudo e trabalhando em multinacional, então sempre tive mais contato com meus primos e tudo mais, né? Para mim era até... sempre foi normal essa parte de ter os dois lados.

Inclusive, sempre que eu saía com a minha mãe ou com meus tios, ninguém imaginava que eu era da família. Por quê? Porque, lógico, sou... Sou negro, não sou tão negro quanto meu pai, porque já tenho a mistura da minha mãe, que é branca né, mas eu sou negro; e meus tios, minha mãe é branca de olho verde, meu primo é branco de olho azul, então assim não parecia que eu era da família. Parecia que eu era o namorado da minha prima ou alguma coisa do tipo, né? Mas pra mim, sempre, como eu sempre tive nessa realidade, para mim foi... foi tranquilo, eu até fazia a brincadeira em relação a isso. Nunca,

nunca pesou pra mim e a maioria dos lugares que eu convivia sempre, eu era o único ou tinha mais dois negros no máximo, né?

Situando a narrativa familiar de Nunes dentro da história brasileira das relações raciais, é possível perceber como a ideologia do embranquecimento causou uma grande distorção em sua autopercepção. Ao omitir a raça como categoria fundamental da estrutura social no Brasil, a questão de classe torna-se a única categoria política relevante, afinal, em sua compreensão, *os dois tiveram infâncias pobres*. Desta forma, em seu discurso consciente tanto faz se *mãe é branca*, ou *pai é negro*, pois ambos *tiveram infâncias pobres*, deixando o marco racial como irrelevante.

A questão de classe, então, funciona como modo de omitir a construção articulada do projeto político de embranquecimento nacional. A população europeia branca, que recebeu diversos incentivos para imigrar e clarear o país a partir do final do século XIX, foi o primeiro grupo a se beneficiar da política de cotas à terra. Isso garantiu acessos completamente diferentes e privilegiados que se materializaram em diferentes oportunidades de trabalho e inserção social do *branco* no Brasil moderno (CARNEIRO, 2019). Mesmo que a mãe de Nunes tenha sido filha de operários italianos, inferência derivada do fato de ela ter morado numa vila de São Paulo, ainda assim é preciso situá-la como mulher branca, beneficiária de privilégios, em um país antinegitude.

No âmbito das contradições discursivas, lugar do inconsciente e aqui de extrema relevância, Nunes afirma que *tive contato mais com o meu lado, com o lado da minha mãe, do que do meu pai*. Ora, se o pai é negro e para ele negritude e miséria se configuram como associação automática, só lhe caberia maior proximidade ao lado da mãe, que é branca. Ainda que essa aproximação familiar venha com a experimentação do racismo cotidiano, pelo olhar da outridade que dita quem é ou não da família, a intimidade com o lado branco é melhor do que a miséria da negritude. *Sempre foi normal essa parte de ter os dois lados*.

Nunes sistematiza a brincadeira, a piada de si mesmo, como estratégia de sobrevivência num mundo dominado por valores brancos. *Mas pra mim, sempre, como eu sempre tive nessa realidade, para mim foi... foi tranquilo, eu até fazia a brincadeira em relação a isso. Nunca, nunca pesou para mim....* Apesar de não existir no discurso de Nunes percepção de rejeição familiar ou de vergonha por não ser visto como da família, a construção do discurso, com

preferência e proximidade da parte branca de sua família, parece apontar para este como local de desejo de existir.

A ideologia do embranquecimento, ao instituir a falsa noção de que a pessoa negra que se casa com uma branca se tornaria branca depois de algumas gerações, faz com que ele viva o conflito de identidade racial. *Sou negro, não sou tão negro quanto meu pai, porque já tenho a mistura da minha mãe, que é branca né, mas eu sou negro.* Como seria possível, então, ser negro e não miserável? Por meio da estratégia de hierarquização racial, acredita-se na tentativa de tornar-se branco:

Da parte mais negra de minha alma, através da zona sombreada, irrompe em mim este súbito desejo de ser *branco*. Não quero ser reconhecido como *negro*, mas como *branco*. Mas - e eis aqui um reconhecimento que Hegel não descreveu - quem pode propiciar isso, senão a branca? Ao me amar, ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco (FANON, 2020, p. 79).

A leitura psicanalítica de Fanon aqui nos oferece uma visão de como a ideologia do embranquecimento no Brasil atravessa a afetividade de pessoas negras. Se pretos e brancos não gozam de oportunidades iguais - ou seja, a democracia racial é uma farsa -, cabe à pessoa negra em ascensão a concretização do projeto individual de "virar gente". Um dos caminhos possíveis apontados, como explica Neusa Souza (2019), é por meio de um objeto amoroso, que possa ser o substituto do ideal irrealizável de ser branco.

Nunes permaneceu bastante silencioso sobre sua vida íntima afetiva, assim como Cláudio. Parece que os homens se mostraram menos abertos a realizar reflexões sobre o amor. Diante de diversas perguntas que fiz, bastante amplas e tangenciais ao tema, o único momento em que Nunes elabora ideias sobre sua vida íntima foi ao fazer uma associação com processo terapêutico.

Eu fiz terapia há 15 anos atrás. Há 15 anos eu comecei a terapia, fiz um tempo, parei. Há quatro anos eu me separei e no momento da separação eu comecei a terapia e aí continuei até hoje.

Nessa dissertação, optei por refletir sobre esse silêncio em vez de questioná-lo ao longo da entrevista. Uma vez que no nível psíquico o amor pode ser uma tentativa de realização do ideal do ego, de ser branco, me interessava saber como Nunes se via enquanto um homem negro

passível de ser amado. Erotizado? Desejado? Meu objetivo era investigar se isso lhe conferiria alguma percepção de vantagem ou desvantagem em termos de relacionamentos, uma vez que no racismo cotidiano é comum que o sujeito negro seja percebido através de infantilização, primitivização, animalização, erotização e incivilização (KILOMBA, 2019).

*Quando eu tinha a sua idade até um pouco menos, o cinema, a televisão e as mídias ditam muito as regras de beleza. Então hoje você consegue ver atores negros. Você consegue ver protagonistas negros em novela, no cinema. Na minha época, quem eram os protagonistas? Era o Tom Cruise, e o Brad Pitt, que hoje são cinquentões, sessentões. Então, assim, **eu não estava enquadrado nesse perfil de beleza**. Não sou loiro, não tenho olho azul, não sou branco, não tenho cabelo escorrido. Então, eram difíceis protagonistas negros e os jogadores de futebol não eram vistos como símbolos, que hoje são vistos. Então, para mim era difícil. Por quê? Por que as meninas pensavam no que? Ah, o cara não é nenhum Brad Pitt, nem nenhum tal tal tal, nem nenhum Gianecchini, não é nenhum.... Sempre o foco eram os... os brancos.*

Hoje você tem Seu Jorge sendo protagonista de filme. Você tem o Denzel Washington, mesmo que seja mais velho, mas é protagonista. Você tem o Will Smith, você tem outro tipo de protagonista, não tantos, mas você tem negros. Então assim, na minha época realmente o negro era diferente, né? E a gente às vezes não toca nisso, mas a mulher branca que sai com um homem negro, ela também sofre preconceito. Por quê? Porque a sociedade olha e fala “Bom, ela sai porque o cara é jogador de futebol ou o cara é.. Bem, por que ela sai com o negro?”, então ela também sofre preconceito.

Minha mãe, que é branca, sofreu muito preconceito por estar com meu pai, que era negro. Então, os brancos, principalmente mulheres que se relacionam com homens negros, também sofrem preconceito. Às vezes até preconceito da própria comunidade negra.

*Então também tem esse lado: “Ah, por que a mulher branca está com o negro? Tem que ter um motivo. Ah, tá, porque o cara é rico. Ah, tá, porque o cara é famoso ou não é?” **Ninguém pensa que é genuíno. Tá porque gosta, né? Não... Tá por causa de alguma coisa.***

*Então, mesma posição de negro, né? Ela é boa, essa parte de homem, há muito pouco tempo, porque o protagonismo em mídias nunca teve na década de 70, 60, a década de 80. **O negro num filme ia ser sempre o cara que era fugitivo e até um bad boys**, que os dois caras são negros prendendo os outros, que é o... Eu acho que eu esqueci o nome dos dois atores... Os negros iam ser os caras que está fugindo, há pouco tempo, que mudou um pouco essa perspectiva.*

Os relacionamentos interracialis, no discurso de Nunes, adquirem status de conflito, na medida em que as pessoas sofrem de ambos os lados. Já identificamos que sua formação do ideal do ego é ancorada no profundo antagonismo racial, fruto de suas relações familiares. É

interessante observar que o sofrimento da *mãe branca* aparece em primeiro plano, como possível vítima de preconceito, e não o sofrimento do *pai negro* com a possibilidade de racismo.

Ao mesmo tempo, Nunes consegue acessar e elaborar o sofrimento do homem negro, a partir da imagem *do negro num filme que ia ser sempre o cara que era fugitivo*. Profundo drama este, o encarceramento do negro numa imagem de primitivização, como apontado pelo racismo cotidiano, enquanto esperança de Nunes seria que a negritude pudesse ser referencial de beleza.

No campo da beleza, do ser desejado, Nunes reivindica em seu discurso o olhar social de que algum sentimento de amor seja *genuíno* para com a pessoa negra. Mas como o/a negro/a é colocado/a constantemente no lugar da anti-humanidade, não há nada sem interesses competitivos - "*Tá por causa de alguma coisa, ou é rico ou famoso*". É apenas a recompensa da concretização do projeto individual de virar gente, que poucos conseguem efetivar. A animalização aqui fica evidente, pois aqueles que não efetivam a ascensão permanecem no campo dos *fugitivos*.

Entretanto, não surge, em momento algum do seu discurso, a desconfiança de que o homem negro pode gozar de *status de sucesso* ao estar casado com uma mulher branca. Diferente de Nunes, **Laura** - em sua entrevista - elabora explícitas reflexões sobre relacionamentos interracialis e seu vínculo direto com o status de sucesso no mundo corporativo.

E os homens negros casados com mulheres brancas, no [mundo] executivo, tá? É uma ascensão social para ser aceito nos espaços, porque muitos deles nunca se posicionaram com relação ao racismo dentro do mercado de trabalho. Tanto é que o movimento corporativo no Brasil de pessoas pretas e das pautas pretas são puxadas por mulheres negras. Pode reparar nisso, tá?

Nos cinco últimos anos você começa a ver mais homens negros no corporativo tomando mais posicionamento. Antes disso, quem eu conhecia? O E., o G.. Eram uns pouquíssimos. Senão raros. Por quê? Puta, eu passei por isso. Meus irmãos, meus dois irmãos, o Douglas não, mas o Marcos casado com uma mulher branca. Namorou a vida inteira com uma mulher preta foda. Terminou com a mulher e casou com uma branca. E agora mora nos Estados Unidos.

O nome dela é M. M. (sobrenome italiano), ele falava... Ah não, ela é sarará. Sarará era um termo muito usado na época para pessoas pretas, filhos de pessoas pretas com pessoas italianas loiras. Enfim, elas ficavam com o cabelo amarelo e crespo. E aí principalmente em quebrada, coisa e tal, pessoal falava assim, ó lá a nega sarará. Negra de pele muito clara, cabelo crespo... cabelo tipo Vanessa da Mata. Olha que louco isso.

É interessante notar que as mulheres entrevistadas abordaram seus relacionamentos familiares e teceram reflexões sobre esses afetos sem que houvesse uma pergunta específica para tal. A narrativa de Laura vai de encontro ao discurso de Nunes, apontando para o status social adquirido por homens negros, em ascensão, que se casam com mulheres brancas. *É uma ascensão social para ser aceito nos espaços, porque muitos deles nunca se posicionaram com relação ao racismo dentro do mercado de trabalho.*

Parece, por sua perspectiva, que a negação da discriminação racial no trabalho se torna uma estratégia de sobrevivência para garantir a ascensão, desempenhada sobretudo por homens. As mulheres negras, por sua vez, buscam combater o racismo, endereçando as demandas coletivas por mudança social. Quando perguntado sobre racismo no ambiente de trabalho, Nunes é enfático ao afirmar:

*Então, que eu tenha percebido, não. **Eu nunca percebi racismo dentro do ambiente de trabalho**, de ter sido boicotado por ser negro ou alguém falar alguma coisa, porque eu nunca tive também posição de inferioridade de contrato. Por exemplo, lógico, você sempre tem alguém acima de você, mas é um pouco mais complicado. Pelo menos hoje eu sou vice-presidente aqui, se a pessoa quer falar alguma coisa, ela é mandada embora. Então assim é mais complexo, né?*

Nunes foi o único que relatou nunca ter percebido racismo dentro do ambiente de trabalho, produzindo em mim algumas desconfianças. Em primeiro lugar, o reforço da negação do racismo cotidiano como estratégia de sobrevivência nas instituições brancas. Parece que o trauma de se perceber negro, em um mundo antinegitude, materializa-se em todas as entrevistas na necessidade de um longo tempo para a compreensão da conjuntura de violência racista vivida. Ou seja, diversos episódios de racismo cotidiano vivenciados ao longo das trajetórias de ascensão só são considerados pelo sujeito como racismo após muito tempo. A segunda desconfiança é de que, inconscientemente, Nunes se vê como um sujeito branco, ou seja, não seria passível de racismo, pela impossibilidade existencial. Se, previamente, o conflito identitário já foi esboçado, por meio da miscigenação racial em seu discurso, *sou negro, não sou tão negro quanto meu pai, porque já tenho a mistura da minha mãe, que é branca né, mas eu sou negro*, no trecho adiante a introjeção do embranquecimento compulsório fica latente.

***Quando você vem de um local que muda sua percepção**, ou, por exemplo, você vem do lugar que a maioria é negra, e aí você começa a se deparar com a maioria branca, tem um choque. Pra mim não teve esse choque, porque sempre foi a minha vida. Então, eu me vejo impactado, diferente do que*

peessoas que às vezes não se sentem pertencentes. Então eu me sinto pertencente a um lugar em que a maioria é branca, porque (pausa)... Essa é a minha realidade.

*Então eu vejo que quando a gente.... tem algumas pessoas que eu converso, que tem um perfil diferente de histórico, a maioria negra, eu era da periferia e agora eu vou para o mundo corporativo, a maioria é branca e eu não me sinto pertencente do meu jeito. **Do meu lado é ao contrário, eu me sinto pertencente aqui. Por quê? Porque eu sempre estive nessa posição e como eu sempre... e o meu histórico, por ser um histórico, eu até comentei branco, né? Sempre estudei em colégio particular, faculdade particular e viajei para fora do Brasil muito cedo, desde criança. Então eu morei num lugar de classe média alta, então pra mim os impactos são diferentes e o meu histórico é meio parecido com o histórico do branco brasileiro. Então é mais fácil, quando vou... Quando eu vou na empresa fazer uma entrevista, eu já falo mais de um idioma, falo desde criança, tenho vivências fora, então é um histórico diferente e é uma história que não é uma história de luta, né? É uma história que é uma história normal, comum.***

*Então não tem isso “Não, não vou contratar porque não fala inglês. Eu não vou contratar porque não fala espanhol, Não vou contratar porque a faculdade não é de ponta, eu não vou”. Na verdade, **eu estou adequado a todos os perfis e padrões do mundo corporativo, então fica mais fácil contratar o Nunes.** Assim, contratar o Nunes, lógico Nunes é negro, mas ele não traz o histórico negro. Está contratando uma pessoa que estudou em colégio particular, fez curso em Nova Iorque, estudou em faculdades de ponta, fala dois idiomas, então facilita um pouco a vida, né? Você não tem que investir muito. **Eu tenho o histórico branco já.***

Chegamos aqui ao que parece ser o ápice da concretização da ascensão na trajetória de Nunes: possuir *o histórico branco*. De tal forma que a ideologia do embranquecimento no Brasil omite raça como categoria estrutural, criando a falsa noção de que a questão de classe pode evitar o racismo. Em sua perspectiva, pertencer à classe média alta e dominar os códigos do mundo branco, como falar vários idiomas, estudar e morar fora do país, permitiria acesso e sensação de pertencimento em instituições brancas, como as grandes empresas.

É importante estabelecer um paralelo entre as frases "*eu estou adequado a todos os perfis e padrões do mundo corporativo*", no que diz respeito ao ambiente de trabalho, e "*era o Tom Cruise, e o Brad Pitt, que hoje são cinquentões, sessentões, então eu não estava enquadrado nesse perfil de beleza*", no que concerne ao campo da estética/ desejo. Parece que o status de sucesso alcançado por meio da ascensão profissional, fonte da sensação de pertencimento ao ambiente corporativo *branco*, substitui o vazio causado pelo não enquadramento aos padrões de beleza. Logo, nesta visão antagônica de mundo, se ser negro/a

é ocupar o local do não desejo afetivo e da feiura, é possível deixar de sê-lo pela ascensão econômica e social.

Novamente, o local de origem, como demarcador territorial, ganha relevância na história de Nunes, porque diferente das outras entrevistadas que foram nascidas e criadas na zona leste de São Paulo, para Nunes, ter crescido *num lugar de classe média alta* fez com que seu histórico fosse *parecido com o histórico do branco brasileiro*. Assim, o local de origem não se torna um lócus do qual se precisa fugir, mas onde é preciso permanecer para assegurar seu lugar no mundo enquanto *branco*. Quanto mais próximo ao centro estiver, melhor.

Diferente de Nunes, que afirma nunca ter percebido racismo no ambiente corporativo, as mulheres entrevistadas refletiram sobre estratégias de sobrevivência nessas organizações ao revisitar suas carreiras, reforçando a noção de Laura de que o avanço de melhores condições de existências pretas em instituições brancas se deu pela luta coletiva de mulheres negras: "*Tanto é que o movimento corporativo no Brasil de pessoas pretas e das pautas pretas são puxadas por mulheres negras. Pode reparar nisso, tá?*".

Nesse sentido, a história de **Marta** se entrelaça às reflexões de Laura, na medida em que elabora um discurso crítico sobre episódios racistas vivenciados e seus enfrentamentos.

Eu já estava achando muito legal trabalhar, levar meu dinheirinho para casa, ter relacionamentos, me relacionar com pessoas fora daquele eixo da minha casa, do meu bairro. Mas ali eu entendi que tinha um mundo gigante, um abismo no mundo, que separava alguém, uma pessoa como eu, do mundo corporativo. É aí que entrou uma direção importante, uma agenda extremamente relevante na minha vida, que é diversidade, equidade, inclusão. Porque ali, ainda muito nova, ainda com 15 anos, eu percebi o quão diferentes eram as pessoas que passavam pelos processos de seleção dos clientes daquela empresa.

O que isso significa? Qual foi a grande ficha que caiu? De tanto ler currículo, eu lia o currículo, chamava a pessoa, ligava, apresentava lá para consultora, para psicóloga. Eu... Caiu uma ficha enorme, eu falei "essas empresas não é que elas não querem alguém como eu, elas não sabem que eu existo". Porque nenhum desses currículos e nenhum desses rostos, nenhuma dessas histórias são parecidas com a minha. Absolutamente nenhuma história. Quando você avaliava, sei lá, desde o bairro que a pessoa mora, a escola que estuda, sei lá quantos irmãos tem, onde passar férias, quantas línguas fala, o hobby que a pessoa tem. Na época que as pessoas escreviam hobby no currículo [sorriso enorme], enfim, casa onde tiram férias. Tudo era diferente, mas absolutamente tudo. Eu não me reconhecia naquelas histórias. E aí caiu uma outra ficha, eu falei "Peraí, se eu quiser ser vista, se eu quiser existir para este mundo, eu preciso de alguma maneira me ajustar, né?"

Para Marta, transitar do local de origem, *meu bairro*, para o universo corporativo significa adentrar um universo rodeado por pessoas brancas, com seus costumes, tradições e modos de ser próprios. A necessidade de *se ajustar* surge da urgência em existir, isto é, ser reconhecida e validada como sujeita. Assim, deixar para trás sua origem, seus *hobbies*, o lugar onde mora são símbolos de uma transição para se embranquecer, revelando o enorme trabalho ontológico para sua existência negra no mundo corporativo.

Desta forma, apesar de o racismo cotidiano se apresentar de várias maneiras, Marta entende que é ela quem precisa se ajustar para sentir pertencimento. Ela é quem precisa assimilar rapidamente o mundo dominante branco, correndo o risco de não ser aceita tampouco amada. Beatriz Nascimento contribui com reflexões importantes acerca desse espaço de solidão ao ponderar que “quanto mais a mulher negra se especializa numa sociedade desse tipo, mais ela é levada a individualizar-se” (NASCIMENTO, 2007, p. 128).

Eu via o racismo se manifestar à medida em que eu ia. Eu entrei numa multinacional e parece que pelo nível educacional das pessoas, essa é a percepção que eu tenho de transitar. As pessoas têm uma noção do que é feio falar. As pessoas sabem que chamar de macaco dá cadeia, entendeu? As pessoas sabem que você fazer algo assim tão explícito pode não pegar tão bem. Então as pessoas usavam, usavam como referência o meu cabelo.

Então eu já levei, por exemplo, feedback de performance de final de ano, de que a minha aparência não era profissional por causa do meu cabelo, por causa da minha vestimenta. E poxa, o que é isso? Então quer dizer que o meu cabelo vai influenciar? Eu nem usava trança, era meu cabelo como ele é. Meu cabelo vai influenciar minha performance. Onde? Desde quando, né? E essas questões vão, né? Ou então que eu não deveria tomar sol, né?

*Ai você está preta demais, né? Mas você fica melhor sem bronzado né? Menos bronzeada. Então, tem coisas que sei lá. Eu tenho melanina, nem que eu quisesse. Eu vou acordar um dia, e vou tomar desinfetante? O que é que eu vou fazer né? Então é surreal. Comentários vinculados sim, ao cabelo, à cor da pele, ao bronze e tal. Essas coisas não são assim afirmativamente agressivas. Mas demora muito para você entender a razão daquilo. **Eu demorei muito tempo para entender que aquilo também era uma manifestação do racismo.** Mas muito tempo. Tanto é que, por muitos anos, assim como eu, tentei me adaptar do ponto de vista financeiro, do ponto de vista cultural tudo o que eu consumia, eu consumia aquilo que os meus colegas brancos consumiam.*

A relação persecutória com o próprio corpo, um dos dos maiores traços da violência racista, fica evidente na narrativa acima. A partir da outridade, o cabelo e a pele de Marta são símbolos definidores dos processos de avaliação de desempenho em seu trabalho, isto é, quanto mais traços negros estão visíveis maior será a desvalorização do sujeito: "*então quer dizer que o meu cabelo vai influenciar? Eu nem usava trança, era meu cabelo como ele é*".

Grada Kilomba (2019) discorre sobre as políticas do cabelo, na perspectiva do racismo genderizado, enfatizando a violência contra o corpo negro como ato cotidiano. A relação entre Marta e seu superior imediato espelha a dinâmica colonial antinegitude, na medida em que seu cabelo torna-se objeto e está sujeito ao juízo daquele que tem o poder. O corpo negro é novamente agredido e violado, fazendo com que a pessoa se questione, inclusive, sobre qual cabelo poderia ser melhor aceito, a *trança* ou *meu cabelo como ele é*? Nenhuma das duas opções seria suficiente, porque o abismo entre os dois mundos ainda permanece.

A agressão ao corpo negro é tamanha que a relação persecutória contra o corpo chega à hipótese máxima de desexistência: o suicídio. *Eu tenho melanina, nem que eu quisesse. Eu vou acordar um dia, e vou tomar desinfetante?* O racismo cotidiano opera de tal modo que o suicídio pode emergir como um ato de tornar-se sujeito, rompendo de uma vez por todas a dinâmica colonial na qual a subjetividade negra é massacrada (KILOMBA, 2019).

Em seu discurso, nota-se também a necessidade de um longo tempo para a compreensão da conjuntura de violência racista vivida. Para Marta, o racismo cotidiano no trabalho é uma experiência constante de violência e parece ficar cada vez mais evidente que a questão de classe não diminui o impacto do racismo em sua trajetória de ascensão.

*Independente da ascensão social. Nada nos blindava da manifestação do racismo no mundo corporativo. Hoje ele acontece, mas olha que curioso, **na linha do questionar a minha dor, questionar a mim, o meu sentimento, deslegitimar quando eu vejo uma manifestação clara do racismo.** Então, por exemplo, se eu fizer um comentário, já aconteceu. Por exemplo, estávamos num restaurante, eu e meus pares. O garçom chega normalmente, já começa que eles vão sempre para um homem, nunca vão oferecer para uma mulher. Com a mesa inteira, ele estava conversando ali e tal, sugerindo para as pessoas determinado prato ou determinado vinho que harmonizasse. Para mim, a sugestão dele foi com o lado direito do cardápio, não foi com o lado esquerdo. Ele sugeriu para mim o prato mais barato e o vinho mais barato, né? [Risos].*

E aí, depois que passou, é lógico que eu fiquei muito brava. Naturalmente, a gente fica desconfortável e às vezes a gente fica até sem educação quando acontece essas coisas, né? Porque é difícil controlar. E eu fiz o comentário

com um colega, isso é um exemplo bem concreto. “Magina, Marta, magina que isso, ele nem pensou, nem dá tempo aqui”. Eu falei, tem certeza? Então tem algumas coisas que as pessoas não conseguem vivenciar que elas não convivem com essa realidade. Então eles, constantemente, quando eu menciono que eu passei por alguma situação no mínimo constrangedora por conta do racismo, as pessoas invalidam ou reduzem isso porque não conseguem enxergar da mesma forma que eu.

Acima, parece que Marta, novamente, é violada ao ter seus sentimentos invalidados por aqueles que podem definir o que é ou não racismo. *Magina, Marta, magina que isso, ele nem pensou, nem dá tempo aqui.* O homem branco só falta lhe pedir para que ela não seja tão "louca" e volte a ignorar o racismo cotidiano. Fica evidente, portanto, que a pessoa negra em ascensão que questiona a violência racista é invalidada. É esperado que ela se comporte com educação, no máximo com algum desconforto - e tudo bem.

A raiva não é um sentimento permitido às pessoas negras em ascensão sem que sejam estereotipadas como animais raivosos. Essa animalização é elucidada sob a perspectiva do racismo cotidiano, fazendo com que inclusive a raiva seja uma manifestação solitária. *E aí, depois que passou, é lógico que eu fiquei muito brava.* Apenas depois que passar, é permitido sentir a dor.

Nesse sentido, o trabalho ontológico afeta o bem-estar e saúde mental das pessoas negras em ascensão. A partir do momento em que Marta se percebe nesse espaço de solidão, ela se vê diante da necessidade de encontrar outros espaços seguros, para além dessas instituições brancas, nos quais sua existência seja viável sem tantos ajustes.

*Eu gostaria de me cuidar mais ou me cuidar melhor, né? Mas eu os recursos que eu uso hoje e são bem libertadores são recursos 0800, gratuitos, **que são outros amigos pretos, por exemplo, que conhecem a minha realidade!** Não quer dizer que eu não tenha amigos brancos, mas eu preciso de tempo em tempo me reenergizar com eles, que eu sei que são pessoas que entendem o que eu vivo, que entendem o que eu falo, que vão entender uma sobrelha levantada. Cada leitura a gente consegue de boca fechada se entender, então esse é o poder que eu falo do aquilombamento.*

Ele é muito importante, né? Então por exemplo tem vários grupos, o grupo que eu e o Cláudio fazemos parte é um deles, mas eu tenho... eu aprendi o valor das amizades e relações com pessoas como eu, elas me reenergizam. E também eu tomo muito cuidado com conteúdo, sabe? Eu tomo cuidado com que eu leio, eu tomo cuidado com que eu vejo na televisão, com que eu vejo na internet, quem eu sigo na internet, porque eu notei que tudo isso tem um impacto muito grande na minha saúde mental, né? São coisas simples, são escolhas. Tá tudo vinculado a escolha. Mas eu sou muito seletiva e até um

ponto.... vou dar um exemplo o ano passado.... é o ano passado 2022, é... eu acho que o ano passado inteiro todos os livros que eu li, e não foram poucos, foram todos os escritores negros e todos de alguma maneira foram sobre ou sobre o racismo ou histórias de pessoas negras.

Enfim, até o quarto, quinto livro legal, você vai criando várias identificações, né? Que bacana! Lá no sexto sétimo, você já tá tão cansado, eu tô tão cansada, gente não aguento mais. Eu preciso de um conto de fadas, me traz outra coisa para dar uma amenizada. Então eu procuro buscar esse equilíbrio, então sim é importante me educar é importante eu incentivar e colocar o meu dinheiro preto na mão de outro preto, porque é uma coisa que eu vejo valor.

*Mas eu tomo um pouco de cuidado com o conteúdo que eu absorvo, porque às vezes a gente já vive convive tanto do dia a dia... eu falo que a gente já sai de casa com aquela sensação de dívida. Da dívida para o mundo, você tá devendo, você não deveria existir, você não deveria estar naquele lugar, você não deveria estar nesse papel. **Você não deveria um monte de coisa, você deveria estar na cozinha e ponto né. Pro o mundo.***

Então você já sai com essa energia né, te puxando para baixo e você ainda tem que reforçar isso? Então em alguns momentos eu ainda quero, eu procuro ter algumas coisas mais leves sabe? Eu procuro fazer minha vida mais leve de uma maneira, e sem sombra de dúvidas me reenergizar com os amigos é uma coisa delas. Minha filha né, moro com a minha filha, que felizmente tenho uma filha muito sensibilizada para esses temas né.

O *poder do aquilombamento* surge em seu discurso como um lugar de potência, no qual o status de sujeito é assegurado pela simples existência de pessoas pretas em espaços compartilhados. A amizade, a leveza e a intimidade são reivindicações de Marta que se contrapõem ao contexto de dor e violência vivenciados sob o racismo cotidiano. Nas relações de *aquilombamento* se experimenta a existência sem a hierarquização e a construção da diferença por meio de um processo de discriminação em relação ao “outro”. Assim, os *amigos pretos que conhecem a sua realidade* fazem a diferença em sua autoestima e bem-estar.

Em sua autopercepção, Marta confessa se sentir em dívida com o mundo, pois diariamente desafia o que seria esperado do seu papel, *pro mundo você deveria estar na cozinha e ponto né?*. Lélia González (1984) já apontava como a formação histórica escravocrata brasileira cristalizou a associação da mulher negra como mucama e doméstica. Ainda que bem educada, bem vestida, ou bem sucedida, no Brasil contemporâneo, o imaginário coletivo é ancorado nessa divisão racial e sexual de trabalho. Assim, a ascensão social não faz com que Marta deixe de experimentar o racismo genderizado. Nesse sentido, a costura entre as histórias

de Marta e de Laura contribuem para reflexões profundas sobre o imaginário coletivo atribuído às mulheres negras em ascensão.

*Quando eu sento lá no quintal da minha mãe, eu olho o quanto ainda tenho que lutar. Porque eu tenho amigas da minha idade que acreditam toda essa minha história de sucesso, de entregas... Se é que a minha história é de sucessos, mas esta minha história de acessos, ao fato de eu ter casado com homem branco rico. Minhas tias mesmo falam, Ah ela tá indo pra Disney, que sorte né, casada com branco rico (...). O louco, Vini, é que é o seguinte né (risos) meu marido ele vive falando... eu sou louco para conhecer esse branco rico que você casou. Se parasse no casou com homem branco, era eu, agora a parte do rico, quero ver. **Vini, eu ganho mais que meu marido** [Laura].*

No trecho acima, fica evidente que, ainda que bem sucedida, as conquistas econômicas de Laura são atribuídas, no imaginário coletivo, ao seu casamento com um homem branco. Ela novamente fala sobre o ato de lutar como necessidade, diante do contexto ainda transversal de racismo cotidiano.

*E essa construção familiar que eu tenho hoje, eu vejo muito como raiz, como base, como estrutura, porque hoje eu tenho um homem branco, que é meu marido, ciente dos privilégios dele. **Eu sou a única pessoa preta da família dele, do lado deles sou a única preta.** E, Vini, é impressionante que eu vejo que eu letrei todo mundo. Às vezes eu vejo minha sogra, por exemplo, que nunca teve pessoas pretas na família dela, a família inteira, enfim. Outro dia eu descobri que ela saiu na mão com o caseiro lá, a gente tem uma casinha no interior e aí ela mandou despedir que ela queria bater no caseiro. Caseiro não, jardineiro. Aí falou, por quê? Porque tinha uma foto da família e o jardineiro falou assim. **Ai que bonitinho, vocês colocaram a governanta para tirar foto com vocês. A governanta era eu.***

*Ela foi para cima, xingou, quase bateu no homem, mandou homem embora, falou que naquela casa não ia entrar mais, queria ligar para chamar a polícia. Aí eu tô aqui trabalhando e ela me liga. Laura, faz um favor para mim onde eu posso denunciar crimes raciais. Já falei, Meu pai do céu, Senhor Jesus, me explica mais sobre. E ela contava, Vini, por dentro eu tava assim... porra, que legal! Que legal, mas também tenho que colocar o pé no chão, porque ela tem um vínculo comigo. **Será que se fosse de qualquer outra família, ele tivesse feito a mesma coisa, se fosse uma pessoa preta a reação dela teria sido igual?***

Eu ousou falar que sim, porque eu conheço a essência da minha sogra, mas trazendo essa analogia para o mundo corporativo é o aliado que vai usar da causa preta para ele ganhar prêmio de destaque de Negritude e o preto não.

Sob a ótica das relações de trabalho, parece inconciliável que Laura ocupe, por si só, o imaginário social de sucesso. Ou está presa no papel da doméstica/governanta e fadada a um

contexto de pobreza e escassez, ou está presa no papel de esposa de um homem branco que a salvou da pobreza. Em nenhuma dessas visões cristalizadas Laura é sujeita de sua própria narrativa e autônoma. Por isso, talvez, a luta contra o racismo/sexismo seja tão fundamental em seu discurso.

Na experiência com a família branca do marido, a sogra se sente ferida ao ver que a esposa de seu filho foi vista como *governanta* e não como a dona da casa. Ao mesmo tempo em que Laura acha isso *legal*, ela suspeita que possa ser uma luta condicionada aos interesses pessoais da sogra, prezando apenas pela honra familiar. As questões raciais se manifestam, portanto, nos vínculos familiares de Laura, impactando em sua trajetória.

Então para ajudar eu tenho um relacionamento interracial, meu marido é branco. Eu lido com colorismo 24 por 7 aqui na minha casa, porque meu filho é um menino que se auto declara negro, mas de pele clara, que vai ter aquela passabilidade. Então ele tem a consciência do que ele é, de porque, ele tem um fenótipo de negro, mas ele tem a pele clara [mostra uma foto do rapaz].

O M., ele tem uma consciência racial tão diferenciada, Vini, que o ano passado, a professora tava falando da Princesa Isabel, na escola, lá no mês de Novembro. Ele levantou a mão... Professora, fala M., tá tudo errado o que você tá falando, pode chamar minha mãe... Que ele ouve eu falando em palestra, evento (...) Ele tem 8 anos. Ele e minha sobrinha, cresceram com a tia Laura ativista do corporativo. Então, na cabeça deles, eu sou famosa. Já me viu em televisão, revista, Podcast, eu sou famosa na cabeça deles. Então, eles prestam muita atenção no que eu tô falando... isso é legal porque eu falo que a primeira geração da minha família que aprendeu a história para o lado do colonizado e não do colonizador, de forma aberta.

*É louco, porque eu tenho meus irmãos mais velhos, minha mãe, que eles conseguem carregar viesses das histórias deles raciais até hoje. Então, quando eu casei com o Renato, **minha mãe falava assim, meu Deus livrou a casa graças a Deus casou com branco.** Porque na cabeça dela eu salvei a linhagem da família e não é que minha mãe ou meu pai são racistas. É que seus avós e todas as pessoas pretas da idade deles tinham como um mérito clarear a família, porque queria dizer menos sofrimento. É muito louco isso e, em contrapartida, eu tô vendo meu sobrinho ou meu filho vendo sei lá uma pequena sereia e falando. Nossa que mulher linda. Sabe?*

*Que a minha geração não teve isso, então eu tenho uma geração passada reproduzindo ainda alguns conteúdos, a minha geração que sofre muito com a solidão, com a solidão da mulher negra. **E uma geração nova que tá vindo achando mulher negra linda, potente, eu quero ficar com uma mulher negra.***

Essa minha geração do meu do meu meio e a grande maioria das mulheres negras da minha idade, executivas, estão casadas com homem branco.

Enquanto Nunes vê nos relacionamentos interracializados fonte de conflito para ambas as partes, Laura circunscreve sua experiência matrimonial dentro de uma visão mais ampla, segundo a qual *a grande maioria das mulheres negras da minha idade, executivas estão casadas com homem branco*. Ela consegue ver essa conjuntura como marcador social de *status* ao refletir sobre como passa a ser vista pela família, sem fazer disso um lugar de deslumbramento. Se o homem negro casado com a mulher branca goza de um aceite social, o mesmo se dá com a mulher negra casada com o homem branco.

Parece ser uma constatação realista de sua parte, de que essas mulheres tenham se casado com homens brancos quase compulsoriamente. Na trajetória de embranquecimento, comum nas histórias de ascensão, o objeto amado pode ser um substituto do ideal irrealizável. *Então, quando eu casei com o Renato, minha mãe falava assim, meu Deus livrou a casa graças a Deus casou com branco*.

Entretanto, Laura reflete sobre a afetividade a partir do encontro geracional entre seus antepassados e seus filhos, com visões diametralmente opostas. Na perspectiva representada pelo filho, a nova geração consegue ver a negritude como locus de potência, *achando mulher negra linda, potente, eu quero ficar com uma mulher negra*. Por outro lado, a geração de seus antepassados permanece entendendo a negritude como locus de morte social, fazendo com que a única forma possível de virar gente seria tornando-se branco/a, por mais impossível que isso seja.

2. 4. A ótica da potência

Ao refletir sobre suas trajetórias de ascensão e existências em instituições brancas, diversos episódios de dor e sofrimento causados pela violência do racismo cotidiano vieram à tona. Contudo, a tristeza não foi o elemento definidor das narrativas. Pelo contrário. As entrevistadas demonstraram a capacidade de elaborar discursos felizes a partir de suas potencialidades. O episódio abaixo, narrado por Marta, enfatiza o cuidado e a potência como definidores de carreiras negras em ascensão.

Uma vez eu tive oportunidade de falar até com meu presidente, eu reporto para o presidente, ele deu risada, ele falou “Marta, eu concordo com você”. A gente tava numa reunião de board que a gente tinha que tomar uma série de decisões bem relevantes para a empresa e fazer uma redução de custos significativa. E aí tudo bem, ele passou uma meta para gente, um exercício

para gente. Eu fui lá e fiz meia dúzia de conta, peguei meu Excel, então tranquilo e tal. E eu vi meus pares desesperados, mas desesperados de um jeito que você não faz ideia. Aí eu falei gente não é possível. Será que só eu sei lidar com restrição, com não, né?

E aí eu entendi que ter vindo de uma vida de restrição e de privação, ela me estimulou a criatividade de alguma maneira porque você tem que... **para você sobreviver, você tem que criar recursos para isso.** E aí quando terminou essa reunião, eu cheguei para ele e falei Fulano, ele já nem tá mais na empresa, né? Eu falei, sabe, posso te falar uma coisa? Se você tivesse nessa mesa, éramos onze executivos, se metade dessa mesa fosse de mulheres pretas da periferia, você pode ter certeza que todo mundo sabia tomar uma decisão aqui de como fazer vocês atingirem esse resultado financeiro.

Ele, é mesmo? Eu falei, você já experimentou, você já parou para pensar como é que uma mulher que ganha um salário mínimo, que tem três filhos, paga aluguel, abandonada pelo marido, consegue sustentar? Você conseguiria ter uma vida com mil e trezentos reais com três filhos para sustentar pagar aluguel? Ele, certamente não. Então é isso que te falta para essa vivência.

Eu falei, você tem nessa mesa só gente que não sabe viver com restrição. Tem pessoas que estão acostumadas a viver só com abundância, né? E a restrição também desperta na gente a criatividade. A restrição desperta na gente a esperança, porque se você não resgatar a esperança, não achar razões para mudar dali, você se afunda. Então isso eu vejo muita potência.

Então, eu gosto de usar muito o discurso de olhar para a carreira das pessoas negras e para as oportunidades, não sobre a ótica da carência, mas sobre a ótica da potência. Porque existe muita potência em pessoas que não só foram desafiadas a viver com muito menos recursos do que deveriam ter por direito! E que dois, convivem desde o dia em que nasceram com incômodo com naturalidade. E isso eu falo o tempo inteiro, eu não tenho medo de cômodo. Se eu tô num lugar em que eu sou desafiada em público, eu não tenho medo, **eu não tenho a opção de não lidar com desconforto: eu nasci preta.**

Onde eu vou eu gero desconforto, então assim eu vivo esse desconforto desde o dia que eu nasci. **Então, para mim, qualquer desconforto que o mundo corporativo possa me trazer, ele é fichinha perto desse e eu não tenho a opção de não ter.** Então eu aprendi a olhar com a ótica da potência e da vantagem competitiva e eu acho que quando essa galera que tá indo para posições de liderança entender que isso pode ser um diferencial competitivo, eu acho que ninguém segura. Porque o que o mundo corporativo precisa é justamente de pessoas que inovem, de pessoas que cada vez mais tragam soluções usando menos recursos. A agenda de sustentabilidade tá aí né, agenda 2030 da ONU tá aí e ninguém tá chegando nem perto nem da metade, né? E se a gente não tiver e é... vai ser chave para atingir os compromissos que os países assumiram, que as organizações assumiram, vai ser chave ter pessoas que sabem lidar com recursos limitados, porque o planeta tem recursos limitados.

Então isso para mim é uma baita de uma potência e claro que é difícil dizer se é maior ou menor do que a dor. Que eu acho que todo mundo merece, deveria ter o direito de viver com o mundo com respeito, com dignidade né, mas tá muito longe. Não é a minha geração, nem é da minha filha que vai ver

isso, infelizmente. Então por isso eu acredito muito na ótica da potência e na ótica do cuidado. É cuidar de si porque talvez o outro não cuide de você.

Marta é capaz de construir um discurso que se atenta à tecnologia ancestral de sobrevivência, sem tornar super herói a pessoa negra que efetiva o projeto individual da ascensão. *Você já parou para pensar como é que uma mulher que ganha um salário mínimo, que tem três filhos, paga aluguel, abandonada pelo marido, consegue sustentar?* Ela consegue ver o quão distante está hoje dessa realidade de escassez, em termos de status de classe social, mas que poderia facilmente ser a sua história.

Além disso, a questão de classe não a protege de se solidarizar com a mulher negra periférica, pois ela bem sabe que *nasceu preta* e a ascensão não a blinda de vivenciar o racismo cotidianamente. Por mais que no âmbito individual ela goze de melhores condições de existência material, sua expectativa futura é de que as novas gerações, retratadas na filha, não dependam de um projeto individual para a dignidade. *Que eu acho que todo mundo merece, deveria ter o direito de viver com o mundo com respeito, com dignidade né, mas tá muito longe. Não é a minha geração, nem é da minha filha que vai ver isso, infelizmente.*

A ótica do cuidado, portanto, parece ser derivado de um projeto de luta contra o racismo, liderado por mulheres pretas que pensam o futuro da dinâmica existencial futura manifesta nas relações de trabalho. A ótica da potência de Marta se entrelaça ao que Laura entende por possibilidades de futuro.

O que eu faço é: eu vou da ponte para lá, mas eu trago gente da ponte para cá também. Então o que que eu faço normalmente, por exemplo, tenho uma atividade no coletivo. Eu levo para me ajudar a servir por exemplo a Lisiane Lemos que foi uma alta executiva do Google que é minha irmã e da Microsoft. Teve uma vez que quando ela tava na Microsoft ainda, eu falava assim.... Gente sabe a Microsoft? Eu não sei se você sabia que ela é diretora lá no Microsoft e a Lisiane também é de pele retinta.

Como assim? Eu trago esse mundo corporativo, porque que nem todos eles vão ser jogador de futebol. A maioria, 99% deles, não vão ser jogador de futebol, não vão ser YouTubers ricos, não vão ser funkeiros ricos. É o mercado de trabalho que vai transformar a questão racial do Brasil.

Laura se posiciona como uma pessoa que transita entre mundos diferentes, separados por um abismo. A ponte se torna metáfora de acesso provisório, que para ela só poderá ser de

fato pavimentada por meio do mercado de trabalho. Em sua perspectiva, o setor corporativo se configura como o cerne da mudança do panorama social e econômico da população negra, ou seja, é a partir das relações de trabalho que será possível combater o racismo no Brasil.

E se em 2023 eu olho e vejo que as estatísticas eram perto de zero, eu costumo falar que em 1997 essas estatísticas eram negativas. Eu tô dizendo menos mesmo, porque não tinha nem pesquisa para falar sobre mercado de trabalho, pessoas negras, empregabilidade, o que a gente tinha era vivência. E é muito maluco, Vini, pensar que a gente teve momentos que eu falei assim “putz agora vai”, como eu tive momentos como agora que eu falei assim “cara, a gente se perdeu, a gente se perdeu”.

*E o mercado corporativo é essência disso... Não por conta de, veja bem políticas públicas são importantes, mas a gente não tem a celeridade que a gente precisa. **A mudança da população preta vai vir pelo mercado corporativo não tem outra opção, não tem.** E o racismo estrutural, ele sabe disso. Então quando lá em 1997 as minhas barreiras eram, precisa alguém que fala inglês e não tem. Eu preciso de alguém que tenha mestrado em física quântica universal, não sei o quê, e não tem. Cara, não tem branco, não tem preto, e quando tem, vai achar o branco. A perspectiva de lá para barrar nas empresas.*

A expectativa de hoje é: eu preciso de alguém que fala inglês. Tô aí. Eu preciso de alguém pós-graduado. Tô. Eu preciso de alguém física quântica, tô. Eu preciso de alguém de Relações Internacionais formado numa faculdade Federal de ponta, tô [gesto enfático com a mão a repetir essa palavra]. Aí as empresas falam putz e agora? E aí quando ela fala um putz e agora em 2023, elas vão olhar e falar o seguinte, pera aí.

***Se a população preta entendeu as travas que eu colocava no passado, as empresas aprenderam que o racismo estrutural também evoluiu.** A minha percepção hoje é que como população, como mercado corporativo, a gente não fez efetivamente nada concreto por moral da questão racial. Tudo que a gente fez para diversidade negra, como CNPJ, a gente fez por dois grandes pontos: se eu não fizer eu tô ferrado; e eu vou fazer porque o racismo institucional evoluiu e eu preciso entrar no hype.*

A gente não faz as coisas porque a gente entendeu, eu achei que, em 2020, as grandes [empresas] tinham entendido a questão racial. Hoje eu tenho plena ciência de que a gente só não só não entendeu, como a gente desenvolveu o mecanismo dentro do racismo institucional que a gente tem pretos se aliando a esse processo. Rotulando um negócio que chama de meritocracia. Talvez seja uma fragilidade muito Brasil isso, porque o racismo institucional corporativo descobriu que pessoas pretas não são Unidas. É melhor eu colocar um contra o outro. Do que eles se juntarem em máximo e cobrar resultado.

O discurso de Laura é contraditório na medida em que ela acredita que a ascensão de pessoas negras sustenta, no âmbito coletivo, o *diversity washing* das empresas e invisibiliza o

racismo estrutural derivado da colonialidade do poder, ao mesmo tempo em que não vê outra opção para o futuro de mudança da população preta para além do mercado corporativo. Esse dilema é importante na medida em que o racismo estrutural também evolui e se adapta ao novo contexto espaço tempo. *Se a população preta entendeu as travas que eu colocava no passado, as empresas aprenderam que o racismo estrutural também evolui.*

Assim, a ótica da potência revela como as pessoas pretas hackearam o sistema e trabalharam para implodir as barreiras de acesso às melhores oportunidades do setor privado. Entretanto, isso não parece ser o suficiente, pois o racismo - ordem dominante vigente - se desdobra e se reconfigura à nova realidade. *A expectativa de hoje é: eu preciso de alguém que fala inglês. Tô aí. Eu preciso de alguém pós-graduado. Tô. Eu preciso de alguém física quântica, tô. Eu preciso de alguém de Relações Internacionais formado numa faculdade Federal de ponta, tô.*

3 NÓ CEGO: AFROFUTURIDADES POSSÍVEIS

Ao adotar o conceito de negritude como morte social, sob a lente teórica do afropessimismo, foi possível construir nesse trabalho uma reflexão crítica racializada sobre as relações de trabalho no Brasil. Nesse sentido, tratar a escravidão como dinâmica relacional e não como era histórica deixou evidente, a partir das trajetórias observadas, que a dinâmica de violência cotidiana do racismo continua a existir nas relações atuais, mesmo sem a presença do colonizador. A violência se perpetua, pois raça é ainda o elemento central do projeto derivado da colonialidade do poder, por mais que, no Brasil, a falsa crença no mito da democracia racial tenha operado de forma substantiva. Essa crença se consolidou de forma a estabelecer a ideia de que não havia racismo no Brasil, logo a ascensão econômica seria suficiente para restituir à pessoa negra o status de humanidade.

Assim, as narrativas das pessoas entrevistadas poderiam ser histórias-exemplos dessa *suposta* restituição de dignidade, de ampliação coletiva de melhores condições materiais e existenciais para a população negra como um todo. Porém, a ascensão social, entendida como um fenômeno individual, não dá conta dessa transformação coletiva. Compreendendo negritude também como conjunto de identidades, tal como apontado por Neusa Santos (2021), foi possível tecer reflexões críticas sobre trajetórias da ascensão negra em São Paulo. Se, para o afropessimismo, pessoas negras nunca adquirem o status pleno de pessoas, pois são *coisas*, produzir conhecimento a partir da transcrição dessas narrativas foi um ato de desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008).

Em primeiro lugar, porque não é esperado que possamos elaborar um discurso nosso sobre nós mesmos/as. Por muito tempo, a academia não tratou racismo como um problema sério, sequer outros temas ligados à população negra e sua existência. Quando fomos vistos, nos tornamos visíveis apenas através do olhar e do vocabulário do *sujeito branco* (KILOMBA, 2019) e suas percepções. Não fomos vistos com o status de *sujeito*, mas, sim, como objetos.

Ter status de *sujeito* significa que, por um lado, indivíduos podem se encontrar e se apresentar em esferas diferentes de intersubjetividade e realidades sociais, e por outro lado, podem participar em suas sociedades, isto é, **podem determinar os tópicos e anunciar os temas e agendas das sociedades em que vivem** (KILOMBA, 2019, p. 74).

Nesse sentido, o ato de fala de cada uma das pessoas entrevistadas para essa dissertação representa um movimento de descolonizar o poder de quem pode ou não produzir conhecimento. É tornar-se *sujeito* na medida em que se pode elaborar um discurso sobre si e determinar as agendas que são relevantes. Ainda temos na academia carência de estudos que discutam a emocionalidade de pessoas negras, rompendo com a máscara do silenciamento que, desde a instauração do projeto da colonialidade do poder/saber, tenta nos emudecer.

Em segundo lugar, é desobediência epistêmica porque questiona os mitos da produção de conhecimento universal, imparcial, objetiva e neutra. Reivindicar uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo é reconhecer que não existe discurso neutro e universalmente válido, mas, sim, a utilização dessa falsa noção para a manutenção do lugar de dominação. Nessa disputa sobre quem pode ou não produzir conhecimento, estamos falando de relações de poder e nossos corpos pretos questionam a forma racional científica eurocêntrica de ser, sentir e estar no mundo. Concordo com Achille Mbembe (2014, p. 11) que, em “qualquer lugar onde apareça, o Negro liberta dinâmicas passionais e provoca a exuberância irracional que tem abalado o próprio sistema racional”.

No que diz respeito ao olhar e ao vocabulário adotados nesta pesquisa, adotei a postura de subjetividade consciente, rejeitando o tradicional distanciamento entre objeto de pesquisa e pesquisador (KILOMBA, 2019), uma vez que as pessoas entrevistadas são sujeitas *co*-laboradoras desse estudo. Isso não significa dizer que concordo com todas as declarações, mas que respeito e demonstro interesse genuíno pelas histórias de vida dos/as entrevistados/as. A subjetividade consciente só é possível na medida em que a pessoa pesquisadora investiga membros/as do seu próprio grupo social, gerando envolvimento com a problemática, pois há experiências compartilhadas entre ambos.

Assim, ser um homem negro em ascensão, conhecedor da realidade do mercado de trabalho privado, conversando com homens e mulheres negras em ascensão, me pareceu concretizar a possibilidade de que nos tornemos visíveis pelo olhar e vocabulário de *sujeitos pretos*. É esse o exercício de autonomia, como refletiu Neusa Santos (2019), que só é possível a partir da elaboração de um discurso sobre si mesmo.

Diante disso, proponho a análise sobre os fios-comuns que encontrei costurando as histórias de ascensão negra em São Paulo. Para além dos principais tópicos e temas que vieram à tona pelos/as entrevistados/as, esmiuçados na transcrição do capítulo dois, esses fios-comuns

adiante são reflexões gerais do entrecruzamento do fenômeno da ascensão e emocionalidade de pessoas negras.

3.1 A farsa da classe

A primeira grande constatação é que **a mobilidade social não impede as pessoas negras de vivenciarem o racismo cotidiano, não apenas nas relações de trabalho, mas na dinâmica geral de existência.** O único entrevistado que relatou não ter experimentado racismo no ambiente de trabalho foi enfático ao narrar episódios racistas em outras instâncias sociais, no caso específico sobre o local onde mora, bairro elitizado em São Paulo. Nas demais entrevistas, os episódios racistas vão se adaptando conforme suas condições financeiras e sociais mudam, mas ainda assim o racismo permanece.

Ao experienciar tais episódios, a dúvida se a discriminação se relaciona à origem de classe ou raça é frequente, especialmente na juventude ou início da jornada de ascensão. Por isso, o local de origem se torna elemento chave de análise, pois o bairro da infância ganha status de referência balizadora do sucesso ou não da ascensão. É preciso se distanciar da territorialidade demarcada pela miséria e escassez material, ou seja, pela vida de *negro* e habitar um local no qual seja possível construir uma carreira de sucesso. A associação automática entre negritude e postos de trabalho menos prestigiados (relações de trabalho marcadas pela informalidade ou subempregos) é comum, dada a ausência de referências. O trecho a seguir, vocalizado por Marta, sistematiza essa noção geral sobre territorialidade: *não se fala de carreira na periferia, se fala de trabalho, de sobrevivência, de subsistência.* Nesse sentido, quem pode pensar em trabalho qualificado, protegido e prestigiado precisa sair da periferia para acessar o mundo de gente branca, que só pode ser alcançado por meio da educação.

A educação ocupa, então, o status de grande possibilidade de mobilidade social no país, tornando-se também elemento chave de análise para o fenômeno da ascensão negra. É ao longo dos anos de estudo que, aos poucos, vai se internalizando a noção meritocrática de que com muito esforço é possível chegar a qualquer lugar. Devido às condições de adversidade enfrentadas, a ideia de merecimento e de diferenciação dos demais membros do grupo social vai consolidando a introjeção da falsa meritocracia. É comum nas narrativas a falta de sono para conciliar a dupla ou tripla jornada, o enorme tempo perdido em deslocamentos via transporte

público pela cidade, a falta de condições adequadas de alimentação e saúde. Não estranha que as poucas sobreviventes desse martírio existencial, em prol da educação formal, acreditem que são melhores que as demais pessoas que não se esforçaram tanto diante do sacrifício e passam a ser culpabilizadas por suas condições de vida.

É nos diversos espaços de educação (escolas públicas ou privadas, cursinhos pré-vestibulares, projetos sociais) que a dúvida sobre raça ou classe também se faz presente em episódios de racismo cotidiano. Em geral, são nesses espaços onde ocorrem a primeira expansão do núcleo familiar e vislumbres de outras realidades materiais possíveis. Essa expansão se dá por meio de conflitos e reconhecimentos, ou seja, pelo encontro com pessoas de outras regiões (periféricas ou centrais), gerando ou não senso de pertencimento. Ao ingressar no ensino público, após ter que abandonar o ensino privado, **Laura** vocaliza *e aí eu comecei ver mais dos meus, sabe?* reforçando o momento de reconhecimento com outras pessoas negras. **Cláudio** também se mostra deslumbrado com a expansão, verbalizando: *mas, para mim, essa foi uma outra mudança muito grande de vida, porque até então a minha rotina era ir para uma escola municipal na zona leste, ter meus amigos dali, etc. E quando eu fui para a Federal (...) quase que uma emancipação. Mas conhecer gente assim da cidade toda, né? Gente de classes sociais muito diferentes da minha.*

A educação, portanto, é o caminho comum para a ascensão, que passa a ser o grande objetivo existencial - após o momento de descoberta do novo mundo. Em geral, tal descoberta se dá a partir de uma inicial ruptura da associação automática entre negritude e postos de trabalho menos prestigiados, por meio do ganho de alguma referência. O encontro com o novo espelho se dá fora do eixo familiar nuclear (pai, mãe e irmãos/os), nos espaços de educação ou por personagens centrais nas narrativas infantis, de forma imprevisível. **Marta** discorre sobre seu processo de descoberta da educação como ponte, por meio do acaso, *é curioso é que esse acesso, ele não se deu necessariamente pela inspiração, porque a nossa referência familiar não tinha formação acadêmica.* **Cláudio** cita Dona Nair, diretora de escola e negra. **Laura** cita seus professores do cursinho pré-vestibular, todos/as negros/as. **Nunes** cita o tio branco, da parte da família da mãe.

Aos poucos, a trajetória de escalada do nível educacional, com possíveis melhorias na vida financeira e gradual mudança de territorialidade, vai se transformando em mobilidade social concreta. Entretanto, os episódios racistas continuam, tornando a questão de classe a

resposta menos factível para a dúvida comum sobre a violência cotidiana vivenciada nos primeiros anos de ascensão: *é classe ou raça?*

Cruenta é a descoberta de que a mobilidade social não impede o racismo cotidiano, não apenas nas relações de trabalho, mas na dinâmica geral de existência. É o racismo que impera.

3.2 O roubo do tempo

O segundo fio-comum sobre a ascensão negra é **o excessivo tempo necessário para a nomeação de “racismo” nas violências cotidianas enfrentadas, sobretudo nas relações de trabalho**. Em maior ou menor grau, ao longo do processo de ascensão, há grande esforço adaptativo em decodificar e se ajustar aos costumes e valores do mundo dominante branco. Mais do que apenas se adaptar, é o desejo inconsciente e irrealizável de tornar-se branco/a, como apontou Fanon (2020), em suas elaborações psicanalíticas revisitadas ao longo desta dissertação.

Marta e Cláudio foram expressivos em relatar que, por muito tempo, acreditaram no mito meritocrático, como proteção. **Marta** afirma: *eu acreditei no mito meritocrático e aquilo foi bom porque eu acho que me protegeu, se eu tivesse acreditado que era uma coisa tão impossível, eu talvez eu não tivesse me esforçado tanto*. Sua história de privação e sacrifícios envolveu privação de sono, de alimentação e outras estratégias de resiliência. Sua luta aqui não é romantizada em seu discurso, pelo contrário, ela se entende como sobrevivente. **Cláudio**, por sua vez, revela: *eu só fui perceber isso muito tempo depois, é quase como se a gente se embranquece um pouco para entrar num determinado padrão, e eu não queria ser uma pessoa vítima*. É preciso, portanto, pontuar o embranquecimento e o medo da vitimização como processos intimamente ligados ao tempo excessivo para que o sujeito em ascensão se dê conta da violência racial.

O embranquecimento se refere à tentativa de realização do ideal do ego, que é branco. Não se trata de negar uma presumível identidade negra, pois nascer preto/a no Brasil e compartilhar uma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial não organizam, por si só, uma identidade negra (SOUZA, 2021). Trata-se de esconder a pele negra, sob uma máscara branca, por meio de uma relação persecutória com o próprio corpo (FANON,

2020). Daí a recorrência de buscar artifícios para deixar os traços negros menos negros, sobretudo o cabelo.

Nas relações de trabalho, a estratégia de embranquecimento se manifesta como reação ao racismo cotidiano vivenciado nos processos de seleção, performance, carreira e convivência. Quem está acima na relação hierárquica de poder, em geral de subordinação, possui a chancela para definir o cabelo que aparenta ou não uma imagem profissional séria. O cabelo crespo, trançado, volumoso, *black power*, enfim, negro, é rechaçado sob um discurso sugestivo. As conversas do dia a dia definem quem está bronzeado/a e é belo/a, e quem está "queimado/a demais", logo descuidado/a. São os atravessamentos do cotidiano que vão definindo a imagem de quem pode ascender ou não e, quanto mais branco, melhor.

Ter o corpo invadido e violado pelo olhar e vocabulário da branquitude, como quem precisa ser *tolerado*, passa a ser algo comum nas narrativas de pessoas negras que pretendem manter relações diplomáticas que o/a permitam ascender nas empresas, pois a possibilidade de ser visto/a como vítima é parte do contexto de medo do racismo cotidiano. Como a pessoa negra é usada para as projeções e repressões do que a sociedade branca tornou tabu, a probabilidade de ser visto/a como desejável em um instante e logo depois ser visto/a como agressivo/a, gera o silêncio diante do racismo. A manutenção da pessoa negra nessa redoma de silêncio e medo é o que vai garantir a continuidade do *pacto narcísico da branquitude* (BENTO, 2002).

O que ocorre, então, em determinado momento existencial, que faz com que a pessoa negra em ascensão quebre essa redoma e retire as máscaras brancas? A partir desse trabalho, proponho duas noções para aprofundar esse questionamento: **a tomada de consciência do devir negro e a performance de negritude.**

Para Neusa Souza (2021), ser negro/a não é uma condição dada a priori. É um vir a ser, como tomada de consciência da negritude. Em determinado momento, quando a pessoa negra entende que a mobilidade social não a blindava do racismo, é preciso se debruçar sobre a problemática em outros termos. Parece, contudo, que esse entendimento só é alcançado quando ocupar o status de classe almejado - enquanto projeto de vida - não se traduz em realização e conforto psíquico, ou seja, percebe-se que o ideal do ego branco é irrealizável. Esse desconforto psíquico leva o/a *sujeito negro* a revisitar sua trajetória e elaborar um novo discurso sobre si, em desespero por alguma identidade negra.

A possibilidade de construir uma identidade negra - tarefa eminentemente política - exige como condição imprescindível a contestação do modelo advindo das figuras primeiras - pais ou substitutos - que lhe ensinam a ser uma caricatura do branco. Rompendo com esse modelo, o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio (SOUZA, 2021, p. 116).

As histórias da infância, adolescência e personagens centrais são, nesse contexto, revisitadas. Ficou evidente o movimento de contestação das figuras primeiras nas trajetórias das pessoas entrevistadas, com exceção de Nunes. **Cláudio**, como exemplo, se debruça sobre as conversas com seu pai sobre *não incomodar demais para ter o lugar à mesa*, e passa a contestá-la à medida em que também quer ser amado, aceito, visto sem a máscara branca sobre sua pele negra.

Descobrir-se negro/a sem incomodar demais se transforma no dilema de andar sempre pronto/a para reagir à violência racista, que é transversal e imprevisível, ou ser pego/a de surpresa, não reagir e lidar com a culpa posterior pela paralisia. Em ambas as possibilidades, o olhar do *sujeito branco* é o mediador entre o medo de ser o/a negro/a raivoso/a e a recompensa possível por ser o/a negro/a dócil. A pessoa negra em ascensão, assim, parece estar fadada à negação da violência racial como estratégia de manutenção do frágil lugar à mesa. Somente com o passar do tempo, ou seja, com a percepção de que este lugar à mesa está *pretensamente* garantido, é possível ir retirando a máscara, muito lentamente, notando o estado da pele que ali ficou, as feridas que nunca foram tratadas e a tentativa de construir uma nova identidade. Por passar do tempo, refiro-me a anos. **Marta** é contundente:

*Mas o custo que eu pagava para estar nesse lugar [de ascensão] era infinitamente maior. E não só o custo direto, mas o custo da minha saúde, a quantidade de horas que eu dormia por dia, porque eu morava muito longe, tudo. Meus pares, meus colegas iam de carro, iam a pé. Eu pegava duas horas de ônibus para ir e duas para voltar. Ia para faculdade, dormia 3 horas por noite. **Então esse tipo de coisa que a gente só vê depois o quanto isso pode ser violento, impacta na saúde.** Então foi assim que a minha construção de carreira se deu. Por muitos anos. Muitos. **Demorei, sei lá, mais uns 15 anos.** Provavelmente isso aconteceu lá dos meus 30 e poucos anos. Por quê? Porque por isso que eu falo que eu acreditei nesse mito meritocrático. A partir do momento que eu me vi lá, falei Yes, eu mereci. Olha como eu me empenhei. Eu associei o meu esforço a conseguir. E falei: logo eu sou um deles. Eu não devo nada para ninguém. Realmente não devo nada para ninguém, mas eu não sou um deles. Eu continuo sendo uma mulher negra da periferia [sorriso enorme].*

Não há fórmula temporal exata para a tomada de consciência do *devir negro*, mas Marta se afirma tardiamente - sem medo - como uma mulher negra da periferia, reivindicando para si um rosto próprio que também é coletivo. É a quebra da redoma de medo e silêncio diante do racismo cotidiano. Entretanto, conforme detalhado no primeiro capítulo, sabemos que a associação da carne negra à economia libidinal serve como depósito da vida psíquica e emocional da branquitude (CORRAIDE; PEREIRA, 2021). Pensar, desse modo, as existências pretas em instituições brancas, no seio do neoliberalismo, me faz refletir sobre a necessidade atual das grandes empresas em sustentar o discurso de inclusividade e sustentabilidade.

Nesse sentido, a retirada da máscara branca por meio da **performance de negritude** pode surgir pela própria necessidade das empresas de transformar essas histórias de ascensão em grandes produtos. Criar uma única presumível identidade negra mantém o *status quo*, que é o mundo antinegritude. Temos a continuidade do massacre da subjetividade de pessoas pretas, reduzidas a coisas/objetos sem agência, e do fetiche de onisciência da branquitude, conhecendo inclusive a suposta experiência do que é ser negro/a. A história de Cláudio nos dá pistas sobre essa expectativa de performance, quando ele diz:

*O fato de entrar e encontrar meu primeiro quilombo corporativo, pessoas que já olharam e logo de cara me puxaram para discussões, é o que começa a levantar várias questões e coisas que eu tive que ir até ir atrás, estudar, porque obviamente, e acho que 2020 foi o que mais acelerou esse processo por conta do George Floyd. Todo mundo queria saber, **todo mundo queria perguntar da experiência de ser negro.***

Retomando a metáfora prévia sobre o lugar à mesa, se a branquitude passa então a esperar que haja uma performance de negritude como atração principal do jantar, em que medida esse rompimento da redoma de silêncio e medo não se torna uma estratégia inconsciente de ascensão? **Laura** reflete, no discurso adiante, sobre essa tal performance feita para a branquitude:

*E aí essa minha geração que é o culpado, de esquecer o que tava lá, de quem lutou e chegou aqui. E se corrompeu por um negocinho que chama pulseirinha Vip. **É evolução do racismo estrutural**, Vini. A gente está criando categorias inclusive de neonegros. Eu brinco com o Cláudio, olha lá a neonegra, que a pessoa teve a passabilidade até agora ao chegar aos 45 anos. Aí descobriu que tem uma avó Negra e se auto declara como negra e o mundo corporativo, fala assim: “Meu, então vem cá, você é A pessoa”*

A partir da ideia de *neonegros/as*, Laura questiona uma suposta descoberta do devir negro apenas como reforço da carne negra que sustenta a economia libidinal. Nessa perspectiva, não há pluralidade de rostos, mas uma única presumível identidade negra, homogênea, que quanto mais próxima for da branquitude, melhor será.

É justamente na reflexão sobre a performance de negritude que pretendo inserir a percepção de Nunes de nunca ter vivenciado experiências racistas no ambiente de trabalho. Não se trata aqui de invalidar ou contestar sua trajetória, mas investigar caminhos sobre possíveis identidades negras, a partir da costura das narrativas aqui analisadas. Minha hipótese sobre o discurso de Nunes é que o ambiente no qual ele está inserido espera dele uma performance de negritude branca, ou seja, de um corpo negro que está perfeitamente adequado aos costumes, hábitos e experiências do mundo dominante branco. Mais do que isso, que possa ser um exemplo-história (*token*) de que a concepção de humanidade não foi forjada a partir do projeto eurocêntrico branco. Assim, o status de humanidade estaria disponível a qualquer *coisa* negra, que por meio do projeto de ascensão, torne-se gente.

Ademais, não há em seu discurso a contestação do modelo advindo das figuras primeiras, condição indispensável para a tarefa política de construção de uma identidade negra, conforme Neusa Santos (2021). *A mãe branca e o pai negro* permanecem como figuras intocadas pela dinâmica do racismo, sujeitas apenas à farsa da classe, sob a qual ambos vivenciam experiências semelhantes em razão da origem de classe. Assim, a caricatura de ser branco, ensinada pelas figuras primeiras, permanece como sustentáculo de uma performance de negritude branca.

Ainda em relação à questão de como a performance pode ser moldada pelas expectativas do contexto cultural dessas instituições brancas, cabe inserir aqui as reflexões de **Marta** sobre como, em alguma medida, tais performances a ajudaram no auto-entendimento sobre o devir negro.

Então eu não percebi, isso me levou muito tempo e eu só percebi quando a maturidade começou a me trazer onde tava o valor profissional que eu aportava, que não estava... Quando eu trabalhei em empresas, por exemplo, que tinham culturas mais flexíveis, que não me exigiam determinados protocolos ou determinadas, ou que tinham pessoas mais diversas ou realidades mais parecidas com a minha, por exemplo. Então foi um processo muito longo e eu acho que... isso eu já era mãe, já tinha outras prioridades também. Quando você se torna mãe, a sua prioridade 1 é a criança, né? Então assim, demorou, demorou e demorou muito. E eu arrisco a dizer que, tô falando de mim, mas eu posso falar de colegas também, que muitos colegas

que sejam talvez até mais velhos do que eu, não tenham percebido isso ainda, do custo emocional de você tentar se encaixar em algo que você não é.

Marta parece traduzir minha hipótese sobre Nunes, de que ele talvez ainda não tenha tido tempo suficiente para perceber o custo emocional da ascensão. É no entrecruzamento das noções de tomada de consciência do devir negro e a performance de negritude que o tokenismo fica evidente, transformando as histórias de ascensão em produtos de marketing e em dados inteligentes para a manutenção do racismo, com outras roupagens.

É contraditório, portanto, que até o tempo possa ser manipulado pela branquitude. O tempo necessário para que a pessoa negra em ascensão se dê conta da violência racial a qual está submetida pode ser manipulado pela branquitude justamente na encruzilhada performática da consciência negra. Por isso, Neusa Santos (2021) afirma que a possibilidade de construção de pluralidades negras, rostos próprios, heterogêneos, é uma tarefa eminentemente política. A ascensão individual não dá conta desse movimento, pois estamos sujeitos ao roubo do tempo e dos projetos de vida.

3.3 A liberação da emoção

O terceiro fio-comum sobre a ascensão negra é **o massacre da subjetividade no nível individual e a conseqüente emergência de novas formas de aquilombamentos**. Como detalhado no primeiro capítulo, uma pessoa alcançaria o status completo e pleno de *sujeito* quando ela se identifica e se sente reconhecida como *sujeito* nos níveis político, social, cultural e individual. No entanto, o racismo viola todas essas esferas, afetando diretamente a construção da subjetividade de pessoas negras (KILOMBA, 2019).

Como a ascensão econômica está intimamente ligada à ascensão social, por mais que este fenômeno só possa ser concretizado de forma individual, torna-se tarefa quase utópica tentar separar as dimensões individual e social para analisar o processo de reconhecer e ser reconhecido/a enquanto *sujeito*. Cabe, portanto, destacar os temas que ganham relevância central nas narrativas, no que diz respeito às relações de trabalho e sua relação com os estereótipos e representações sociais historicamente atrelados à pessoa negra.

O primeiro tema que destaco é a **necessidade de diferenciação** ao longo do processo de educação e crescimento profissional, com frequente **sensação de isolamento e solidão**. Para desenvolver essa ideia, retomo o pensamento de Frantz Fanon (2020) ao desenvolver a noção de que a pessoa negra se comporta de forma diferente com o *branco* e com o/a negro/a. Com o branco, é preciso ser diplomático para ser reconhecido, ou seja, ser melhor, sem deixar tão evidente tal petulância, que pode ser entendida como arrogância ou atrevimento. Com o negro, é preciso ser urgentemente melhor para ser o único. **Cláudio** serve como exemplo ao narrar sua relação com Dani na faculdade, episódio analisado no capítulo dois.

*E eu lembro que na época da faculdade ela [Dani] falava coisas do tipo “ai, nem os brancos nem os negros me aceitam, porque eu estou no meio, porque as pessoas não me querem”. Ela trazia muito isso e aí muita gente olhava para ela e acho que até eu caí nessa coisa de falar “olha, você fica reclamando aí, olha pro Cláudio e ele não tá reclamando”. **E eu até achava legal**, depois eu fui perceber que ela tinha várias questões.*

Como no racismo cotidiano a pessoa negra pode ser desejada em um instante e tornar-se abominável logo depois, há esforço por parte da pessoa negra em ascensão para se diferenciar, se destacar. É Cláudio quem também narra, *quando eu estava na Coca [empresa], alguém me falou “Nossa, mas qual é o seu diferencial? Porque você teve uma educação branca”*. Em ambas as situações, na relação com o/a negro/a ou com o branco, é por meio do olhar e vocabulário da branquitude que a pessoa negra lida com o reconhecimento social (FANON, 2020).

Assim, a diferenciação enquanto estratégia de sobrevivência e ascensão conduz ao gradual isolamento individual. Apesar de melhores condições materiais de existência, a experiência de ascensão não promove o alcance do status de humanidade no nível individual e tampouco no coletivo, mas sim o desamparo de estar à própria sorte. Os versos de Luedji Luna (2017) traduzem de forma poética, esse desamparo: *“Eu sou um corpo, um ser, um corpo só | Tem cor, tem corte e a história do meu lugar | Eu sou a minha própria embarcação | Sou minha própria sorte | Olhares brancos me fitam | Há perigo nas esquinas | E eu falo mais de três línguas | E a palavra amor, cadê?”*. A compositora estabelece um paralelo entre as pessoas negras escravizadas que fizeram a travessia nos navios negreiros com os atuais imigrantes e brasileiros negros na cidade de São Paulo. Apesar de títulos de qualificação formal, idiomas fluentes, habilidades particulares, ainda permanecem no status do que, sob a lente do

afropessimismo, podemos chamar de anti-humanidade. Por isso, a pergunta final do trecho, *para quem amor?* Sobre que tipo de amor estamos falando?

O amor, na concepção ocidental, fica circunscrito como símbolo de liberdade, igualdade e fraternidade para aqueles/as que são considerados/as humanos/as. É no campo diametralmente oposto, da animalização completa do/a negro/a, que nasce e perdura o estereótipo comum do/a negro/a raivoso/a. A raiva é elemento presente em todas as trajetórias de ascensão, manifestando-se de duas formas. Em primeiro lugar, a *raiva solitária* é aquela que precisa ser diluída ou, pelo menos, manejada, pois ocorre nas situações cotidianas em que não se pode externa-la. A imagem do/a "negro/a raivoso/a" parece ser uma das formas de manipulação da subjetividade de pessoas pretas que, no processo de embranquecimento, não dão vazão para suas emoções em razão do condicionamento social da branquitude. Isso fica evidente nas histórias de Cláudio, Marta e Laura, em diversos episódios discutidos no capítulo dois. Além da raiva solitária, a história de Nunes destaca a *raiva de direito*, isto é, aquela que, por tratar-se de um ato explícito, pode ser canalizada e endereçada por meios legais, a partir da utilização dos recursos disponíveis.

*E agora eu estou processando ele. Então, qual é o meu ponto aqui? Eu tenho uma péssima vocação para ser vítima. Então a minha vida inteira, se era para ser alguma coisa, eu era agressor, então eu vou ser agressor. Sofrer algum tipo de racismo? Eu comento que eu não sofro racismo. Eu passo por racismo porque quem vai sofrer é outra pessoa. Então eu tenho... eu sou esclarecido... **Então eu sei quais são os meus direitos, né?** Eu não tenho vergonha de falar que passei para o racismo, inclusive até o contrário, sempre falo em várias reuniões que teve caso de racismo, então não tenho a menor vergonha de falar isso, não sou eu que devo ter vergonha é a outra pessoa. **Tenho recurso financeiro para entrar de maneira legal, acionar advogado e tudo mais.** Então o cara vai ter que gastar dinheiro e eu adoro uma confusão, adoro uma confusão.*

Cabe destacar que este foi o único episódio de racismo das entrevistas que se tornou objeto de processo criminal. Nunes possui as condições financeiras e emocionais para seguir com a denúncia de forma a se vingar do sofrimento, *quem vai sofrer é a outra pessoa*. A restituição financeira, portanto, surge como forma de protesto e exigência por liberdade, canalizando a raiva de direito, na busca de uma nova territorialização.

A busca por territórios de liberdade nos faz pensar nos quilombos, não apenas como símbolo da resistência preta, mas como local de existência. Os versos de Jorge Aragão (1986) traduzem bem essa busca: *“Podemos sorrir, nada mais nos impede | Não dá para fugir dessa*

coisa de pele | Sentida por nós, desatando os nós | Sabemos agora, nem tudo que é bom vem de fora | É a nossa canção pelas ruas e bares, que | Nos traz a razão, relembando Palmares | Foi bom insistir, compor e ouvir | Resiste quem pode à força dos nossos pagodes". O que seria essa *coisa de pele* sentida por nós? Numa primeira interpretação, poderíamos refletir sobre a violência brutal do racismo que a pessoa negra em ascensão tenta ignorar, como tentativa de fuga da dor. Essa fuga só é possível através da negação da emocionalidade e do corpo, ou seja, pelo estabelecimento da relação persecutória com o próprio corpo - traço central da violência racista (FANON, 2020). Disso, resulta a ideia de que o racismo é uma máquina de triturar aquilo que há de mais subjetivo em nós (ALMEIDA, 2022).

Entretanto, parece ser justamente dando vazão ao ato de sentir essa coisa de pele que se torna possível desatar os nós, percebendo que nem tudo de bom vem de fora. Essa segunda interpretação é um convite para olhar não apenas para o massacre da subjetividade resultante do racismo, mas para os quilombamentos possíveis como novas formas de se situar no mundo. É a canção que traz a razão. É a emocionalidade que desata os nós. Nas histórias de ascensão aqui analisadas, os quilombamentos só apareceram quando não se nega mais o corpo-documento negro (NASCIMENTO, 2007), "com a afirmação autorreferenciada da negrura como elemento fundamental de transformação dos sujeitos negros" no chão da diáspora (REIS, 2022, p. 82).

Com **Claúdio**, tivemos o surgimento do quilombo corporativo, analisado neste capítulo a partir do entrecruzamento da tomada de consciência do devir negro e da performance da negritude. Ainda assim, torna-se um espaço coletivo de existência, elaborações de noções e reflexões sobre si mesmos, para o grupo de pessoas negras inseridas dentro de determinado contexto organizacional. Com **Laura**, o processo de quilombamento surge ainda em sua juventude, quando conta sorrindo sobre o Baile Black. *Era época que eu via todo mundo lavando a cabeça no tanque com um sabão de coco pro black ficar durinho... Pessoal fica usando gel da Salon Line agora, raiz era o sabãozinho de coco lá sabe pra ficar com o black redondinho*. Com **Marta**, o quilombamento fica evidente nas relações de intimidades coletivas com outras pessoas negras, *cada leitura a gente consegue de boca fechada se entender, então esse é o poder que eu falo do quilombamento. Ele é muito importante, né? Então por exemplo tem vários grupos, o grupo que eu e o Cláudio fazemos parte é um deles*. Marta se refere aqui a um coletivo de pessoas negras executivas, do qual é fundadora. Em sua perspectiva, a possibilidade de compreensão e reconhecimento de outra pessoa negra (ainda que de forma

silenciosa) é um alívio psíquico. Com **Nunes**, o senso de coletividade também emerge como nova forma de se situar no mundo. *O negro precisa se unir mais, tá? Então a gente está isolado, na [empresa onde trabalha hoje] quantos negros têm? Poucos. Em posição de liderança? Menos (...) Então nós somos poucos, nós temos que nos unir pra um puxar o outro pra cima. Nós temos que nos unir para ver que a gente não está sozinho. A gente não tá isolado, a gente pode fazer coisa juntos. O judeu faz muito isso. O judeu tem um senso de coletividade, até por causa de séculos de perseguição, ele tem um senso de coletividade muito forte.*

Assim, no mundo antinegritude fugir dessa *coisa de pele* se torna uma estratégia individual de sobrevivência, que, por um lado, pode conduzir ao processo de ascensão e melhores condições materiais no nível individual; por outro lado, no nível coletivo, parece restar apenas a dimensão política como possibilidade de desatar os nós contraditórios da ascensão, para romper com o isolamento, reconhecer e ser reconhecido nos níveis individual, social e político, enfim, tornar-se sujeito.

A liberação da emoção pode surgir como ferramenta de luta política, uma vez que em “qualquer lugar onde apareça, o negro liberta dinâmicas passionais e provoca a exuberância irracional que tem abalado o próprio sistema racional” (MBEMBE, 2014, p. 11). A racionalidade branca criou o mito do discurso neutro, objetivo e universal, na tentativa de assegurar o lugar de dominação nas relações de poder/saber. Nesse sentido, ainda precisamos compor novos versos-conceitos que futurizem formas negras de ser e estar no mundo. É preciso costurar mais discursos nossos sobre nós, para desatar os nós. Criar novos conceitos que nos permitam elaborar noções sem a mediação do olhar e vocabulário da branquitude.

Pensar em afrofuturidades possíveis surge, então, da necessidade ainda urgente de combater o racismo. Quebrar a redoma de silêncio e medo; retirar a máscara branca da pele negra; sorrir e liberar a emoção; são todos caminhos pensados aqui como maneiras de engajamento na luta política para novas formas de ser e estar no mundo, enquanto *sujeitos negros/as*.

MEADAS FINAIS

Refletir sobre o fenômeno da ascensão social negra, por meio da costura de noções teóricas e das narrativas biográficas daqueles/as que ascenderam via mercado de trabalho privado, foi uma tarefa prazerosa, desafiadora e complexa. Sigo nas meadas finais da dissertação com a sensação de ter encontrado algumas respostas e me deparado com tantas outras perguntas.

As noções teóricas, expostas no primeiro capítulo, foram essenciais no adensamento dos problemas e no fornecimento de lentes possíveis para as análises. Tratar o ambiente de trabalho como espaço atravessado por relações de poder possibilitou escancarar o falso problema do racismo para as grandes empresas do setor privado. Há um problema no nível performativo, ou seja, a ausência de pessoas negras em posições de prestígio rechaça a institucionalização de um discurso baseado em diversidade e inclusão, o que hoje é importante para as instituições brancas derivadas da colonialidade racista. As raras existências negras nessas instituições em posições de poder servem para legitimar um discurso de inclusão e mascarar o racismo como fundamento das relações de trabalho ainda hoje. A partir do afropessimismo, sob o qual a escravidão não é era histórica, mas sim dinâmica relacional, foi possível entender que, na divisão racial do trabalho, os corpos pretos não alcançam o status de personalidade, elemento fundamental para a caracterização das relações de emprego como trabalho e direito humano. Assim, ter uma única pessoa preta no topo não faz com que todo o grupo social alcance o status de humanidade, pois a lógica do topo não questiona as relações de poder forjadas a partir da colonialidade capitalista, fazendo que a representatividade seja uma falsa ilusão de futuro. O futuro está preso ao passado.

Assim, no campo das subjetividades, a ascensão negra está intimamente ligada às estratégias de embranquecimento num mundo antinegitude. Além do falso problema do racismo para as instituições brancas, a existência e vida subjetiva das pessoas negras que têm suas histórias transformadas em produtos de marketing é, sim, uma questão real. Por um lado, a ascensão promove no âmbito individual melhores condições de existência material, por outro lado - no âmbito coletivo -, o *diversity washing* invisibiliza o racismo estrutural derivado da colonialidade do poder. Por isso, o processo de ascensão social e econômico das pessoas negras é tão contraditório.

A primeira resposta desta dissertação, que era em alguma medida mais evidente, é o alto custo emocional da ascensão social e econômica. A partir do trabalho ontológico, enquanto

conceito, esperei encontrar nas narrativas biográficas tanto o enfrentamento da violência diária para permanecer nas instituições brancas quanto estratégias de sobrevivência desenvolvidas ao longo dos anos. De fato, me deparei com pessoas generosas e ávidas por compartilhar suas histórias, quando as convidei para conversar sobre suas trajetórias e a produção de conhecimento.

A transcrição das trajetórias, no segundo capítulo, é resultado do meu papel enquanto pesquisador-costureiro de encontrar os principais temas enunciados, apontar contradições e aparências, a partir do pensamento psicanalítico preto. Neusa Santos Souza, Frantz Fanon e Grada Kilomba me foram de grande suporte para que eu pudesse colocar em prática a perspectiva da subjetividade consciente ao dialogar com as pessoas entrevistadas e ensaiar conjuntamente o exercício que é tornar-se sujeito: poder determinar os tópicos e anunciar os temas e agendas das sociedades em que vivemos (KILOMBA, 2019).

Desta forma, o primeiro grande atravessamento das narrativas de ascensão em São Paulo foi a relação complexa do sujeito com a territorialidade, o local de origem, e sua íntima conexão com a centralidade da educação como via de ascensão. Esse ponto de intersecção foi analisado em diversos momentos sob o modelo de formação do ideal do ego, fundamentados na opressão de classe, de gênero e de raça. Ao longo dos anos, outros atravessamentos significativos são perpassados pelo processo de ascensão, ganhando relevância, sobretudo, a afetividade e possível formação de novos vínculos familiares, assim como as diversas estratégias de embranquecimento.

É impossível delimitar a existência das pessoas entrevistadas às portas e janelas das instituições brancas nas quais passaram anos de suas vidas. A partir de suas carreiras e da reflexão crítica sobre as relações de trabalho, foi possível estabelecer um estudo sobre o racismo cotidiano. Minha hipótese, portanto, de que haveria uma suposta autonomia conquistada pela pessoa negra que ascendeu, ainda que essa autonomia se amparasse na negação da negritude, não se confirmou por duas razões.

Em primeiro lugar, porque a mobilidade social não impede as pessoas negras de vivenciarem o racismo cotidiano, não apenas nas relações de trabalho, mas na dinâmica geral de existência, como apontado no terceiro capítulo. Nesse sentido, a ascensão não garante automaticamente qualquer nível de autonomia, ou seja, um discurso sobre si mesmo. Pelo contrário, é bem provável que uma história de ascensão se torne um mero produto de marketing

necessário para o discurso performativo de inclusão nas instituições brancas, ocultando o racismo estrutural existente.

Um discurso sobre si mesmo, a autonomia, exige a tomada de consciência racial/política, pois ser negro/a não é uma condição dada, é um vir a ser. Aqui reconheço a segunda lacuna de minha hipótese inicial, uma vez que a conclusão da pesquisa aponta para a ideia também desenvolvida por Neusa Santos (2019), de que não há uma presumível negritude, enquanto identidade, que possa ser negada. É a partir da tomada de consciência do devir negro que podemos tentar criar outras formas de ser e estar no mundo, para além da performance de negritude esperada pelo olhar do sujeito branco.

Nesse exercício político de construção de conhecimento, a partir do nosso próprio olhar e vocabulário, é onde poderemos encontrar novas formas de aquilombamentos e futuros. Parece que se tornar ou não negro/a no Brasil é uma pergunta que a pessoa negra em ascensão, em algum momento de sua trajetória, se fará, seja porque a máscara não lhe cabe mais, seja porque o sistema pode lhe solicitar. A retirada da máscara e o ato de fala podem ser um enfrentamento ao roubo do tempo, ou seja, um processo de revisitar sua própria história e reconstruir politicamente uma subjetividade massacrada pelo racismo. A liberação da emoção surge para mim como o grande caminho-pergunta nas últimas meadas deste trabalho, pois parece apontar para novas territorialidades políticas do corpo-negro.

Acredito que esse estudo pode operar como incômodo inicial para as pessoas negras que buscam novas formas de educar para a liberdade e formas políticas de combater o racismo nas instituições. E não apenas no ambiente de trabalho e nas relações de trabalho. É preciso repensar urgentemente novas formas de ser e estar no mundo e, assim, exercer autonomia, quebrando, cotidianamente, as *algemas douradas*.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. Declarations of whiteness: The non-performativity of anti-racism. "Borderlands", v. 3, n. 2, p. 1-15, 2004.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, Silvio; SOUSA, Felipe Rodrigues. Raça e racismo no Brasil: Uma perspectiva estrutural. In: FEFFERMANN, Marisa *et al.* *Interfaces do genocídio no Brasil: raça, gênero e classe*. São Paulo: Instituto de Saúde, 2018.

ALMEIDA, Mariléa de. *Devir quilomba: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas*. São Paulo: Elefante, 2022.

AMARTINE, Daniela Nunes de; QUEIROZ, Marcos Vinícius Lustosa. Discutindo o afroempreendedorismo: reflexões sobre o conceito a partir dos casos brasileiro e colombiano. *Revista Direito GV*, 18(2), 2022, e2220. <https://doi.org/10.1590/2317-6172202220>.

ARAGÃO, Jorge. Coisa de pele. In: Aragão, Jorge. *Coisa de pele*. Rio de Janeiro: Som livre, 1986.

BRASIL. Decreto nº 7.824, de 11 de outubro de 2012. Regulamenta a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Diário Oficial da União, Brasília, 15 out. 2012b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/D7824.htm. >Acesso em: 10 out. 2023

BENTO, Maria Aparecida Silva. *Pactos Narcísicos no Racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 169p., 2002.

CAMPOS, Alessandro de Oliveira. A psicologia e o racismo estrutural na atualidade latino-americana. *Revista ABPN*, v. 12, p. 27-51, 2020.

CARDOSO, Lourenço. A branquitude acadêmica, a invisibilização da produção científica negra, a autoproteção branca, o pesquisador branco e o objetivo-fim. *Educação*, v. 47, 2022 –

Jan./Dez. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/62742>. Acesso em: 08 de jun. 2023.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Jandaíra, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé W. “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine Feminist Theory and Antiracist Politics”, *University of Chicago Legal Forum*, n.1, 1989, p. 139-67.

ETHOS, Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas / Instituto Ethos e Banco Interamericano de Desenvolvimento. 2016. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/Perfil_social_racial_genero_500empresas.pdf> Acesso em: 1 nov. 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento. Brasília: UBU, 2020.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20Lélia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 15 nov. 2022.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LUNA, Luedji. Um corpo no mundo. In: Luna, Luedji. *Um corpo no mundo*. São Paulo: YB Music, 2017.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. 1ª edição. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO; DEFENSORIA PÚBLICA DA UNIÃO. *Parecer técnico nº ACPCiv 0000790-37.2020.5.10.0015*. Brasília: Ministério Público do Trabalho, Defensoria Pública da União. 13 out. 2020. Disponível em: <https://mpt.mp.br/pgt/noticias/parecer-acp-dpu-x-magalu-13-10.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. In: RATTTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

NASCIMENTO, Beatriz. Mulher negra no mercado de trabalho. In: RATTTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

NOGUEIRA, Izildinha Baptista. *Significações do corpo negro*. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo (SP), 1998.

NOGUEIRA, Oracy. *Tanto preto, quanto branco: Estudos de relações raciais*. São Paulo, T. A. Queiroz Editora, 1985

PEREIRA, Flávia Souza Máximo; CORRAIDE, Marco Túlio. Trabalho preto, instituições brancas: a personalidade racializada na relação de emprego no Brasil. *TEORIA JURÍDICA CONTEMPORÂNEA* V. 6, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

REIS, Diego dos Santos. A arte neoliberal de governar e a teoria do capital humano: perspectivas críticas em educação e trabalho. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 1076-1093, set.-dez. 2020. DOI:10.12957/riac.2020.54596.

REIS, Diego dos Santos. Corpo-documento: um ensaio para descolonizar memórias. *Revista Interterritórios*, Caruaru, v. 8, n. 16, p. 78-93, 2022.

SARAIVA, Luís Augusto Ferreira. *Ubuntu e a metafísica Vodum: o pensar filosófico a toques de tambor de mina*. Belo Horizonte, MG: Letramento. 2020.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. 1.ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.

ANEXO 1 – ENTREVISTA COMPLETA - Cláudio

Vinícius: Vou fazer uma retomada aqui nesse começo para a gente alinhar as expectativas. Então, basicamente você já até conhece um pouco do meu projeto, mas para pessoas que não conheçam, vou fazer uma breve introdução sobre o que é a minha pesquisa. Então a minha pesquisa é justamente que vai olhar a ascensão negra no Brasil, o antirracismo nas empresas privadas. Então, retomando, acho que é bom fazer essa busca aqui, que o meu trabalho visa a experiência subjetiva de pessoas negras que ascenderam. E para isso, então, eu faço uma primeira retomada de conceitos de intelectuais, pensadores, pensadoras negras sobre o que é as relações, o que é algo, de alguma forma, as relações raciais no Brasil. E numa segunda parte, a minha ideia é escutar pessoas negras que ascenderam com base em quatro eixos que eu vou te contar quais são.

A partir disso, entender e fazer reflexões e considerações sobre as percepções subjetivas delas. Então, a minha proposta é que as pessoas que eu estou entrevistando, inclusive você. A minha ideia não é revelar informações pessoais delas no sentido de que eu quero ocultar nome e citações que possam localizar essa pessoa. Então, desde nome até nome de empresa onde trabalhou, eu acho que isso não faz muito sentido para o trabalho. Eu acho que o que faz mais vai.

Cláudio: Você vai falar de homem, 40 anos, que trabalha multinacional?

Vinícius: Isso, isso. Então, basicamente os critérios que eu defini para convidar pessoas para essas entrevistas, eu vou te falar desses critérios agora. Então são pessoas que se auto declaram como pessoas negras, pretas ou pardas, de acordo com o IBGE, e que ascenderam via setor privado de trabalho, este é o primeiro critério. Um segundo critério de renda, então estou buscando ouvir pessoas que tenham uma renda mínima de 20 vezes o salário-mínimo no Brasil. E entendo que esse é um indicador que revela uma camada pequena da população e traz aí um local muito acima do que é a média do Brasil. E, como último critério, pessoas que tenham pelo menos dez anos de experiência em grandes empresas e que tenham aí uma posição com influência e tomada de decisão. São esses os critérios. E aí, a partir disso, eu proponho então quatro eixos. Um eixo que eu estou chamando de história familiar. Um eixo de carreira

profissional; um eixo chamado vida emocional. E um quarto eixo chamado Negritude, com algumas perguntas em cada um desses eixos.

Cláudio: Tá bom.

Vinícius: Então a minha ideia é fazer essas perguntas e deixar você trazer o que faz sentido. E a gente vai conversando. Então, da entrevista eu vou fazer a transcrição disso e entender quais trechos que eu vou utilizar cumprindo esses critérios que eu te falei de não localização e de reflexões e ponderações sobre. E depois, obviamente, compartilhar os resultados finais do trabalho com a minha amostra.

Cláudio: Você vai entrevistar quantas pessoas?

Vinícius: Olha, a ideia é entrevistar quatro pessoas.

Cláudio: Ah tá, é bem qualitativo mesmo.

Vinícius: Sim, exatamente a ideia. Acho que tenha mais profundidade do que uma amostragem. Então por isso que são experiências subjetivas. E quais vão ser as minhas ponderações e reflexões a partir dos conceitos sobre isso? Em termos de próximos passos, eu tenho a qualificação em dezembro, então essa qualificação eu pretendo levar. Parte de uma primeira entrevista e você é esse primeiro entrevistado E as próximas entrevistas eu só vou fazer após a qualificação, então no ano que vem. Então acho que vai ter alguma contribuição da banca também para conceitos, para uma parte do que eu já escrevi, para o que eu vou trazer de entrevista também de expectativa sobre as entrevistas. E aí eu compartilho com você também.

Cláudio: Tá bom. Eu ia até pensar e eu já não sei também. Mas não vai ter que ter um lado quantitativo após o qualitativo, a gente vai descobrir alguns insights que você quer, vai lidar com uma população maior.

Vinícius: É, talvez eu tenha que fazer um doutorado.

Cláudio: É, então vai ficar pra depois. Tá bom.

Vinícius: Então, entrando no primeiro eixo que é o eixo História familiar, eu queria ouvir um pouco. Em primeiro lugar, de onde você vem e qual é a sua história familiar?

Cláudio: Bom, vamos lá. Sou filho do G. e da R., nascido e criado na zona leste de São Paulo. Minha mãe é dona de casa, meu pai trabalhou por muitos anos no Grupo Matarazzo, trabalhou em fábrica e nos últimos anos ele trabalhou diretamente com a herdeira, que é a Maria Pia Matarazzo. Então sempre foi uma dinâmica bastante interessante. Dele conviver com uma família muito rica, a gente sendo de uma classe média baixa e ele tendo que se virar além do salário e buscar outras alternativas para dar o padrão de vida que a gente (pausa) que a gente queria, né? Apesar dos meus pais não terem estudado muito, eu sempre tive muito acesso a livros. Eu sou filho mais novo, então também meus irmãos já tinham desbravado algumas coisas (pausa).

Estudei quase a vida toda em colégio público. Na verdade, comecei a minha vida em escola particular até a segunda série do ensino fundamental. E aí eu lembro muito de um dia que minha mãe virou pra mim e falou “ai, não vai dar mais pra pagar a escola”. E aí eu tive que ir pra um colégio público e fui fazer o terceiro ano lá. Em alguns aspectos parece que eu tinha voltado um ano pra trás.

Vinícius: Isso no ensino médio?

Cláudio: Não, isso no ensino fundamental, no fundamental. E então eu fiz acho que o pré primário, a primeira segunda série, num colégio particular, perto de onde a gente morava. E aí eu lembro desse dia e, ah vamos precisar ir para um público. E a partir do terceiro eu fui para uma escola municipal e aí fiquei até a oitava série em escola municipal e depois continuei estudando em instituições públicas (pausa).

De alguma forma. Como meus irmãos eram mais velhos, eu tinha um lado também, que às vezes parecia meio quase que filho único de fazer coisas sozinho, etc, mas eles que quando eu era pequeno, eles já tinham a vida deles. Mas obviamente eles foram presentes ali e também me levavam para fazer coisas e serviam de exemplo ali.

Mas pra mim uma outra virada foi que eu estudei oito anos num colégio municipal e quando eu estava no comecinho da oitava série, uma amiga minha me comentou da Escola Técnica Federal e que eles tinham um cursinho e que era um colégio muito bom, que hoje é o CEFET. E ela comentou ali ser um cursinho para entrar no ensino médio. Você quer fazer essa prova? Vê se a gente passa no cursinho. E aí fomos lá e fiz uma prova junto. Eu passei, ela não. Depois a amizade deu uma degradingolada. Mas para mim essa foi uma outra mudança muito grande de

vida, porque até então a minha rotina era ir para uma escola municipal na zona leste, ter meus amigos dali, etc.

E quando eu fui para a Federal foram várias mudanças. Acho que foi o primeiro momento que eu tive a chave de casa, porque eu tinha que sair e voltar em horários diferentes, então tinha lá a chave de casa, que para mim foi quase que uma emancipação. Mas conhecer gente assim da cidade toda, né? Gente de classes sociais muito diferentes da minha. Então, pessoas que que ralavam tanto ou mais quanto eu e que vinham de lugares periféricos, até gente que vinha de uma classe média alta ou de uma classe alta super abastada. E de alguma forma aquilo funcionava. Acho que todo mundo convivia bem e foi um colégio que eu acho que me colocou num outro patamar, porque na escola municipal você sempre tinha aquela coisa, ah poucos alunos eram os que conseguiam sair dali e ter uma carreira ou ir pra uma faculdade boa. Eu lembro que nos anos anteriores se contava nos dedos quantas pessoas tinham entrado na federal. Ah, normalmente era um ou dois alunos. Esse é um pouco da realidade da escola pública. Quando você vai para a federal, você tem gente muito inteligente ali, convive o tempo inteiro com pessoas que buscam outras coisas, que estão num outro patamar e que eu acho que te força a estudar. Então, para mim foi o período da vida onde eu mais estudei.

Vinícius: No segundo grau?

Cláudio: No segundo grau.

Vinícius: Que legal! Você falou de livros que você tinha acesso? Como era um pouco desse acesso a livros?

Cláudio: Na infância sempre teve muito livro em casa. Acho que tinha muita coisa como enciclopédia, por exemplo, que hoje não faz mais sentido. Mas na época ter uma enciclopédia era acesso a fontes de conhecimento e até livros sobre sexualidade, que era o que o irmão escondia. Mas tudo bem, mas também ajudou de alguma forma.

Eu sempre gostei de ler. Eu acho que eu sempre fui... não vou dizer introspectivo, mas meio auto centrado. E o fato de gostar de ler sempre me ajudou. Há até outras perspectivas e acho que é um ponto de... ah não precisar gastar muito dinheiro para você poder melhorar sua educação.

Vinícius: Acho que ainda sobre pessoas e você citou algumas aí né, irmãos, pai e mãe. Quem foram as pessoas que você hoje entende que mais te inspiraram aí nessa base familiar? Nesta narrativa de infância, de onde você veio, quem eram as pessoas mais marcantes para você?

Cláudio: Eu penso em algumas. Então, falando de pai e mãe... Minha mãe ela se alfabetizou, na verdade, adulta. Eu lembro quando era pequeno, que ela fazia ali, eu não sei exatamente se era Mobral o nome ou se tinha um outro nome, mas ela fez uma alfabetização adulta. E eu vi ali, eu conhecia a professora dela, eu vi que ela foi aprendendo coisas. E acho que hoje eu compreendo muito melhor, porque na época eu ainda olhava e falava “Nossa, mas ela está.... ela está aprendendo, está indo pra escola, mas ainda tá escrevendo coisa errada”. E depois eu fui entender que não, mas faz parte do processo como ela é, como ela entende, como ela convive. E não necessariamente porque está escrevendo alguma coisa errada não significa que ela não aprendeu e não está evoluindo de outros aspectos, né?

Vinícius: E hoje é um EJA?

Cláudio: Tem um nome, eu estou tentando lembrar, mas ela fez isso e eu lembro que eu convivia com a professora dela e ela foi entendendo. Acho que talvez na época eu valorizava menos do que eu deveria, mas depois, com o tempo, eu fui entendendo a importância daquilo.

E acho que, assim, meu pai também estudou muito pouco, veio do interior de Minas, mas acho que intuitivamente ele foi aprendendo muito. E o fato de ele ter trabalhado em áreas diferentes dentro da mesma empresa. Então ele teve essa coisa de construir a vida dele ao redor de uma empresa que eu acho que até inconscientemente afetou o meu profissional depois.

E tinha muita dedicação, né? Ao mesmo tempo, teve uma coisa que ele falou que é um ponto sempre vai para terapia, que é esse negócio de estar sempre perto de pessoas ricas e brancas. E ele se orgulhava muito da honestidade de poder deitar a cabeça no travesseiro. Ele sempre falava “nossa, mas a mulher, no caso a Maria Pia, que é patroa dele, está sempre com problemas com Receita Federal”. (Meu pai se referia a) Todos os problemas que ela tem de um grupo empresarial que faliu. E ele falou “ah, é por isso que eu acho que o bom da gente é que a gente pode não ter dinheiro, mas a gente tem tranquilidade”. Ele sempre trazia isso. Mas teve uma coisa que ele me trouxe que.... que até tema de terapia hoje e tudo que é “olha, você vai ter que estudar bastante e tal, mas não incomoda demais não!” E aí ele leva muito pra experiência dele como quem dissesse, “eu sempre convivi com essas pessoas, eu nunca tive problema, mas também eu nunca quis incomodar”. E acho que é algo que ficou meio enraizado, que até hoje

eu olho e falo, ah eu podia incomodar mais. Mas eu acho que isso meio que direcionou um pouco como eu fui criado, como eu me percebi em outros lugares.

Vinícius: Você acha que isso dialoga também com o seu posicionamento em alguns em fóruns, em como você leva alguns temas, dialoga, aceita, recusa ou se impõe, construindo sua imagem?

Cláudio: Sem dúvida. Eu acho que por muito tempo e até hoje é assim, eu não sou necessariamente a pessoa conflitiva ou a pessoa que insiste em determinados pontos de vista, etc. Mas eu acho que a partir de um determinado momento, quando você ascende, isso é importante. E aí eu fico no lugar de putz, eu quero ascender mais, eu quero atingir coisas incríveis e ao mesmo tempo eu quero ser aceito, eu quero ser amado. Eu não quero necessariamente causar conflitos. Então é um lugar difícil, porque uma coisa é você querer ser aceito e você se conformar ali com o que você tem com a sua vida mediana. Outra coisa é você querer atingir mais coisas e ainda assim querer ser aceito, querer ser amado.

Vinícius: Quase como querendo agradar a todos ali.

Cláudio: Exato. É impossível. E aí esse é um lugar meio de sofrimento.

Vinícius: Nossa, que interessante! Quem mais? Você falou deles dois, mas acho que veio mais pessoas.

Cláudio: Vieram várias pessoas, assim pensando em infância, isso aqui está virando minha sessão de terapia, né? Mas acho que é... assim desde os meus irmãos que quando era pequeno já estavam ali olhando pra fazer faculdade. Então eu não tenho essa de ah, eu fui o primeiro a fazer faculdade na minha família, meus irmãos fizeram antes de mim, porque eles são mais velhos e aí sim teve uma diferença, porque o meu irmão mais velho acabou indo pra uma faculdade particular e o meu irmão do meio, ele fez um colégio público que era o Liceu de Artes e Ofícios e ele foi pra Unicamp depois, então eu comecei a ver isso como um caminho. Então existem boas escolas públicas de ensino médio onde eu posso de alguma forma me fortalecer e estar pronto para ir pra uma faculdade pública entre as melhores do país.

Então acho que tinha isso e até tinha uma prima nossa, a Ozira, que é uma pessoa que quando eu era menor, eu olhava e falava “nossa, inteligente, articulada, ela trabalha no metrô”. Infelizmente ela teve uma série de problemas mentais depois, mas ela era uma pessoa que eu

gostava de conversar quando eu era pequeno e ela estimulava muito essa coisa de estudar no liceu ou na federal, que era um negócio maravilhoso e tal.

Eu também, quando fiz esse cursinho, no final do ensino fundamental, que era preparatório pro médio, eu entrei em todas as escolas de ensino médio, entrei na Federal, entrei no Liceu, eu entrei na ETESP, todas as que eram relevantes. Eu também ganhei uma bolsa de 100% no Colégio Objetivo, da Avenida Paulista, e eu fiquei fascinado, eu queria estudar no Objetivo. Só que meus pais tinham medo, porque era uma bolsa 100%, mas eu precisava ter uma nota acima de sete e acho que também o que estava por trás disso e tinha um medo de putz, eu ia estudar num colégio particular. Como é que seria a convivência lá, né? E eu lembro até dessa minha prima também falando “não, você tem que ir pra um colégio tipo liceu ou tipo federal”. E aí eles acabaram me direcionando pra isso e hoje eu não sei o que seria a minha vida se eu tivesse ido pra um objetivo ali da (avenida) Paulista, né? Pode ser que eu teria sido daquelas pessoas que passaram super bem no vestibular, ou pode ser que alguma coisa tivesse desandado, não sei. Mas era algo que eu queria fazer na época, acabei não fazendo.

Vinícius: Acho que era provavelmente um ambiente mais homogêneo do que foi a (escola) Federal, né?

Cláudio: Provavelmente, e acho que provavelmente eu ia sentir mais essa diferença social do que o que eu senti na Federal, porque na federal realmente eu não sentia tanta diferença. E aí começa a entrar a questão da negritude. Acho que hoje eu olhando as fotos e pensando as situações, eu vejo que, por exemplo, no curso onde eu estava - processamento de dados - tinha pouquíssimos negros, tinha mais negros na federal, estudando em Mecânica, em cursos que eram menos badalados ou menos concorridos. Mas na época eu não tinha tanta consciência assim. Claro que eu sabia, mas eu não tinha tanta consciência do que estava por trás disso, né?

Vinícius: Deixa fazer uma pequena sugestão: o meu celular está acabando a bateria, vou só pegar o carregador. Se você quiser pegar uma água também.

RETORNO

Cláudio: Eu lembrei de mais uma pessoa da infância para falar.

Vinícius: Ótimo!

Cláudio: Que é a Dona Nair. A dona Nair era uma vizinha lá na rua onde a gente morava e ela era diretora de escola... e negra, e ela falava muito que era uma das poucas negras diretoras de escola e ela aquela pessoa que trazia muito forte a questão do racismo, e ela falava que ia processar... Isso nos anos 90. Então na época, ao mesmo tempo que olhava, eu achava que ela era um exemplo e eu gostava de conversar com ela por ser uma pessoa mais articulada, uma pessoa inteligente, uma pessoa que tinha estudado bastante. Em alguns momentos eu falava nossa, ela é meio radical, né? E depois de muitos anos eu comecei a ver que não, imagina o que ela devia ter sofrido naquela época para ela realmente ter que se posicionar do jeito que ela se posicionava.

Vinícius: Isso te assustava um pouco?

Cláudio: Um pouco, eu acho que até porque quando eu comecei a trabalhar e eu falei muito essa coisa do meu pai e o meu pai trabalhou muitos anos como meio que mordomo, como secretário de uma mulher muito rica, então a vida dele era servir, né? Era servir e com essa mentalidade de não incomodar para conseguir conviver, para conseguir ter um lugar à mesa, como ele dizia. E acho que eu tive, e acho que eu ainda tenho essa mentalidade... para ter o lugar à mesa, vamos servir, não vamos incomodar, vamos fazer as coisas do jeito mais harmônico possível. Acho que é algo que de alguma forma impactou toda a minha família. Uns mais, outros menos ou de formas diferentes.

Vinícius: Interessante, dona Nair.

Cláudio: E a Dona Nair levou a reflexão do meu pai de novo.

Vinícius: Eu acho que eu entro aqui, já até ligando ao que você falou no segundo bloco, que é o bloco de carreira profissional. Você falou “quando comecei a trabalhar”, me conta um pouco de quando você começou a trabalhar e como foi aí sua trajetória profissional.

Cláudio: Bom, eu comecei a trabalhar com 16 anos, fazia (curso) Processamento de dados, junto com o ensino médio e comecei a trabalhar como estagiário, na época ainda Telesp. Depois virou a Telefônica, virou Vivo, mas na época ainda era uma empresa estatal e naquela época, de alguma forma, eu sentia que eu estava mais num momento ali gente como a gente, porque estagiava com pessoas que também moravam em todos os lugares de São Paulo. Tinha gente morava mais longe do que eu. Eu lembro que teve uma época, que tinha um amigo também que levava marmita e esquentava lá, tinha lugar pra esquentar marmita, né? E tudo bem.

E eu lembro que eu ganhava dois reais por hora, então eu sei muito pouco, mas na época até fazia sentido. Tanto que eu lembro que acho que com o primeiro salário eu comprei uma TV para minha mãe e uma calça pra mim... eu falava nossa, olha como agora eu sou independente, né? Ingenuidade.

Mas aí eu fui pra faculdade, eu comecei a fazer administração, acho que na USP foi meio que uma continuação até do ambiente que eu tinha na Federal, porque você também tinha pessoas ali, de classe média, classe média alta, mas tinha muita gente que também estava emergindo e que morava na Zona Leste. Então, apesar de ter pouquíssimos negros, eu também me sentia dentro, né? E eu lembro que uns amigos me falam hoje “nossa, hoje você é tão mais engajado do que você era na época”, porque eu acho que eu levantava até uma ou outra questão racial, mas de uma forma muito tímida, que não era tanto a minha agenda também.

Mas eu acho que aí algumas coisas começaram a mudar quando eu decidi conhecer a área de marketing. Eu tinha feito estágio na Unilever e, de repente, surgiu uma oportunidade para trabalhar em marketing ali imediatamente na Elma Chips, na PepsiCo, e eu decidi ir. Mesmo tendo a perspectiva de talvez ter um emprego efetivo na Unilever ou estagiar lá em outras áreas, etc, eu quis fazer essa mudança de uma forma mais imediata. E aí sim eu senti uma diferença grande, porque o que acontece é que a área de marketing é muito elitizada. Então eu passei a conviver com pessoas que, todas elas tinham estudado nos melhores colégios de São Paulo, tinham feito intercâmbio, estudavam em escola particular e, putz, iam almoçar e gastavam uma puta grana, porque também não estavam muito preocupadas com o valor do vale refeição. E aí eu me senti diferente.

Só que para mim, se me senti diferente, sempre tinha uma intersecção de ah será que raça? Será que classe social? E acho que por muito tempo eu tentei acreditar que, ah é classe social, então eu tenho que ascender.

E aí, nesse sentido é quase.... eu só fui perceber isso muito tempo depois, é quase como se a gente se embranquece um pouco para entrar num determinado padrão. E eu não queria ser uma pessoa vítima. Aquela pessoa percebida como vítima de racismo. Até interessante que assim, na minha faculdade, não na minha sala, na outra sala, tinha a Dani, que é uma menina negra, se for olhar pelos padrões, mas que ela é parda, vai, se a gente puder falar assim. E eu lembro que na época da faculdade ela falava coisas do tipo “ai, nem os brancos nem os negros me aceitam, porque eu estou no meio, porque as pessoas não me querem”. Ela trazia muito isso e aí muita

gente olhava para ela e acho que até eu caí nessa coisa de falar “olha, você fica reclamando aí, olha pro Cláudio e ele não tá reclamando”. E eu até achava legal, depois eu fui perceber que ela tinha várias questões. Ela tinha várias questões por vários motivos, mas é uma questão válida e talvez que as pessoas não entenderam. Ela levantando uma discussão na época que as pessoas não estavam preparadas para.

Vinícius: É engraçado você rever e até pensar “eu até gostava”. Por meio de algo que naquele passado te fazia sentir, talvez longe desse discurso da vítima do racismo.

Cláudio: E eu sempre quis fugir do discurso da vítima do racismo. E acho que em muitos momentos eu acabei, acabei sendo token. Então isso eu vi na vida profissional, claramente. Lembro muito que na PepsiCo me chamaram para... me chamavam para várias reuniões aleatórias, às vezes até... a Indra, por exemplo, que foi CEO na época, depois ela virou CFO global, ela super famosa, a indiana, e assim escolheram, sei lá, 20 pessoas da sede para estar na reunião com ela. E eu era uma das pessoas e eu estava na mesa da frente. E aí a primeira pergunta que a pessoa do RH faz é sobre diversidade, né? Depois de um tempo...

Vinícius: E isso nos anos?

Cláudio: Isso 2002, 2003, sei lá. Então, assim, e eu não tinha noção que eu estava sendo um token ali, mas eu super era. Tanto que quando eles fizeram também uma revistinha corporativa, que na época era moda, eu fui parte da capa, né? Eu, uma mulher de uns 60 anos que eu acho que era a única que tinha ali, mais um japonês, aquela coisa bem Benetton, né? Relatório anual de empresa que quer ser diversa. E na época eu não tinha tanta noção, né? Mas eu acho que era isso, muitas vezes quando acontecia alguns episódios que eu poderia dizer hoje: olha isso aqui foi racismo, na época eu tentava dizer.... não, é porque talvez eu venho de uma outra classe social, talvez eu seja muito jovem, talvez eu não esteja tão bem vestido. Eu sempre encontrava uma outra desculpa, mas que hoje claramente eu olho e falo, não, isso aqui foi racismo.

Eu lembro de uma que me marcou muito, que foi eu estava na sala do meu diretor, isso lá na Elma Chips, também, de 2003, 2004. E aí me liga o chefe da segurança. Tipo, é meio bizarro, porque assim eu estava numa reunião com o diretor, com os gerentes e tal, alguém liga na sala dele, porque na época eu tinha sala, me passam um telefone falando “fulano quer falar com você”, eu falei hm da segurança, que estranho.

E aí ele começa todo cheio de dedos falando não, porque você foi no banco, né? Ontem ou antes de ontem? Falei, ah eu fui sim. E você fez algumas perguntas né sobre o horário de funcionamento? Não, é que as pessoas não te conhecem.... E aí teve uma pessoa que ligou aqui, e aí eu expliquei para ela que você era funcionário, e ela não te conhecia.

Foi um papo muito cheio de dedos, mas hoje eu olho e falo... foi bizarro, tudo foi bizarro. Foi bizarro uma pessoa ter me denunciado porque estava fazendo perguntas sobre o funcionamento do banco, sendo que eu era estagiário da empresa. Foi bizarro, cara, ter me ligado e ter falado isso. E foi mais bizarro ainda eu ter desligado o telefone e ninguém me perguntado o que tinha acontecido.

Vinícius: Nossa, sim.

Cláudio: E eu tenho algumas histórias, acho que essa é a mais marcante, mas eu tenho algumas histórias assim, que hoje eu olho pra trás e falo... gente, isso foi racismo, isso podia dar um processo.

Vinícius: Isso quando você era estagiário?

Cláudio: É... e eu deixei passar em prol de uma ascensão. E talvez dentro dessa mentalidade não incomodar e de querer ascender. E acho que depois, é isso, eu acho que eu virei muito token, não só porque a empresa queria me utilizar como token, mas as pessoas também. Então eu lembro de diálogos, eu nem lembro da pessoa, mas pra mim foi muito marcante, coisas do tipo, depois as pessoas começam a querer amenizar a sua condição de negro entre aspas.

Cara, falar pra você “ah, mas olha, seu cabelo nem é tão enrolado”. Coisas que eu ouvia bastante “não, mas seus traços assim não é aquela coisa negro negro” e de alguma forma é quase a pessoa dizendo “não, você é um dos nossos, fica tranquilo, você é um dos nossos”. E algumas vezes eu já ouvi coisas... Eu lembro de uma pessoa, não lembro se foi no (curso de) inglês ou se foi em empresa, deve ter sido em empresa, que pessoa me falou “não, as pessoas falam que não tem muitos negros na empresa, mas assim, primeiro, você está aqui, você conseguiu, né? É que eu acho que às vezes tem muita gente aí. Não estou falando só de negro, tá? Mas tem muita gente que não se esforça tanto. Mas você vê, você está aqui, você conseguiu e está tudo certo”.

E acho que que por muito tempo eu caí nesse personagem [pausa] e eu caí nessa de “ah eu consegui, tá tudo certo. Meritocracia, certo? Vamos lá.” Eu acho que eu não tinha o arcabouço

adequado para enfrentar isso, por mais que eu tivesse um certo letramento na adolescência, acho que meu irmão me trazia muita questão de tirinhas, cartoons. Até eu lembro de ter livros sobre orixá pra ler, ele fazia parte do movimento negro, então ele me trouxe alguma educação racial e obviamente tinha lido, sabe? Mas eu acho que nessa jornada de eu quero crescer, eu quase que ignorei isso.

Vinícius: Eu fiquei me perguntando agora, acho que você falou bastante a partir do momento em que você era estagiário, deste começo da sua trajetória profissional. E fico me perguntando agora, qual era o sonho que você tinha ali naquele início de trajetória e como você vê que a sua realidade se aproximou ou se distanciou disso?

Cláudio: Acho que era um sonho meio que transacional. Eu quero chegar a tal lugar e ganhar tanto. Então eu lembro que eu tinha muito isso, quando eu tiver trinta anos, eu quero ser gerente de marketing e eu quero ter o salário X. Quando eu chegar a 40 anos, eu quero ser um diretor ou equivalente, quero ter um salário Y. Eu acho que era muito essa coisa de quais as coisas que eu tenho que atingir. E eu acho que eu cheguei mais ou menos ali, né? Então talvez poderia ter chegado um pouquinho mais. Mas quando eu olho os primeiros anos, principalmente da minha carreira, dos 20 aos 30, eu sinto que eu até cheguei mais rápido do que eu poderia. E aí, depois de um determinado momento, a questão racial/social começou a ficar menos relevante, porque eu comecei a ganhar mais dinheiro, comecei a investir melhor, comecei a viajar, comecei a ter experiências que eu não tinha acesso antes e que, de alguma forma depois, eu lembrei isso já muito tempo depois da carreira. Quando eu estava na coca, alguém me falou “Nossa, mas qual é o seu diferencial? Porque você teve uma educação branca”. E aí nesse dia eu respondi, eu falei não, mas tem todas as experiências que eu passei e, primeiro que não dá para falar em educação branca, né? E, segundo, tem todas as experiências que eu passei que me moldaram. Então, assim, o meu diferencial é de onde eu vim, é quem eu sou. Se eu tive acesso a uma educação que as pessoas olham e falam, consideram branca, isso não muda quem eu sou. E como sou lido pela sociedade e todas as experiências que eu passei.

E aí a pessoa ficou meio constrangida e beleza, mas eu acho que foi isso. Por muito tempo eu tive... eu me adequei num determinado padrão. Acho que depois de um tempo, aí quando eu já era gerente, eu comecei a ver que, por exemplo, a empresa que eu trabalhava, que algumas pessoas negras que estavam em áreas mais operacionais ou em cargos mais baixos me olhavam de uma forma diferente. Acho que esse foi o primeiro momento, quando estava Marz (empresa), que eu ouvia algumas pessoas que são conhecidas até hoje, que me seguem em rede social e tal,

que me olhavam de jeito diferente. Aí eu comecei a pensar e falar, “bom, eu tenho um papel para essas pessoas, de alguma forma eu sou um exemplo para elas, né?”

Aí depois, quando eu fui morar fora do país, eu acho que também mudou minha perspectiva de várias coisas. Porque também quando você está fora do Brasil, você é brasileiro. Brasileiro tem uma carga diferente, eu comecei a ver que, por um lado, colorismo é uma coisa que afeta várias sociedades ao redor do mundo, né? Na Índia tem uma super questão com relação a colorismo, no Egito também. Então acho que muda um pouco a forma como você se vê, quando você está num outro ambiente.

E aí, voltando para o Brasil, acho que essa consciência estava ali, mas na empresa que eu trabalhava naquele momento, é... acho que a discussão racial não era tão forte. E aí, quando fui para a Coca, em 2019, aí acho que foi uma grande mudança da minha percepção racial. O fato de entrar e encontrar meu primeiro quilombo corporativo, pessoas que já olharam e logo de cara me puxaram para discussões, é o que começa a levantar várias questões e coisas que eu tive que ir até ir atrás estudar, porque obviamente, e acho que 2020 foi o que mais acelerou esse processo por conta do George Floyd. Todo mundo queria saber, todo mundo queria perguntar da experiência (de ser negro). E acho que isso me fez mergulhar um pouco da minha própria história, aprender um pouco mais de teorias e de você olhar para pessoas que têm referenciais muito parecidos com os meus. Embora a maioria fossem cariocas, quando você vai lá e olha, os problemas foram os mesmos e as trajetórias foram muito parecidas. E aí acho que eu comecei a desconstruir alguns conceitos que estavam muito arraigados.

Vinícius: Você falou uma expressão que me interessa e acho bastante explorável. O que você entenderia aí como um quilombo corporativo? E como foi essa experiência de desconstrução? O que é esse quilombo corporativo?

Cláudio: Então, acho que eu posso até falar do antes. Eu acho que antes eu tinha amigos negros no mundo corporativo, então de alguma forma eu me identificava com as pessoas negras de uma forma diferente, rolava uma conexão ali, mas não era uma reflexão, a gente não tinha uma agenda em comum, era muito mais uma coisa quase que de simpatia pessoal do que você olhar para trajetórias das pessoas e ver as dificuldades.

Quando entrei na Coca, foi quase como se uma militância tivesse sido criada ali dentro, mas que ao mesmo tempo fazia todo sentido com o mundo corporativo. Ou seja, você tem ali pessoas

que também estão em posição de gerência ou diretoria, pessoas que passaram por experiências similares e que estavam buscando primeiro se fortalecer. Eu acho que teve uma coisa muito legal assim, de ter conversas de se é um grupo só de negros, que eu acho que também facilita um pouco a troca de experiências, etc. E de colocar pontos e de ter uma agenda e de tentar mudar a história para quem estava vindo.

Então eu acho que tem uma questão de descoberta minha, tem uma questão de ter um senso de propósito, de mudar, de influenciar uma agenda. E tem uma coisa de deixar um legado também. Porque a partir do momento que você torna essas condições melhores, você melhora a vida de quem está entrando.

Vinícius: Você falou de melhorar a vida de quem está entrando? Quais são suas expectativas profissionais ainda?

Cláudio: É uma boa pergunta. Eu acho que eu estou chegando num ponto e eu vejo, é muito engraçado, eu tenho uma amiga que às vezes fala "os brancos fazem isso todo o tempo, né?". Então, quando eu penso às vezes em mudar de emprego, ah mas eu tenho pouco tempo neste lugar, será que vou mudar de emprego ou não? Ela fala, "meu, os brancos fazem isso todo tempo, vai lá e muda, né? Você fica aí pensando como é que vai ser a reação das pessoas?"

Mas eu estou no momento de abrir caminhos. Eu olho, às vezes eu falo, putz, eu trabalho desde os 16 anos. Em algum momento eu gostaria de dar uma paradinha, um sabático e eu começo a olhar outros caminhos. Uma coisa que eu estou vendo bastante é que o mundo corporativo em si, como única fonte, talvez não vá me satisfazer por muito mais tempo. E aí o desafio é como construir esses outros caminhos de uma forma que eu mantenha o nível de remuneração que eu queira, etc, mas com coisas que me deem mais prazer. E aí, desde usar minha experiência corporativa para conselhos, consultoria, etc, e coisas que eu tenho feito nos últimos anos, como mentorias de diversidade e inclusão.

Então, eu sinto que eu estou abrindo algumas outras portas e nos próximos anos eu vou entender como navegar por essas outras portas. E acho que tem um ponto também de se permitir, que é algo que até eu vejo muito em terapia, hoje eu posso me permitir ficar um ano sem trabalhar, se eu quiser. E não, não é um problema, não, é uma vergonha. Acho que quando a gente é criado numa situação... de ter vindo de uma classe média baixa, putz... o trabalho é a coisa mais importante. Que bom que tem trabalho, até hoje é isso, eu vejo pela minha mãe "ah, eu fico

feliz se meus filhos têm emprego”. Hoje eu olho e falo, claro, é importante, mas se eu quiser eu posso me permitir não ter um emprego por um tempo e tá tudo bem.

Vinícius: E parafraseando talvez o que a Helena diz...

Cláudio: Os brancos fazem isso e as pessoas acham ótimo, porque eu não posso?

Vinícius: Você mencionou várias vezes terapia. Como você, hoje, pensa e cuida da sua saúde mental?

Cláudio: Eu acho importante. Nos últimos anos, eu tenho reconhecido cada vez mais essa jornada. Acho que é um ponto que também começou a ficar muito claro para mim é: não é só sobre classe social. Mas por muito tempo acreditei que ah, a partir do momento que você sai de uma classe social, está tudo certo, não é?

Eu morava lá no Leblon, no Rio de Janeiro, e via olhares estranhos. Às vezes, eu estava andando na Lagoa e via que a pessoa atravessava para o outro lado da rua, quando eu estava andando ali atrás, achando que ia roubar. Às vezes eu tirava meu iPhone do bolso para falar... é como mandar um sinal, falar está tudo certo, eu também tenho o meu iPhone, não é? Então, eu acho que cuidar da saúde mental... terapia, eu acho que é superimportante e acho que trocar com pessoas similares. Eu cada vez mais olho e falo é importante estar junto dos meus. De pessoas que passaram por experiências similares. Por isso que o quilombo é importante. No quilombo a gente se fortalece também.

Vinícius: Bem, acho que ainda nessa linha pessoal também, o que você consideraria como suas maiores realizações? Essa conversa vai se expandindo.

Cláudio: Acho que, assim, realizações... Olho para trás e falo, putz eu... Eu fiz muita coisa bacana. Acho que eu participei de muita coisa. Acho que tem muito, assim, das pessoas que eu conheci que de alguma forma eu influenciei e me influenciaram. Então eu olho e falo, eu realmente criei um capítulo muito bacana. E aí eu olho e falo tá bom, o que eu posso fazer nesse próximo capítulo?

E aí coisas como que surgem agora, por exemplo, do Pactuá (Grupo de Executivos Negros no Brasil) que eu faço parte, acho que podem ser muito legais. Acho que eu vejo muito uma questão de putz, eu, quando eu olho para realizações... Nossa, trabalhei em empresas muito legais, eu conheci gente muito bacana, viajei muito e acho que é um fator que não pode se desprezar, né?

Eu falo para as pessoas eu já estive em 45 países e elas dizem “Nossa, tudo isso?”... eu acho que eu tive a oportunidade de conhecer muita coisa, que talvez as pessoas façam viagens mais convencionais não conheçam, ou que vão morar em lugares mais convencionais também não. E eu vejo agora nesse momento uma tentativa de, ao mesmo tempo que eu quero manter esse lugar aonde eu cheguei, também retribuir e também dar de volta também abrir mais caminhos. E acho que usar a experiência para isso.

Vinícius: Quase a Glória Maria.

Cláudio: É... e não necessariamente que isso também é outra coisa que eu começo a ver, acho que eu comecei a perceber muito que essa coisa de subir para o próximo cargo, etc, muitas vezes te leva a uma situação em que você ganha um pouco mais, você está preso com algemas de ouro, e não necessariamente eu estou num patamar diferente. Talvez seja melhor até eu manter o patamar de remuneração que eu tenho e ser mais feliz, do que buscar um crescimento que vai me trazer – talvez - algumas coisas não tão saudáveis. Isso já começa a ficar mais claro. Eu acho que tem um lado, pode até parecer, Ah, mas será que ele está menos ambicioso? Mas por outro lado, eu acho que é muito legal.

Eu sempre lembro de uma conversa na Coca, que uma diretora me falou uma vez. Ela falou “nossa, porque eu se pudesse estaria numa crise por semana, porque é isso que eu gosto”. E aí alguém me contou que ela ganhava, sei lá, dez mil reais a mais do que eu ganhava. Aí eu olhei e falei, quer saber, por dez mil reais a mais eu não quero essa vida, não. E está tudo bem.

Vinícius: Ela gostava de estar numa crise. Interessante, eu gostei muito da frase que você falou da expressão “algemas de ouro”. Acho que ainda nesse bloco de saúde mental, eu votaria numa coisa que você citou do início, que foi Ozira. Você falou que ela teve, enfim, problemas mentais, né? Me conta um pouco mais dela? E o que você entende que foram fatores que levaram a esses problemas mentais também.

Cláudio: Olha, assim, desde que ela perdeu um bebê, todo mundo fala que ela mudou, que ela virou uma pessoa diferente. Eu a conheci, obviamente eu era criança, mas ela já tinha perdido um bebê e criava a outra filha dela sozinha, a Ídila (nome da filha). Ela morava em Itaquera e teve um momento que ela mudou para perto da nossa casa. E ela era uma pessoa inteligente, ela tinha emprego no metrô, concursada, uma pessoa que conversava bem, eu gostava de conversar com ela, mas desde aquele momento já tinha uma coisa meio errada. Ela tinha uma síndrome

de perseguição, de paranóia. Ela sempre achava que as pessoas estavam querendo fazer mal para ela, mas naquele momento era uma coisa quase ingênua. E depois foi começando a piorar e ela começou a mentir sobre coisas, falar que tinha comprado o apartamento não sei onde, não tinha acontecido. A relação com a filha dela era muito ruim. E aí, ao longo do tempo foi só piorando, né?

Eu acho que teve uma coisa de ela ter engravidado de um cara que era casado, eu ouvi isso muito por cima, mas com um cara que era casado e provavelmente branco e provavelmente que não queria assumi-la. Então, eu acho que tem certas questões que podem ter um impacto muito grande. E aí, além de tudo, ela teve uma criança natimorta. Que pelo que eu entendi foi meio que culpa dela também, mas eu acho que são muitas questões e talvez olhando refletindo sobre isso agora, ninguém estendeu a mão para ver o que estava acontecendo mesmo (pausa).

Ou no momento certo. E aí depois a coisa desandou totalmente.

Vinícius: Você sente que essa preocupação com a saúde mental de pessoas negras é algo vem mudando nos últimos anos? Então, por exemplo, quando você era criança ou adolescente, você ouvia pessoas negras falando de saúde mental? E hoje você escuta mais? você acha que temos uma guinada nesse sentido?

Cláudio: Eu acho que teve uma mudança, mas talvez ainda não está no patamar que deveria. E eu lembro de eu mesmo acreditar em coisas do tipo, ah, esse negócio de fazer terapia para quê? No final, assim, pobre tem que pegar metrô, tem que trabalhar, então não tem espaço para essas coisas. Eu acreditava nisso numa determinada época e acho que muito da nossa mentalidade hoje é isso. Ah, tem que trabalhar. Ah, tem que ter. É, e não tem espaço para a gente falar sobre coisas que nos afligem, sobre dores. Então, apesar de ter melhorado, eu acho que ainda é.... porque é um desafio lidar diariamente com micro agressões, em alguns casos, agressões maiores. É um desafio e um desafio ter que segurar muita coisa.

Vinícius: Bem, você falou aí de dores e eu perguntei anteriormente sobre realizações pessoais. Agora eu perguntaria talvez sobre frustrações. O que você acha que são algumas frustrações da sua trajetória?

Cláudio: Ah, eu acho que também por muito tempo nessa questão de ai, eu quero, eu quero ascender, eu quero trabalhar, eu quero subir, eu acho que eu negligenciei até a vida pessoal mesmo, minha vida sexual. Eu acho que eu me descobri, não bem me descobri, mas acho que

eu me identifiquei como gay muito tarde e acho que poderia ter levado algumas coisas de uma forma diferente. Então eu vejo esse lado de vida afetiva amorosa que foi prejudicada por isso.

E acho também que quando você entra nesse lugar de ascender, ainda mais no meu caso, que eu não tinha uma família tal, eu acabei de alguma forma... e com essa coisa do incomodar e essa coisa toda... você vira meio que um provedor. E então? Eu acho que de uma certa forma eu vesti esse papel do provedor, e beleza acho que tem coisas que tem que ser mesmo, mas por outro lado eu esqueci e às vezes esqueço de mim ou o que eu estou fazendo para mim, ou o que as pessoas estão fazendo para mim. Não só o que eu faço para as pessoas.

Vinícius: Interessante. Acho que mais uma pergunta que eu tenho aqui pensada e que casa com o fluxo é: queria saber um pouco de qual é a sua percepção sobre negritude. O que você entende hoje por negritude? E como isso se relaciona com a sua história?

Cláudio: Ah, eu acho que primeiro é uma questão de ancestralidade, que essa ancestralidade define muito de quem a gente é, quer a gente queira ou não, quer a gente saiba ou não. Mas acho que tem muita coisa que vem dessa ancestralidade. Eu acho que passa pelas experiências que a gente tem, no dia a dia. E acho que tem uma coisa bem interessante pra mim resume muito, é que tem a frase lá da Simone de Beauvoir que ninguém nasce mulher, se torna mulher. De alguma forma, eu acho que para a negritude é a mesma coisa. Assim, você pode nascer biologicamente negro, mas você se torna negro a partir do momento que você desperta para suas histórias, para a influência do racismo na sua vida. Então eu diria que eu fui me descobrindo negro. E tem coisa que eu ainda estou descobrindo nessa jornada.

ANEXO 2 – ENTREVISTA COMPLETA - Marta

Vini: Marta, eu queria ouvir te conhecer um pouco, saber sobre sua história familiar, sua origem. De onde que você vem e como é a sua história familiar?

Marta: Então vamos lá. Bom, eu sou paulistana, da periferia de São Paulo, da Zona Sul. Eu sou filha da periferia. A gente brinca.. Você é de São Paulo, não? Esqueci de perguntar.

Vini: Sim, nasci na Mooca.

Marta: Você nasceu na Mooca, você nasceu do lado de lá da ponte. Eu estou do lado de cá “meu” [risos]... É do lá da Zona Sul aqui né? E faço, assim como é comum na minha geração, na geração (principalmente) das pessoas negras que convivem no mundo corporativo hoje, sou parte da primeira geração da minha família, de pessoas com formação superior.

E até eu arriscaria a dizer, além da formação, até um passo antes da formação superior, porque uma geração anterior da minha escolaridade média, ela não chega nem ao ensino médio completo. Então, quando eu olho aos meus... a mim, a minha irmã, os meus primos, essa geração foi uma geração que deu um salto muito grande na educação, educacionalmente falando. Porém, o que é curioso é que esse acesso ele não se deu necessariamente pela inspiração, porque a nossa referência familiar não tinha formação acadêmica. Então os nossos pais não tinham formação acadêmica. Eu fui saber, vou dar um exemplo, fui descobrir o que era uma universidade, que era uma faculdade, muito por um acaso .

Minha mãe era manicure, minha mãe manicure e meu pai era segurança. E ela, além de trabalhar num salão, ela atendia em domicílio durante final de semana ou nas horas que ela não atendia no salão. Ela atendia à domicílio, algumas clientes. E eu lembro que a primeira vez que eu ouvi falar sobre faculdade eu tinha entre 14 e 15 anos. Eu estava acompanhando ela numa visita, de uma cliente, e a filha dessa cliente comentou: “Tchau mãe, tô indo para a faculdade”. E ela não faz ideia do que aquele comentário causou em mim, por que eu me perguntei “O que é faculdade?” Foi a primeira vez que eu ouvi...

Vini: Foi uma cena que ficou na sua memória?

Marta: Isso, e cê não faz ideia assim, é tão tão legal, isso me emociona muito, contar essa história, porque essa pessoa que era adolescente na época, hoje ela é uma... Enfim, ela é uma executiva, uma alta executiva de uma grande multinacional aqui no Brasil e já tive a oportunidade de falar para ela, assim, então... fica uma primeira reflexão, às vezes a gente não faz ideia, e principalmente as pessoas brancas, de a quem elas inspiram e como inspiram. Você não precisa nem de esforço, as vezes só [gesto expansivo com a mão e riso]... você vê, só de eu saber que existia a faculdade, de ter contato com uma realidade diferente da minha, aquilo já me plantou uma sementinha que me fez perguntar o que era uma faculdade.

Isso foi o primeiro ponto, então realmente eu não tinha, eu não tinha essa referência. A minha irmã mais velha, ela já estava e ela estava se preparando, mas a gente não... Como é uma distância relativamente grande, são cinco anos. Ela tava se preparando pra concurso, tava decidindo o que ia fazer. Ela entrou na faculdade também, mas um pouquinho depois, logo depois. Mas a gente não tinha muita, muito diálogo assim entre a gente, muita amizade. Não tinha uma proximidade que permitisse que ela mesma me trouxesse. Ela já sabia o que era, mas eu não. E eu estudava nessa época, numa ONG, no contraturno escolar, eu fazia uma atividade para eu fazer curso profissionalizante, eu tinha 15, 14 para 15 anos.

Na verdade foi desde os 11 anos. Eu estudava nesse contraturno, nessa ONG e eram cursos profissionalizantes. Então, naquela época eu fazia datilografia, informática. Informática era um negócio super moderno no início dos anos 90, final dos anos 80, início dos anos 90... (eu fazia) matemática, datilografia, informática, idiomas. Então comecei a ter aula de inglês, comecei a ter aula de alemão. Isso começou a despertar uma outra semente, que é a semente da carreira, que é outra coisa que também não se falava.

Não se fala de carreira na periferia, se fala de trabalho, de sobrevivência, de subsistência, que é algo que depois eu posso até trazer outras conexões que eu aprendi. Que é pelo menos algo incomum que eu vejo na maioria da carreira das pessoas negras é que elas não são tão planejadas. Elas são construídas de acordo com as oportunidades que são geradas. E isso foi muito vivo para mim. Então eu não escolhi trabalhar em recursos Humanos. A área de Recursos Humanos me escolheu.

E como é que isso nasceu, né? Eu não tinha... isso foi bem ao acaso, mas foi um acaso muito positivo. A minha mãe, por eu morar numa periferia que era eu, enfim, me via.... Minha mãe

trabalhava o dia inteiro, ela era separada do meu pai, duas meninas super novas em casa o dia inteiro. A preocupação dela era ocupar a gente, porque se você fica na rua, você está vulnerável.

Então não importa se quiser fazer curso de corte, costura, de malabares ou de astrofísica, só tira você da rua e te ocupa. Essa era a preocupação da minha mãe na ocasião. E aí, neste caso, nesse local, eu tive acesso ao que era o de alguma maneira o mundo corporativo, porque esse local preparava jovens meninas. O foco era para mulheres, para meninas, na verdade da periferia. E inserir no mundo, no mercado de trabalho e também trabalhar na prevenção da gravidez na adolescência, esse era o foco da ONG, né? E foi uma experiência, foram anos incríveis porque não só eu me senti protegida, mas também me abriu o olhar para o trabalho, pra que possibilidades eu teria de caminho.

E aí, era muito parecido com o que é hoje a lei de aprendiz. Não tinha lei de aprendiz como tem hoje, que obriga as empresas a ter um percentual, mas esse programa encaminhava as pessoas de destaque, as alunas, para empresas, para vagas, para estágios, por exemplo. Já tinha lei de estágio e foi a minha ocasião. Nessa ocasião eu tive uma outra oportunidade, que foi uma coincidência incrível e que foi um divisor de águas também. Eu recebi aquelas cartinhas do CIEE. O CIEE mandava carta para a gente para quem era cadastrado, né? O órgão regulador do programa de estágio, ainda no ensino médio, no início do ensino médio, falando de uma oportunidade e a oportunidade para eu fazer a entrevista foi numa empresa que é uma empresa de uma das maiores empresas de recrutamento de jovens, que é a companhia de talentos.

Você deve conhecer bem, roda todos os programas de trainees, estágio, e eu fui trabalhar com eles, num desses estágios, ainda no ensino médio. Só que a Sofia Esteves, que é dona da consultoria, ela... A minha mãe também atendia ela como manicure. Então foi uma baita de uma coincidência ali, aquelas coisas como as estrelas se cruzam, os astros se cruzam para as coisas acontecerem. E ali ela falou “Olha, você está começando sua vida. Vem trabalhar comigo, nada é definitivo, vem aprender sobre as diferentes carreiras, vem trabalhar comigo em recrutamento, eu tenho uma empresa que faz recrutamento para jovens que querem iniciar no mercado de trabalho, mas que já estão num nível superior”. Na tal da faculdade que, lembra que eu não sabia o que era? [Risos]. E aí ela falou “Você vai passar o dia, o trabalho significa passar o dia lendo currículos, triando currículos, entendendo que área são essas e encaminhando para as psicólogas, para as consultoras chamarem para as entrevistas e tal”.

E fez A diferença na minha vida porque aquilo foi, talvez ela também não tenha feito ideia da diferença que, o divisor de águas que aquilo foi na minha vida. Porque me deu a oportunidade de primeiro conhecer várias carreiras, porque, quer queira quer não, ler carreira e currículos de pessoas das áreas mais distintas me deu repertório, muitas possibilidades que eu nem. Imagina, eu nem sabia que existia faculdade, quiçá falar de exatas, ciências humanas, biológicas e any outros caminhos. E o mundo corporativo né, das grandes organizações. E aí eu falei, ali eu tive certeza é isso que eu quero.

Existe um mundo, eu já estava achando muito legal trabalhar, levar meu dinheirinho para casa, ter relacionamentos, me relacionar com pessoas fora daquele eixo da minha casa, do meu bairro. Mas ali eu entendi que tinha um mundo gigante, um abismo no mundo, que separava alguém, uma pessoa como eu, do mundo corporativo. É aí que entrou uma direção importante, uma agenda extremamente relevante na minha vida, que é diversidade, equidade, inclusão. Porque ali, ainda muito nova, ainda com 15 anos, eu percebi o quão diferentes eram as pessoas que passavam pelos processos de seleção dos clientes daquela empresa. O que isso significa? Qual foi a grande ficha que caiu?

De tanto ler currículo, eu lia o currículo, chamava a pessoa, ligava, apresentava lá para consultora, para psicóloga. Eu... Caiu uma ficha enorme, eu falei “essas empresas não é que elas não querem alguém como eu, elas não sabem que eu existo”. Porque nenhum desses currículos e nenhum desses rostos, nenhuma dessas histórias são parecidas com a minha. Absolutamente nenhuma história. Quando você avaliava, sei lá, desde o bairro que a pessoa mora, a escola que estuda, sei lá quantos irmãos tem, onde passar férias, quantas línguas fala, o hobby que a pessoa tem. Na época que as pessoas escreviam hobby no currículo [sorriso enorme], enfim, casa onde tiram férias. Tudo era diferente, mas absolutamente tudo. Eu não me reconhecia naquelas histórias.

E aí caiu uma outra ficha, eu falei “Peraí, se eu quiser ser vista, se eu quiser existir para este mundo, eu preciso de alguma maneira me ajustar, né? E para ter essa visibilidade, então, minha próxima meta foi ter um currículo.” Uma coisa tão simples quanto essa. Eu falei eu preciso ter um currículo. Só que o que eu coloco nesse currículo se a minha história é tão diferente dessas demais, né? E foi assim que eu decidi. Eu falei “Não, eu vou fazer todo, tudo o que for possível para entrar numa universidade”.

Infelizmente sou de uma época de uma geração que não tinha nenhuma medida afirmativa nas universidades para acesso à população mais vulnerável. E aí não estou nem falando racialmente. Para os mais pobres não existia nenhuma, nessa época. O pouco acesso que tinha, o FIES existia, mas o FIES você... Na verdade você tinha que ter dinheiro para bancar o FIES ou tinha que ter um fiador para o FIES, né? Então não tinha, não tinha cota, não tinha bolsa. Enfim, se você não tivesse dinheiro, esquece, você não entrava.

E aí eu dei um passo gigante. Eu dei um passo muito maior que a minha perna. E aí que eu falo que ali que eu comecei a ter muito cedo, eu falo muito cedo, porque nos tempos atuais se fala muito disso, se discute, se confronta meritocracia, se discute o acesso equitativo a oportunidades hoje já é mais presente, pelo menos nos diálogos, né? Naquela época era surreal, muito distante, mas eu entendia que aquilo era muito injusto de alguma maneira. Porque pra eu ter acesso a algo tão simples quanto um direito de estudar, aquele tal do sonho de eu entrar num lugar que eu nem sabia que existia, que era uma faculdade, só poderia acontecer através de uma faculdade privada. E uma faculdade privada que eu não tinha renda para pagar e nem meus pais. Então o meu estágio, eu lembro até hoje, que o meu estágio era 40, não chegava a 50% do valor da faculdade, a bolsa né? Então, basicamente eu vendia o vale refeição e juntava um mês com o outro para poder pagar uma mensalidade. Então a cada dois meses eu pagava uma, e assim que eu estudei.

E uma série de restrições, do tipo eu vendia meu vale alimento, refeição, eu não podia almoçar. Então a galera saía para almoçar e para o MC [Donalds] e blábláblá. E eu vou falar que eu tô de dieta, né? Magina, mal sabia e às vezes nem a marmitinha eu podia levar porque não tinha nem onde esquentar. A empresa te dá o vale porque não tem onde esquentar. Às vezes eu comia bolacha recheada, que era o que dava para comprar com, sei lá, 1 real, o equivalente ou menos da época, né? [Risos].

Então eu comecei a ter noção de que aquilo não era justo, mas eu não entendia o quanto aquilo podia ser uma forma de violência, né? Eu levei muito tempo. Eu era muito nova, 15, 16 anos. Como é que você percebe, né, ter essa noção? Só que eu acreditei. E de alguma maneira, pode até ser que isso tenha sido bom, tenho dúvidas. Mas depois na terapia eu discuto isso um dia. Eu acreditei no mito meritocrático e aquilo foi bom porque eu acho que me protegeu. Se eu tivesse acreditado que era uma coisa tão impossível, eu talvez eu não tivesse me esforçado tanto. Eu teria ido pros caminhos que a minha comunidade tinha me dado. Talvez fosse um subemprego, talvez fosse ou não estudar ou um trabalho de serviço. E não, eu realmente fiquei

obstinada por querer estudar, por querer mobilidade, por querer fazer uma mobilidade através da educação, porque aquilo foi uma chave. Eu lembro até hoje, um dia, quando eu entendi que não, se eu não fizer isso, eu não vou mudar a minha vida. Vai ter que ser através da educação, porque essas pessoas estão conseguindo, né? E aí eu entrei. Quando eu entrei na faculdade, eu pedi demissão dessa empresa, porque eu passei num processo de seleção de uma grande multinacional, que inclusive era cliente da própria empresa que eu trabalhava, porque eu passei no processo, eu falei yes! Primeira meta batida, primeira meta era ter um currículo. Segunda é ter um currículo e ser aprovada. Eu existo para essa empresa. Não só existo, como me contrataram, yes legal.

Comecei a trabalhar, passei quatro anos nessa empresa. E aí foi um outro fator que eu acho que é importante também, que acomete muito a carreira das pessoas negras que eu conheço e que ascenderam e que conviveram em grandes multinacionais. Para você pertencer. O Brasil tem uma característica. Não só Brasil, mas muitos países colonizados, como o Brasil, de que você é o que você tem, você é o que você aparenta ter. Então, para você ser minimamente aceito num lugar ou reconhecido como parte de um lugar, você tem que se comportar como tal, tem que consumir como tal. Você tem que fazer o que as pessoas fazem. E aí eu vi uma fase e foi uma fase muito desafiadora da minha vida, porque sim, eu passei e trabalhei muito, continuei estudando, investindo em inglês e tal. Só que eu me endividei horrores. Por quê? Tinha um código de vestimenta e fui trabalhar instituição financeira inclusive.

Instituição financeira era uma coisa que você tinha, te conferiam de cima embaixo. Como é que você veste, se sua unha está feita. Qual é o seu sapato? Está sujo? Se a sua bolsa é de marca e tudo isso. Então eu vivi anos, os primeiros anos, principalmente quando eu conciliava a faculdade e o trabalho, vivi anos infernais do ponto de vista financeiro, porque a medida em que eu poderia sim ascender socialmente, através do trabalho, através da educação, eu ganhava mais que a galera lá da quebrada que eu trabalhava. Mas o custo que eu pagava para estar nesse lugar era infinitamente maior. E não só o custo direto, mas o custo da minha saúde, a quantidade de horas que eu dormia por dia, porque eu morava muito longe, tudo. Meus pares, meus colegas iam de carro, iam a pé. Eu pegava duas horas de ônibus para ir e duas para voltar. Ia para faculdade, dormia 3 horas por noite. Então esse tipo de coisa que a gente só vê depois o quanto isso pode ser violento, impacta na saúde. Então foi assim que a minha construção de carreira se deu. Por muitos anos, eu acredito...

Vini: Deixa eu te fazer uma pergunta? Porque aqui talvez a gente saia da linearidade, mas para mim também acho que é um ponto interessante. Quando foi que você se deu conta, talvez, dessa reflexão de que tem um custo emocional também disso? Porque eu acho que do que você está me falando, eu escuto, assim como você estava muito motivada. Então você não estava parando para pensar muito bem no que estava fazendo. Quando foi o momento em que você deu uma parada para pensar nisso e falou ‘Nossa, se eu tivesse pensado, talvez eu não tivesse feito tudo isso’?

Marta: Muito longe. Muito. Demorei, sei lá, mais uns 15 anos. Provavelmente isso aconteceu lá dos meus 30 e poucos anos. Por quê? Porque por isso que eu falo que eu acreditei nesse mito meritocrático. A partir do momento que eu me vi lá, falei Yes, eu mereci. Olha como eu me empenhei. Eu associei o meu esforço a conseguir e falar: logo eu sou um deles. Eu não devo nada para ninguém. Realmente não devo nada para ninguém, mas eu não sou um deles. Eu continuo sendo uma mulher negra da periferia [sorriso enorme].

Então eu não percebi, isso me levou muito tempo e eu só percebi quando que a maturidade começou a me trazer onde tava o valor profissional que eu aportava, que não estava... Quando eu trabalhei em empresas, por exemplo, que tinham cultura mais flexíveis, que não me exigiam determinados protocolos ou determinadas, ou que tinham pessoas mais diversas ou realidades mais parecidas com a minha, por exemplo. Então foi um processo muito longo e eu acho que isso eu já era mãe, já tem outras prioridades também. Quando você se torna mãe, a sua prioridade um é a criança, né? Então assim, demorou, demorou e demorou muito. E eu arrisco a dizer que tô falando de mim, mas eu posso falar de colegas também, que muitos colegas que sejam talvez até mais velhos do que eu, não tenham percebido isso ainda, do custo emocional de você tentar se encaixar em algo que você não é.

Vini: você mencionou que não tinha inspiração lá atrás em termos de carreira, mas talvez mesmo não tendo essa inspiração de noção de carreira, eu acho que... Quem foram as figuras que mais te influenciaram a ser quem você é hoje, independente do que se tem ou do que se constrói de carreira?

Marta: Acho que, sem sombra de dúvidas, minha mãe, a minha mãe....

Vini: Foi uma empreendedora né? Pelo que você me fala...

Marta: Inconformada. É assim, quando eu vejo que a minha mãe estudou até o terceiro ano do ensino fundamental. Ela trabalha, começou a trabalhar aos seis anos de idade, né, na roça. Veio para São Paulo, perdeu os pais aos nove. Aos 11, estava aqui em São Paulo, trabalhando de babá, cuidando de outra criança. A criança cuidando de outra. A pessoa que saiu de onde ela saiu e ainda assim ela incentivou a mim e a minha irmã, a sair do nosso mundo um pouco. Tudo o que ela dizia, ela não entendia bem o que, ela não entendia muito bem o que aquilo tudo queria dizer, o contexto que a gente vivia. Mas ela era sensível o suficiente para saber que existia um mundo melhor além do que a gente estava. Por quê? Porque ela transitava nessa ponte quando ela ia atender as clientes dela. Então acho que ela tinha noção “nossa, como eu queria que minha filha pudesse ter essa vida, né? Olha como eu queria que ela pudesse ter essas oportunidades.” Então ela usava as inspirações, ela talvez falava “Não, eu não vou ter mais isso, mas a minha filha, minhas filhas podem ter”. Então ela tinha noção que o lugar que a gente vivia não ia oferecer isso para gente e que precisava tirar a gente do risco, dos fatores de risco. Mas que sim, a gente podia sonhar estar em outros lugares.

E hoje, de fato, eu e minha irmã estamos onde queremos ou até além de onde talvez tenhamos sonhado, mas muito por isso. Porque ela não limitou, ela não criou a gente com uma crença limitante como meu pai. Meu pai foi um pouco diferente, meu pai foi, ele foi funcionário público. Então ele de fato incentivava a gente a ser funcionário público, porque não... Vai ser funcionária pública, porque você não vai ser mandado embora. Você está garantida a vida inteira. Você não precisa se preocupar. Você não vai passar fome. Ponto. E aí, quando minha mãe falava vai estudar inglês, ele “Imagina. Isso é frescura. Isso é coisa de rico. Pra que ela vai querer inglês? Ela vai ser funcionária pública. Funcionário público não precisa falar inglês, né?”

Então, minha mãe não, minha mãe, ela não queria... Podia ser o curso mais vagabundo que tivesse. Minha mãe colocava a gente lá num cursinho, sabe? Ela sempre procurava formas da gente se desenvolver. Então eu não tinha referência para onde ir, nem ela sabia. Mas ela fazia o possível para tirar a gente daquela realidade, experimentando outros caminhos.

Vini: E Marta, como foram as experiências de racismo que você teve no ambiente de trabalho? Como que isso foi mudando ao longo da sua carreira? Porque você passou por diferentes espaços e em diferentes momentos.

Marta: Então isso se manifesta de forma diferente. Eu vivi realidades bem distintas. Acho que eu me lembro da primeira realidade, porque a gente sabe que... eu levei muito tempo para

descobrir o que era a diferença de um racismo moral, da intenção de ferir e daquilo que hoje chamam de racismo estrutural, mas que há muito tempo as pessoas chamavam de racismo velado e que às vezes não é nada velado. É só, você vai reproduzindo as coisas.

Mas eu me lembro que por volta dos 18 anos eu sofri algo muito específico, muito direto. Não foi subliminar, não foi brincadeira. Eu entrei na sala que eu trabalhava, eu compartilhava com outras seis pessoas, tinha um desenho numa lousa onde a gente anotava lá as vagas não sei o quê. Tinha um macaco com o meu nome, né? Estava ali nitidamente assim. Então foi a primeira vez que eu. Lógico, nem eu nem empresa sabíamos lidar com isso. E foi até bizarra a forma. Hoje eu olho para trás e falo “Gente, tudo o que você não deveria fazer”. Sabe o que a empresa fez? Mandou chamar meu pai [risos altos]... para a pessoa que fez pedir desculpa para mim e para o meu pai. Você vê como que a história do patriarcado, né? Nem com o meu pai eu morava, eu morava com a minha mãe. Minha mãe era separada, mas não, traz seu pai aqui, porque a tua honra foi ferida e a honra é do teu pai, e não sei o quê.

Eu lembro que na verdade eu acho que eu não tinha feito nem 18, eu estava entre 17 e 18. Isso mesmo! E como eu era menor de idade, a empresa ficou “não, nossa, tem que ter um representante aqui porque ela é menor de idade, não sei o que fazer”. Alguém deu e teve a brilhante ideia de fazer isso e a emenda saiu pior que o soneto, né? Então, para mim foi muito ruim, tanto é que eu saí da empresa poucos meses, pouquíssimo tempo depois, porque a relação ficou desgastada dos dois lados. Eles tentaram, tentaram fazer algo que ficasse bonito, mas ficou feio de qualquer jeito. E ficou feio.

Só que não fizeram nada com a pessoa, só fizeram ela passar vergonha. Na verdade, deram uma lição de moral, chamaram o meu pai e o pai dela, que por sinal era um homem negro inclusive e fizeram ela... Sabe como você faz com criança, ela vai lá e sim pede desculpa pro amiguinho. Então fizeram mais ou menos assim. Mal sabia que eu deveria ter ido numa delegacia e não ter aquela conversa bizarra.

Aquela foi a primeira vez e, lógico, eu fiquei muito triste, não sabia lidar com aquilo, não tinha repertório, nem meu pai. Ficou um clima muito ruim. Isso marca e machuca para caramba. Só que depois, ao longo do tempo, o que eu via? Eu via o racismo se manifestar à medida em que eu ia. Eu entrei numa multinacional e parece que pelo nível educacional das pessoas, essa é a percepção que eu tenho de transitar. As pessoas tem uma noção do que é feio falar. As pessoas sabem que chamar de macaco dá cadeia, entendeu? As pessoas sabem que você fazer algo assim

tão explícito pode não pegar tão bem. Então as pessoas usavam, usavam como referência o meu cabelo. Então eu já levei, por exemplo, feedback de performance de final de ano, de que a minha aparência não era profissional por causa do meu cabelo, por causa da minha vestimenta. E poxa, o que é isso? Então quer dizer que o meu cabelo vai influenciar? Eu nem usava trança, era meu cabelo como ele é. Meu cabelo vai influenciar minha performance. Onde? Desde quando, né? E essas questões vão, né? Ou então que eu não deveria tomar sol, né? Ai você está preta demais, né? Mas você fica melhor sem bronzeado né? Menos bronzeada. Então, tem coisas que sei lá.

Vini: Engraçado esse papo do bronze com pessoas negras, né? Como é que alguém olha pra mim e fala que eu tenho que ficar menos bronzeado? Se eu sou preto.

Marta: Eu tenho melanina, nem que eu quisesse. Eu vou acordar um dia, e vou tomar desinfetante? O que é que eu vou fazer né? Então é surreal. Comentários vinculados sim, ao cabelo, à cor da pele, ao bronze e tal. Essas coisas não são assim afirmativamente agressivas. Mas demora muito para você entender a razão daquilo. Eu demorei muito tempo para entender que aquilo também era uma manifestação do racismo. Mas muito tempo. Tanto é que, por muitos anos, assim como eu, tentei me adaptar do ponto de vista financeiro, do ponto de vista cultural tudo o que eu consumia, eu consumia aquilo que os meus colegas brancos consumiam.

Então eu fui estudar numa escola pública do ensino médio, mas era um ensino médio. Minha mãe me colocou num bairro, numa escola, num bairro de classe média, que tinham mais brancos do que negros. Então eu consegui começar a ouvir música que eles ouviam. Eu queria me vestir com a roupa da moda que eles vestiam, mas quando eu ia lá para a periferia, ninguém ouvia o que eu ouvia, ninguém vestia o que eu vestia. Então, assim, eu convivi muito com essa identidade, esse conflito de identidade, sabe? De ficar para lá e para cá da ponte. Então, assim foi bem complexo. Aconteceu de várias maneiras e, infelizmente hoje eu posso atestar, ainda acontece. Independente da ascensão social. Nada nos blinda da manifestação do racismo no mundo corporativo.

Hoje ele acontece mais olha que curioso. Na linha do questionar a minha dor, questionar a mim, o meu sentimento, deslegitimar quando eu vejo uma manifestação clara do racismo. Então, por exemplo, se eu fizer um comentário, já aconteceu. Por exemplo, estávamos num restaurante, eu e meus pares. O garçom chega normalmente, já começa que eles vão sempre para um homem, nunca vão oferecer para uma mulher. Com a mesa inteira, ele estava conversando ali e tal, sugerindo para as pessoas determinado prato ou determinado vinho que harmonizasse. Para

mim, a sugestão dele foi com o lado direito do cardápio, não foi com o lado esquerdo. Ele sugeriu para mim o prato mais barato e o vinho mais barato, né? [Risos]. E aí, depois que passou, é lógico que eu fiquei muito brava. Naturalmente, a gente fica desconfortável e às vezes a gente fica até sem educação quando acontece essas coisas, né? Porque é difícil controlar. E eu fiz o comentário com um colega, isso é um exemplo bem concreto. “Magina, Marta, magina que isso, ele nem pensou, nem dá tempo aqui”. Eu falei, tem certeza? Então tem algumas coisas que as pessoas não conseguem vivenciar que elas não convivem com essa realidade. Então eles, constantemente, quando eu menciono que eu passei por alguma situação no mínimo constrangedora por conta do racismo, as pessoas invalidam ou reduzem isso porque não conseguem enxergar da mesma forma que eu.

Vini: São outras leituras, né? E Marta, acho que você falou lá a gente falou de custo emocional. Eu queria entender assim hoje também, o que você faz em termos de cuidado com a sua saúde mental e com sua vida emocional dado que né expostos a situações racistas, a gente sempre vai estar. Mas como você também se cuida nesse sentido e o que que você ainda tem de ambições de sonho para sua carreira para suas realizações pessoais?

Marta: Então vamos lá, eu gostaria de me cuidar mais ou me cuidar melhor, né? Mas eu os recursos que eu uso hoje e são bem libertadores são recursos 0800, gratuitos, que são outros amigos pretos, por exemplo, que conhecem a minha realidade! Não quer dizer que eu não tenha amigos brancos, mas eu preciso de tempo em tempo me reenergizar com eles, que eu sei que são pessoas que entendem o que eu vivo, que entendem o que eu falo, que vão entender uma sobrelha levantada. Cada leitura a gente consegue de boca fechada se entender, então essa é o poder que eu falo do aquilombamento. Ele é muito importante, né? Então por exemplo tem vários grupos, o grupo que eu e o Valdir fazemos parte, o Pactuá é um deles, mas eu tenho... eu aprendi o valor das amizades e relações com pessoas como eu, elas me reenergizam. E também eu tomo muito cuidado de conteúdo, sabe? Eu tomo cuidado com que eu leio, eu tomo cuidado com que eu vejo na televisão, com que eu vejo na internet, quem eu sigo na internet, porque eu notei que tudo isso tem um impacto muito grande na minha saúde mental, né? São coisas simples, são escolhas. Tá tudo vinculado a escolha. Mas eu sou muito seletiva e até um ponto... vou dar um exemplo o ano passado... é o ano passado 2022, é... eu acho que o ano passado inteiro todos os livros que eu li, e não foram poucos, foram todos os escritores negros e todos de alguma maneira foram sobre ou sobre o racismo ou histórias de pessoas negras.

Enfim até o quarto, quinto livro legal, você vai criando várias identificações, né? Que bacana! Lá no sexto sétimo, você já tá tão cansado, eu tô tão cansada, gente não aguento mais. Eu preciso de um conto de fadas me traz outra coisa para dar uma amenizada. Então eu procuro buscar esse equilíbrio, então sim é importante me educar é importante eu incentivar e colocar o meu dinheiro preto na mão de outro preto, porque é uma coisa que eu vejo valor.

Mas eu tomo um pouco de cuidado com o conteúdo que eu absorvo, porque às vezes a gente já vive convive tanto do dia a dia... eu falo que a gente já sai de casa com aquela sensação de dívida. Da dívida para o mundo, você tá devendo, você não deveria existir, você não deveria estar naquele lugar, você não deveria estar nesse papel. Você não deveria um monte de coisa, você deveria estar na cozinha e ponto né. Pro o mundo.

Então você já sai com essa energia né, te puxando para baixo e você ainda tem que reforçar isso? Então em alguns momentos eu ainda quero, eu procuro ter algumas coisas mais leves sabe? Eu procuro fazer minha vida mais leve de uma maneira, e sem sombra de dúvidas me reenergizar com os amigos é uma coisa delas. Minha filha né, moro com a minha filha, que felizmente tenho uma filha muito sensibilizada para esses temas né.

Vini: Quantos anos ela tem?

Marta: Ela tem 18.. tem 18... Muito madura dentro dessa agenda a gente dá risada juntas às vezes sobre os mesmos temas né? Então a gente se reconhece se entende como mulheres negras ali então acho que isso é bem... a gente tem momentos bem divertidos. E é isso é o que eu procuro fazer, eu escolho muito do que que eu vou do que que eu vou alimentar meu corpo, né? E não é só do alimento físico, né? Do que que eu vou me alimentar de informação, de arte, de cultura. Tem horas que a gente precisa só de um pouquinho de leveza mesmo.

Vini: Posso fazer mais uma antes da gente fechar? Você falou da sua filha e acho que tem uma questão de gênero também que atravessa a intersecção de gênero e Raça. Assim eu penso que é muito diferente a experiência de mulheres negras ocupando posições de liderança da experiência de homens negros. Como que foi para você também atravessar a maternidade e carreira, com seus desafios e seus prazeres também, né?

Marta: Bom, o que é que eu vejo, né? Acho que teve uma coisa.... Sem sombra de dúvidas essa intersecção pega a gente com uma lasanha mais grossa, né? Então você convive com o machismo e com racismo e muitas vezes também com a questão do classismo, né que pega

duplamente. Então hoje quando eu olho, não só isso, isso se conecta no mundo executivo, quando você olha como os executivos consomem, o que consomem, como tem o lazer, no que eles investem é um tipo de lazer ou de prazeres que tem não tem valor para mim, por exemplo... Ou eu vejo que... Então para mim, é assim, a gente valoriza... eu falo que lado legal quando você ascende e você já passou, já girou a roda, né, já saiu lá do subsolo e foi para o topo, você valoriza tantos os pequenos Prazeres né, e você vê que não é um vinho de quatro mil reais que vai deixar uma pessoa mais feliz.

Tem dia que se eu tomar um Velho Barreiro, fazer uma caipirinha de Velho Barreiro, eu vou estar mais feliz do que o vinho de 4 mil de 5 mil reais, né? E às vezes as pessoas nem gostam daquilo, só pelo status dizer que tomou aquele vinho. Então tem coisas que a gente lida, tem uma relação com o status, pelo menos eu né, para mim eu tive uma relação diferente com a questão do status. Eu de fato, eu desconstruí isso lá no meio da minha carreira, quando eu vi que o tombo financeiro era grande que era algo que eu não poderia sustentar. Socorro era melhor ficar lá atrás, era melhor nem crescer, né? E claro tem desafios como eu já mencionei ali das pessoas te validarem. Mas tem uma coisa que eu acho bacana que é um diferencial competitivo.

Uma vez eu tive oportunidade de falar até com meu presidente, eu reporto para o presidente, ele deu risada, ele falou “Marta, eu concordo com você”. A gente tava numa reunião de board que a gente tinha que fazer uma... tomar uma série de decisões bem relevantes para a empresa e fazer uma redução de custos significativa.

E aí tudo bem, ele passou uma meta para gente, um exercício para gente. Eu fui lá e fiz meia dúzia de conta, peguei meu Excel, então tranquilo e tal. E eu vi meus pares desesperados, mas desesperados de um jeito que você não faz ideia. Aí eu falei gente não é possível. Será que só eu sei lidar com restrição, com não, né? E aí eu entendi que ter vindo de uma vida de restrição e de privação, ela me estimulou a criatividade de alguma maneira porque você tem que... para você sobreviver, você tem que criar recursos para isso. E aí quando terminou essa reunião, eu cheguei para ele e falei Fulano, ele já nem tá mais na empresa, né? Eu falei, sabe, posso te falar uma coisa? Se você tivesse nessa mesa, éramos onze executivos, se metade dessa mesa fosse de mulheres pretas da periferia, você pode ter certeza que todo mundo sabia tomar uma decisão aqui de como fazer vocês atingirem esse resultado financeiro.

Ele, é mesmo? Eu falei, você já experimentou, você já parou para pensar como é que uma mulher que ganha um salário mínimo, que tem três filhos, paga aluguel, abandonada pelo

marido, consegue sustentar? Você conseguiria ter uma vida com mil e trezentos reais com três filhos para sustentar pagar aluguel? Ele, certamente não. Então é isso que te falta para essa vivência. Eu falei, você tem nessa mesa só gente que não sabe viver com restrição. Tem pessoas que estão acostumadas a viver só com abundância, né? E a restrição também desperta na gente a criatividade. A restrição desperta na gente a esperança, porque se você não resgatar a esperança, não achar razões para mudar dali, você se afunda. Então isso eu vejo muita potência.

Então, eu gosto de usar muito o discurso de olhar para a carreira das pessoas negras e para as oportunidades, não sobre a ótica da carência, mas sobre a ótica da potência. Porque existe muita potência em pessoas que não só foram desafiadas a viver com muito menos recursos do que deveriam ter por direito! E que dois, convivem desde o dia em que nasceram com incômodo com naturalidade. E isso eu falo o tempo inteiro, eu não tenho medo de cômodo. Se eu tô num lugar em que eu sou desafiada em público, eu não tenho medo, eu não tenho a opção de não lidar com desconforto: eu nasci preta. Onde eu vou eu gero desconforto, então assim eu vivo esse desconforto desde o dia que eu nasci. Então, para mim, qualquer desconforto que o mundo corporativo possa me trazer, ele é fichinha perto desse e eu não tenho a opção de não ter. Então eu aprendi a olhar com a ótica da potência e da vantagem competitiva e eu acho que quando essa galera que tá indo para posições de liderança entender que isso pode ser um diferencial competitivo, eu acho que ninguém segura. Porque o que o mundo corporativo precisa é justamente de pessoas que inovem, de pessoas que cada vez mais tragam soluções usando menos recursos. A agenda de sustentabilidade tá aí né, agenda 2030 da ONU tá aí e ninguém tá chegando nem perto nem da metade, né? E se a gente não tiver e é.... vai ser chave para atingir os compromissos que os países assumiram, que as organizações assumiram, vai ser chave ter pessoas que sabem lidar com recursos limitados, porque o planeta tem recursos limitados. Então isso para mim é uma baita de uma potência e claro que é difícil dizer se é maior ou menor do que a dor. Que eu acho que todo mundo merece, deveria ter o direito de viver com o mundo com respeito, com dignidade né, mas tá muito longe. Não é a minha geração, nem é da minha filha que vai ver isso, infelizmente. Então por isso eu acredito muito na ótica da potência e na ótica do cuidado. É cuidar de si porque talvez o outro não cuide de você.

Vini: Legal, Marta, muito obrigada assim. Acho que essa ótica da potência é uma boa reflexão para a gente fechar aqui a conversa entrevista!

ANEXO 3 – ENTREVISTA COMPLETA - Nunes

Vini: A sua história familiar de origem. Queria saber um pouquinho de onde que você vem, qual é o seu contexto familiar?

Nunes: Tá, Vamo aqui, Tá me ouvindo? Eu estou com fone de celular. Bom, de onde eu venho? Eu sou paulista, sou paulistano, nasci em São Paulo, o meu pai é negro, minha mãe é branca. Meu pai e minha mãe também tiveram uma infância bem pobre, porém meu pai é ex-jogador de futebol, então meu pai jogou no Corinthians, jogou na seleção brasileira, no Fluminense. Então....

Vini: Em que época que ele jogou?

Nunes: Na época de 60, 70.

Vini: Legal.

Nunes: Então, eu já tenho um histórico diferente. Então, eu sempre estudei em colégio particular. Sempre morei em bairro bom, residencial, no Brasil. Eu morei nos Estados Unidos quando era criança, morei no Canadá. Então meu pai conseguiu mudar a trajetória familiar que ele teve através do esporte. Então eu tenho, fatalmente você vai entrevistar um pessoal que tem um histórico diferente, de luta, de ascensão, de uma maneira diferente. Eu tenho um histórico que eu te diria que é um histórico branco, né? Porque vai conversar comigo, eu só estudei em colégio particular, nunca trabalhei e tive que ajudar em casa. Quando comecei a trabalhar, o dinheiro era 100% meu. Estudei no Estados Unidos, estudei no Canadá, falo inglês desde criança. Não tenho um histórico de....

Vini: Você nasceu quando?

Nunes: Eu nasci, nasci em 1975, tenho 48 anos. Então, não tenho histórico de periferia, não tenho histórico de luta, de nada, assim... que é o histórico normal do negro no Brasil. Então venho de uma outra realidade. E aí depois eu fiz, sempre fiz colégio particular, entrei na faculdade, fiz Mackenzie. Aí, depois que eu terminei o Mackenzie.

Vini: Você estudou o quê na faculdade?

Nunes: Eu estudei propaganda e publicidade. Eu fiz um curso de extensão, acabei o Mackenzie em 97. Aí fiz um curso de extensão em marketing de quatro meses na Universidade de Nova Iorque. Fui para Nova Iorque e depois, quando eu voltei, eu trabalhei, sempre no mercado corporativo e com tecnologia ou marketing esportivo. E aí voltei, fiz um MBA de marketing na ESPM, aqui em São Paulo. É essa minha trajetória de vida e de carreira e sempre trabalhei na área de vendas. Vendas sempre foi minha área de atuação.

Vini: Legal, deixa eu te fazer mais uma pergunta. Ainda quando você olha para esse contexto familiar, quem foram as pessoas que mais te inspiraram na pessoa que você é hoje?

Nunes: É o meu tio por parte de mãe. Tá? Foi uma das pessoas que mais me inspirou, tanto que ele é formado em marketing e eu sou formado em marketing, então eu meio que segui a mesma, a mesma orientação. Então meu tio, sempre me inspirou, e meu tio foi um exemplo. Foi um executivo de multinacional, morou e mora até hoje nos Estados Unidos. Então, foi uma trajetória que me inspirou, eu sempre tive meu tio como um símbolo de inspiração para mim na parte de trabalho.

Vini: Legal. E como é que foi essa... Você começa falando dessa dicotomia entre o seu pai ser negro e sua mãe ser branca... Como isso dialogou um pouco com a sua formação?

Nunes: As histórias eram até parecidas, porque minha mãe, mesmo sendo branca, ela era a filha, ela é filha de Imigrantes italianos. Então ela morava no Bom Retiro, então era uma infância pobre. O meu pai também teve uma infância pobre, né? Então assim, os dois, mesmo sendo branco, minha mãe era filha de imigrantes que morava numa vila, então assim também teve... Os dois tiveram infâncias pobre. Eu já não tive essa infância, tive contato mais com o meu lado, com o lado da minha mãe do que do meu pai. Então eu ia na casa da minha avó, tudo do lado do meu pai, quando era criança. Mas a família mais próxima era a família da minha mãe. Então eu estava mais em contato com a família da minha mãe, meu tio que me inspirou é irmão da minha mãe. Então era mais a realidade que eu estava próximo. Meu tio também teve uma infância pobre. Também ascendeu na vida através de estudo e trabalhando em multinacional, então sempre tive mais contato com meus primos e tudo mais, né? Para mim era até... sempre foi normal essa parte de ter os dois lados.

Inclusive, sempre que eu saía com a minha mãe ou com meus tios, ninguém imaginava que eu era da família. Por quê? Porque, lógico, sou... Sou negro, não sou tão negro quanto meu pai,

porque já tenho a mistura da minha mãe, que é branca né, mas eu sou negro; e meus tios, minha mãe é branca de olho verde, meu primo é branco de olho azul, então assim não parecia que eu era da família. Parecia que eu era o namorado da minha prima ou alguma coisa do tipo, né? Mas pra mim, sempre, como eu sempre tive nessa realidade, para mim foi... foi tranquilo, eu até fazia a brincadeira em relação a isso. Nunca, nunca pesou pra mim e a maioria dos lugares que eu convivia sempre, eu era o único ou tinha mais dois negros no máximo, né?

Então, eu sempre convivi em realidades brancas, a maioria do colégio particular, todo mundo ou 99% é branco. Na faculdade tinha lá quatro negros, o resto tudo branco. Lugares que eu saía pra jantar, todo mundo branco. Então eu sempre convivi em lugares de maioria branca.

Vini: E como que foi para você, convivendo em espaço majoritariamente branco, construir a sua trajetória profissional até onde você chegou hoje. Enfim, uma posição super relevante dentro dessa empresa. Queria ouvir um pouquinho dessa trajetória também, e sobre como essa sua formação educacional te ajudou a chegar nesse lugar?

Nunes: Até por, como eu não vim da periferia, eu não vim de núcleos negros, né? Pra mim é comum conviver somente com brancos. Então, por exemplo, no trabalho, a maioria branca e a minha vida sempre foi assim, o bairro que eu moro, que eu morei sempre, minha vida inteira, era um bairro de classe média alta na zona Norte e a maioria era branca. Acho que nós éramos os únicos negros no bairro, então meio que para mim, eu não tive um choque de sair de um lugar majoritariamente negro para entrar num lugar majoritariamente branco.

Então, lugares que são majoritariamente brancos para mim são comuns, porque é o que eu sempre vivi na minha vida. Para mim não é diferente, quando eu vou em um lugar que é majoritariamente negro, aí eu vejo a diferença, porque para mim isso é diferente. Então, na [empresa onde trabalha hoje] ou em outras culturas que eu trabalhei sempre, eu tive essa mesma visão de ah, aqui eu entro e a maioria é branca.

[falha técnica de queda da sala virtual]

Nunes: Eu estou no México, talvez tenha sido isso, a conexão tenha falhado aqui. Então vamos lá então, pra mim sempre foi comum estar em ambientes majoritariamente brancos. Então eu não... eu não via isso até pouco tempo atrás. De olhar e falar “pô, sou o único negro do local”,

porque para mim era meio que comum, porque eu venho dessa realidade. Então há pouco tempo comecei a perceber “nossa sou único negro aqui, né?” É lógico que....

Vini: Mas o que aconteceu para esse processo de descoberta? E o que isso virou talvez no seu pensamento?

Nunes: Acho que assim o mundo corporativo até me ajudou a perceber isso, ou até... porque tem muitas campanhas e tudo mais, né? Então acabei percebendo isso. Acho que o mundo corporativo ajudou muito, né? Lógico que me impacta, mas o impacto não era.... Quando você vem de um local que muda sua percepção, ou, por exemplo, você vem do lugar que a maioria é negra, e aí você começa a se deparar com a maioria branca, tem um choque. Pra mim não teve esse choque, porque sempre foi a minha vida. Então, eu me vejo impactado, diferente do que pessoas que as vezes não se sentem pertencentes. Então eu me sinto pertencente a um lugar em que a maioria branca, por que (pausa)... Essa é a minha realidade.

Então eu vejo que quando a gente.... tem algumas pessoas que eu converso, que tem um perfil diferente de histórico, a maioria negra, eu era da periferia e agora eu vou para o mundo corporativo, a maioria é branca e eu não me sinto pertencente do meu jeito. Do meu lado é ao contrário, eu me sinto pertencente aqui. Por quê? Porque eu sempre estive nessa posição e como eu sempre... e o meu histórico, por ser um histórico, eu até comentei branco, né? Sempre estudei em colégio particular, faculdade particular e viajei para fora do Brasil muito cedo, desde criança. Então eu morei num lugar de classe média alta, então pra mim os impactos são diferentes e o meu histórico é meio parecido com o histórico do branco brasileiro. Então é mais fácil, quando vou... Quando eu vou na empresa fazer uma entrevista, eu já falo mais de um idioma, falo desde criança, tenho vivências fora, então é um histórico diferente e é uma história que não é uma história de luta, né? É uma história que é uma história normal, comum.

Vini: É que foge do esperado, talvez, pela população... para a maior parte da população negra.

Nunes: É, então assim, eu entro como se eu fosse dono daquele local e me sinto naquele local. E eu falo inglês, não sei o quê... Então não tem isso “Não, não vou contratar porque não fala inglês. Eu não vou contratar porque não fala espanhol, Não vou contratar porque a faculdade não é de ponta, eu não vou”. Na verdade, eu estou adequado a todos os perfis e padrões do mundo corporativo, então fica mais fácil contratar o Nunes. Assim, contratar o Nunes, lógico

Nunes é negro, mas ele não traz o histórico negro. Está contratando uma pessoa que estudou em colégio particular, fez curso em Nova Iorque, estudou em faculdades de ponta, fala dois idiomas, então facilita um pouco a vida, né? Você não tem que investir muito. Eu tenho o histórico branco já.

Vini: Nunes, acho que dentro disso que você está falando, eu fico pensando se você já vivenciou dentro do ambiente de trabalho situações racistas. Como o que foi pra você esse processo?

Nunes: Então, que eu tenha percebido, não. Eu nunca percebi racismo dentro do ambiente de trabalho, de ter sido boicotado por ser negro ou alguém falar alguma coisa porque eu nunca tive também posição de inferioridade de contrato. Por exemplo, lógico, você sempre tem alguém acima de você, mas é um pouco mais complicado. Pelo menos hoje eu sou vice presidente aqui, se a pessoa quer falar alguma coisa, ela é mandada embora. Então assim é mais complexo, né? Mesmo as empresas menores que eu trabalhei eram empresas que eu era um estagiário, mas que que estudava ou era amigo do dono da empresa. Eu sempre tive em posições que seriam mais difíceis de se... E eu sempre tive posição favorável. Quando era estagiário, meu pai era amigo do dono da empresa. Vai ficar mais difícil. Aí, depois eu entrei em empresas maiores que a própria empresa não admitia isso, né? E os meus pares eram pares, então não tem como ter um... Eu não estava numa posição inferior, mas eu também não percebi isso, né? Pode ser que eu tenha sofrido sem perceber, mas eu não percebi isso.

Vini: Mas não te causou sofrimento, certo?

Nunes: Não. Nunca causou sofrimento. E se tivesse... Se eu tivesse percebido alguma coisa, eu ia combater.

Vini: E na vida? Extrapolando do ambiente de trabalho também, você falou muito sobre o bairro onde você cresceu. Não sei qual foi o bairro, acho que você não mencionou, mas você falou do bairro que cresceu. Você já vivenciou também essas experiências fora do ambiente de trabalho?

Nunes: Ah sim, o racismo, por exemplo, eu passei por um tema de racismo no ano passado. Eu morei, o bairro que eu morei quando era criança chama Jardim São Bento, fica na Zona norte, São Paulo, né? Aí depois eu mudei. Hoje eu moro no Jardins, então eu morava no Jardins do ano passado, na Lorena, na Alameda Lorena. Mudei pra uma rua próxima, tive um problema com vizinho. O vizinho foi falar que o problema era que era negrinho. Só que ele não falou pra

mim. Ele falou para uma empreiteira que estava trabalhando no meu prédio, no meu apartamento. Então, sim, passei por isso no ambiente de... ambiente fora do trabalho, tá?

Agora, qual foi a minha reação? Bom, né? Bom, vamos lá. Minha reação. Primeiro eu ameacei agredir ele na reunião de condomínio, por um outro tema. E aí ele ficou um pouco surpreso, fui na delegacia, fiz uma ocorrência. Depois eu entrei com advogado, com processo civil. E agora eu estou processando ele. Então, qual é o meu ponto aqui? Eu tenho uma péssima vocação para ser vítima. Então a minha vida inteira, se era para ser alguma coisa, eu era agressor, então eu vou ser agressor.

Sofrer algum tipo de racismo? Eu comento que eu não sofro racismo. Eu passo por racismo porque quem vai sofrer é outra pessoa. Então eu tenho... eu sou esclarecido... Então eu sei quais são os meus direitos, né? Eu não tenho vergonha de falar que passei para o racismo, inclusive até o contrário, sempre falo em várias reuniões que teve caso de racismo, então não tenho a menor vergonha de falar isso, não sou eu que devo ter vergonha é a outra pessoa.

Tenho recurso financeiro para entrar de maneira legal, acionar advogado e tudo mais. Então o cara vai ter que gastar dinheiro e eu adoro uma confusão, adoro uma confusão. Então eu sou a pior pessoa para você, para você brigar, porque eu tenho grana para me vestir. Eu gosto de confusão, Eu sou esclarecido, né? E eu não vou ficar passivo nisso. Então, agora que que o cara está fazendo? Tá gastando dinheiro com advogado. Coloquei advogado atrás dele. Ele era conselheiro do condomínio e não é mais, quem é conselheiro agora sou eu, eu entrei por votação. Sou conselheiro do condomínio, então eu tirei totalmente a pessoa da zona de conforto, entrei para chacoalhar, né?

Vini: Achei interessante a forma como você usou os termos “quem vai passar por e quem vai sofrer com isso” é interessante.

Nunes: Eu não sofro racismo, eu passo. Quando você fala, “você sofreu algum ato racista?”. Não, não sofri, eu passei por um ato. Então quem sofreu é a pessoa agora por que ele está investindo dinheiro, está com problema, né? Eu nem acho certo eu ter essa pegada mais agressiva, mas eu tenho isso aí, faz parte da minha vida. O meu pai era jogador, então toda essa parte mais agressiva, física, eu tenho isso comigo, né? Então, eu não sofro racismo, eu passo por racismo. Quem sofre é a outra pessoa.

Vini: Como que o Paktuá se insere nesse seu momento de carreira, de vida, de realizações também?

Nunes: Eu acho que assim é importante. O negro precisa se unir mais, tá? Então a gente está isolado, na [empresa onde trabalha hoje] quantos negros têm? Poucos. Em posição de liderança? Menos. Quantos negros tem na empresa do seu tio? Poucos. Liderança? Menos. Então nós somos poucos, nós temos que nos unir pra um puxar o outro pra cima. Nós temos que nos unir para ver que a gente não está sozinho. A gente não tá isolado, a gente pode fazer coisa juntos.

O judeu faz muito isso. O judeu tem um senso de coletividade, até por causa de séculos de perseguição, ele tem um senso de coletividade muito forte. E o negro precisa criar esse senso de coletividade, né? Lógico, eu nunca tive, porque nos lugares que eu tava, que era um lugar de privilégio, tinham poucos negros. No meu bairro tem poucos negros. Então o que o Paktuá serve? Para a gente se ver, se juntar e um puxar o outro pra cima e vê que não tá sozinho, porque depois você acaba também em lugares mais com brancos e você vai fazer, ter contato mais com brancos e você vai sempre estar com o seu network com brancos, né? Então o Paktuá, por exemplo, já estou avaliando alguns investimentos com algumas pessoas do Paktuá, tá? Que aí o que que é? São dois negros investido numa outra empresa de negros que é focado em negros. Se eu não tenho Paktuá, eu ia fatalmente estar investindo com branco, numa empresa de branco. Então ajuda a criar esse senso de coletividade.

Vini: Como você vê hoje, de certa forma, essa diferença também do homem negro para mulher negra? Como você percebe isso sendo um homem negro? Talvez se você fosse uma mulher negra, seria uma trajetória completamente diferente.

Nunes: Sim, para mulher independente da raça já é mais difícil, né? E aí, acrescenta o negro fica mais difícil ainda, né? Então, a mulher negra, historicamente sempre teve o trabalho de doméstica, o trabalho de cuidar da casa de outras pessoas ou cuidar do filho de outras pessoas, então é sempre mais complexo. Você pode ver até a parte de preconceito, né? Aí comentando eu souro preconceito, souro. Que tipo de preconceito? Sempre que eu saía eu tinha um carro legal ou alguma coisa que o pessoal achava que eu era jogador de futebol. Sempre estou saindo no lugar do jogador de futebol, cara mais atleta tal. A mulher está num lugar legal, a mulher negra, a pessoa vê, acha que é babá ou alguma coisa do tipo, né? Então a mulher negra... o

preconceito de achar que é jogador de futebol, não é legal, mas é até que você fala tem uma posição social aí, é um artista, você é sambista, alguma coisa do tipo.

Então, ser negro, ser mulher negra é ainda mais difícil, né? Então as mulheres têm o dobro ou até o triplo de dificuldades relacionadas ao homem, porque as mulheres, principalmente num país machista como o Brasil, já são vistas como uma parte inferior e ser negra você já entra em mais inferioridade ainda, porque maior parte das pessoas tão acostumado a ver mulheres negras em posições de doméstica, alguma coisa desse tipo. Então, a vida da mulher é mais difícil que a do homem, da mulher negra é mais difícil ainda, né? Então a luta da mulher negra pra se provar como mulher, como negra é extremamente complicado, não sei nem como te descrever, porque eu não vivo isso na pele.

Vini: Você até falou de uma possível vantagem. Você sente que esse lugar também do homem negro, do sambista, do artista, traz uma vantagem, em alguma medida, em termos de ser mais desejado, tipo ser mais cobiçado por mulheres? Como que foi um pouco dessa sua experiência mais pessoal?

Nunes: E eu acho que assim, hoje isso é. Isso tem que ter uma cobiça maior hoje, né? Na minha época de infância, quantos anos você tem?

Vini: Eu tenho 27.

Nunes: Então quando eu tinha a sua idade até um pouco menos, o cinema, a televisão e as mídias ditam muito as regras de beleza. Então hoje você consegue ver atores negros. Você consegue ver protagonistas negros em novela, no cinema. Na minha época, quem eram os protagonistas? Era o Tom Cruise, e o Brad Pitt, que hoje são cinquentões, sessentões. Então, assim, eu não estava enquadrado nesse perfil de beleza. Não sou loiro, não tem olho azul, não sou branco, não tenho cabelo escorrido. Então, eram difíceis protagonistas negros e os jogadores de futebol não eram vistos como símbolos, que hoje são vistos. Então, para mim era difícil. Por quê? Por que as meninas pensavam no que? Ah, o cara não é nenhum Brad Pitt, nem nenhum tal tal tal, nem nenhum Gianecchini, não é nenhum.... Sempre o foco eram os... os brancos.

Hoje você tem Seu Jorge sendo protagonista de filme. Você tem o Denzel Washington, mesmo que seja mais velho, mas é protagonista. Você tem o Will Smith, você tem outro tipo de

protagonista, não tantos, mas você tem negros. Então assim, na minha época realmente o negro era diferente, né? E a gente às vezes não toca nisso, mas a mulher branca que sai com um homem negro, ela também sofre preconceito. Por quê? Porque a sociedade olha e fala “Bom, ela sai porque o cara é jogador de futebol ou o cara é.. Bem, por que ela sai com o negro?”, então ela também sofre preconceito.

Minha mãe, que é branca, sofreu muito preconceito por estar com meu pai, que era negro. Então, os brancos, principalmente mulheres que se relacionam com homens negros, também sofrem preconceito. Às vezes até preconceito da própria comunidade negra.

Então também tem esse lado: “Ah, por que a mulher branca está com o negro? Tem que ter um motivo. Ah, tá, porque o cara é rico. Ah, tá, porque o cara é famoso ou não é?” Ninguém pensa que é genuíno. Tá porque gosta, né? Não... Tá por causa de alguma coisa.

Então, mesma posição de negro, né? Ela é boa, essa parte de homem, há muito pouco tempo, porque o protagonismo em mídias nunca teve na década de 70, 60, a década de 80. O negro num filme ia ser sempre o cara que era fugitivo e até um bad boys, que os dois caras são negros prendendo os outros, que é o... Eu acho que eu esqueci o nome dos dois atores... Os negros iam ser os caras que está fugindo, há pouco tempo, que mudou um pouco essa perspectiva.

Vini: E acho que ela tem mudado um pouco mesmo. Acho que um tema que me interessa aqui é bem-estar e saúde mental da população negra. O que você tem feito para se cuidar? E como você vê o tema de saúde mental e população negra?

Nunes: Eu faço terapia duas vezes por semana, há quatro anos, toda semana. Eu... tenho algumas práticas de ideologia budista. Não sou budista, mas tenho algumas práticas da filosofia budista. Então frequento alguns templos budista. Faço alguns retiros, medito também, né? Fiz uma viagem para o Japão no mês passado, conheci vários templos numa peregrinação entre templos budistas. Então eu procuro meditar, procuro, a terapia me ajuda muito. Inclusive, tinha até minha sessão acabou agora e eu comecei esse bate papo com você. Basicamente é isso, acho que a terapia, a meditação e caminhada também me ajuda. Então a arte me ajuda, eu pinto. Então acho que a arte também me ajuda a ter um momento de descontração e pratico boxe. O boxe me ajuda também na parte mental.

Vini: Você falou que começou há quatro anos, teve alguma razão específica? Teve alguma virada que você falou “Ah, quero vivenciar um pouco dessa experiência”. Como foi para você?

Vini: Eu fiz terapia há 15 anos atrás. Há 15 anos eu comecei a terapia, fiz um tempo, parei.

Há quatro anos eu me separei e no momento da separação eu comecei a terapia e aí continuei até hoje.

Vini: Nunes, eu estou super satisfeito e agradecido pela conversa e pelas respostas... Obrigado por compartilhar um pouco de sua história comigo.

ANEXO 4 – ENTREVISTA COMPLETA - Laura

Laura: Na verdade, assim, em 1997 eu fui estudar aí na USP que agora tá totalmente diferente, se você for. Num espaço que era invadido, literalmente, chamava núcleo da consciência negra da USP.

Sabe a FEA? Atrás do prédio da FEA eles construíram um prédio novo e tem um monte de Galpão ali, não tem? Então, não existia aqueles galpões, onde é o prédio novo atrás da FEA era um monte de tipo casinhas que eles chamavam de galpões, mas eram casinhas podres. E uma dessas casinhas era o núcleo da consciência negra da USP que era, na verdade, um cursinho pré-vestibular voltado a jovens carentes, pessoas pretas óbvio, que não tinham dinheiro na época para fazer o vestibular. E eles entendiam que pessoas negras que estavam já em posições no mercado de trabalho mais efetiva poderiam dar essas aulas para motivar as pessoas a passarem. Então era como se fosse um... é que hoje a gente chama de coletivo vai... e o nosso prédio ficava, esse galpãozinho, ele ficava do lado do Cemitério dos corpos de veterinária. Então um galpãozinho do porquinho, da cobra, do coelhinho morto etc e tal, do Povo de veterinário. E a gente estudando do lado. O resto era depósito de material, ou era Campus, ou era mato, era lixo, era isso era aquele espaço.

Ao sábado a gente tinha uma aula chamava de CCN, consciência e cidadania Negra.

Vini: Eram todos os dias as aulas?

Laura: Era todo dia aula e de sábado o dia inteiro, só que sábado de manhã, a gente tinha conteúdo pré- vestibular e da meio-dia às 4 era CCN, que era consciência cidadania negra. E se em 2023 eu olho e vejo que as estatísticas eram perto de zero, eu costumo falar que em 1997 essas estatísticas eram negativas. Eu tô dizendo menos mesmo, porque não tinha nem pesquisa para falar sobre mercado de trabalho, pessoas negras, empregabilidade, o que a gente tinha era vivência.

Então, por exemplo pretos chefes da minha época em 1997, quando eu tinha 17 anos, eu conhecia a minha irmã e meu irmão. Minha irmã era coordenadora no Datafolha e meu irmão era gerente I em um banco. Eles são a primeira geração de universitários da minha família. Os

primeiros que fizeram faculdade, é porque eles também são mais velhos que eu né, meu irmão tem agora 60 anos. Então ela tinha 29 ou 30 mais ou menos quando eu tava no núcleo em 97.

E é muito maluco, Vini, pensar que a gente teve momentos que eu falei assim “putz agora vai”, como eu tive momentos como agora que eu falei assim “cara, a gente se perdeu, a gente se perdeu”. E o mercado corporativo é essência disso... Não por conta de, veja bem políticas públicas são importantes, mas a gente não tem a celeridade que a gente precisa. A mudança da população Preta vai vir pelo mercado corporativo não tem outra opção, não tem. E o racismo estrutural, ele sabe disso.

Então quando lá em 97 as minhas Barreiras eram, precisa alguém que fala inglês e não tem. Eu preciso de alguém que tenha mestrado em física quântica Universal, não sei o quê, e não tem. Cara, não tem branco, não tem preto, e quanto tem, vai achar o branco. A perspectiva de lá para barrar nas empresas.

A expectativa de hoje é: eu preciso alguém que fala inglês. Tó aí. Eu preciso alguém pós-graduado. Tó. Eu preciso alguém física quântica, tó. Eu preciso alguém de Relações Internacionais formado numa faculdade Federal de ponta, tó [gesto enfático com a mão a repetir essa palavra]. Aí as empresas falam putz e agora? E aí quando ela fala um putz e agora em 2023, elas vão olhar e falar o seguinte, pera aí. Se a população preta entendeu as travas que eu colocava no passado, as empresas aprenderam que o racismo estrutural também evolui. E essa evolução deles vem de um princípio chamado “grupo de afinidades de empresa”, vem de outro princípio chamado de “vagas afirmativas”, vem de outro princípio chamado de “Token”, “diversity washing” e ousou te falar até de ESG que é o do momento.

A minha percepção hoje em resumo para deixar você seguir seus eixos. A minha percepção hoje é que como população, como mercado corporativo, a gente não fez efetivamente nada concreto por moral da questão racial. Tudo que a gente fez para diversidade Negra, como CNPJ, a gente fez por dois grandes pontos: se eu não fizer eu tô ferrado; e eu vou fazer porque o racismo institucional evoluiu e eu preciso entrar no hype. A gente não faz as coisas porque a gente entendeu, eu achei que, em 2020, as grandes [empresas] teriam entendido que a questão racial. Hoje eu tenho plena ciência de que a gente só não só não entendeu, como a gente desenvolveu o mecanismo dentro do racismo institucional que a gente tem pretos se aliando a esse processo. Rotulando um negócio que chama de meritocracia. Talvez seja uma fragilidade muito Brasil isso, porque o racismo institucional corporativo descobriu que pessoas pretas não

são Unidas. É melhor eu colocar um contra o outro. Do que eles se juntarem em máximo e cobrar resultado.

Vini: Talvez tenha um lugar também ouvindo você falar disso das pessoas não são Unidas. Eu acho que tem um lugar de amplificação das vozes né de pessoas negras. Então pessoas negras são múltiplas, com experiências diferentes, com gostos, desejos, vivências diferentes e acho que tem um lugar da branquitude de massificar né? Então Preto era preto era preto preto e os Preto começam a ganhar pluralidade aí o racismo se evolui, né? Ele se codifica novamente para cindir.

Laura: Exatamente, e aí, Vini, eles começam a desenhar umas estratégias que se... E por que que eu sempre bato no pé para falar que, desde 97, eu tô falando disso. Porque em 97 não era moda, não era hype, era luta pura. O núcleo da consciência negra ele é filho do movimento negro unificado [MNU]. Esses dias eu até falei no evento que eu palestrei para pessoas negras, falei “os nossos ancestrais estão extremamente tristes com a gente”. Eu não tô falando de Oxum, Dandara, Zumbi, de religiosidade, porque quando a gente fala de ancestralidade até isso eles jogam para questão de religião. Mas, por exemplo a sua vó, e seu vô, os pais do Migo, eles são nossas ancestralidade. E é essa camada que ainda tá viva e tá vendo isso, eles são extremamente decepcionados.

Eu tô dizendo com a gente, o meu nível de 40, 40 e poucos anos que é a primeira massa numérica de dois pontos alguma coisa, né? Então a gente saiu daquele menos não sei a quantas para ter uma massa numérica de dois pontos alguma coisa e falando de 1997 para 2023, o que é um absurdo. Eles estão vivos, eles estão vivos. Então você imagina, por exemplo, uma Sueli Carneiro vendo a Juventude Negra se estapiando na internet para saber quem é Porteira de acordo ou não? Quem é preto ou não?

E pautas como o genocídio da população preta sendo ignorado. Você imagina o que é para Sueli Carneiro ver mulher negra em posição de liderança que não contrata nem um preto debaixo dela ou preto para ser par porque a síndrome do preto único.

Você vê, imagina a cabeça de uma, do líder do Movimento Negro Unificado, que foi preso lá na ditadura, tomando banho de mangueira gelada ali sendo torturado para os pretinhos terem chances no mercado corporativo ver uma mulher preta famosa capa de revista processando menina preta do coletivo de Cidade Tiradentes

Vini: Complexo né?

Laura: E tudo isso, Vini, o coração de tudo, isso é um mundo corporativo. Não são os políticos. É o mundo corporativo, sabe o porquê? É onde tá duas coisas que sempre foi impedidas e cerceadas da população preta: dinheiro e status. E hoje dinheiro e status vem de três letrinhas normalmente, eu sou CEO, CFO, COO, eu sou Head of..

Vini: A pessoa quer ser head de alguma coisa, né, meu?

Laura: E aí essa minha geração que é o culpado, de esquecer o que tava lá, de quem lutou e chegou aqui. E se corrompeu por um negocinho que chama pulseirinha Vip. É evolução do racismo estrutural, Vini. A gente está criando categorias inclusive de neonegros. Eu brinco com o Migo, olha lá a neonegra, que a pessoa teve a passabilidade até agora ao chegar aos 45 anos. Aí descobriu que tem uma avó Negra e se auto declara como negra e o mundo corporativo, fala assim: “Meu, então vem cá, você é A pessoa”

E isso Vini, não é só contestação empírica minha, mas você imagina até janeiro desse ano na história do Brasil, das 500 maiores empresas do Brasil, até janeiro desse ano nós tivemos um presidente negro de empresa que foi Edvaldo Santiago, que era da Amil, e que era meu chefe. Um.

Acho que ele ficou três anos no cargo, um negócio assim como CEO, na maior operadora de saúde do país. Um.

E isso quando ele me ligou, ele me ligou num domingo para falar que tinha saído a nomeação dele. A primeira coisa que eu falei para ele, falei assim: Edvaldo, eu tô muito feliz para você, você é muito foda... e ele, trabalhar com ele, Vini, é aprender muito por bem por mal, tem hora que você quer esganar ele e tem hora que você quer falar, caraca, o cara é bom.

E quando ele me ligou para falar eu fiquei muito feliz, por tanto que desejei e na hora eu virei para ele e falei o seguinte: “Uma pena que você vai precisar parar de falar sobre negritude, mas eu te entendo porque faz parte do game”. Aí ele: Para de ser louca, é minha causa eu vou dizer o que eu não sei o quê. Edvaldo, não é sua opção (pausa), não é sua opção. Fica aí que você vai exercer um poder te chamar representatividade, que é o que a gente precisa. Aí ele disse, você para!

Três meses depois ele saiu da liderança do grupo de negros da empresa, por quê? A orientação corporativa foi para ele começar a falar de diversidade como um todo. As coisas que o Edvaldo conseguiu fazer com relação a Negritude nesse tempo, ou eram em bastidores ou eram grupos relevantes corporativos aprovados pra puta que pariu, na casa do chapéu.

Edivaldo era o único Líder negro que tinha negros diretores de baixo dele. Imagina o seguinte você tem uma empresa que tem uma liderança de 150 a 200 pessoas C-level, o que já é um absurdo né de pensar mas tem por conta do complexo que é né? Só a presidência tem três, um era o Edvaldo.

Dali você vinha para uma camada de comex [comitê executivo], que era camada de diretoria. Uma diretoria foda, que era uma camada de 15 pessoas. 0 negros.

A camada maior da diretoria que era onde eu tava que era gerente sênior, diretor enfim, que era onde eu estava. Que tinha mais ou menos (pausa para contagem, citando poucos nomes e contando com os dedos) aí se a gente fosse para gerente da massa que tinha quase mil pessoas talvez fossem três [negros]. Percentualmente é nada.

Entende como.... quando Edvaldo saiu, a gente sempre foi almoçar, eu falei assim: Agora, para retomar tá mais difícil. Que agora a gente tem zero. Para não falar que a gente não tem pessoa negra presidente de empresa no Brasil a gente tem Tarciana do Banco do Brasil que é uma mulher autodeclarada negra e lésbica. Ela se auto declara quanto negra, mas é uma negra de pele clara.

Ontem saiu a nomeação do Denísio Liberato, não sei se você conhece.

Vini: Não, não conheço.

Laura: Ele virou CEO do Banco do Brasil assets. Gente boníssima. Ele é um preto retinto. Ele é um homem preto de pele retinta. Procura quantos posicionamentos públicos sobre a negritude o Denísio já fez?

Vini: Deixa eu te fazer uma pergunta sobre, eu tô bem curioso, porque você falou bastante de 1997, né? E para mim é até emocionante, quando você vai narrando ali o território, né? Os lixos o galpão cemitério. Quem é a Vivi antes de 1997 até chegar nesse lugar? Me conta um pouco da sua história familiar, como que você cresceu, quem era sua família.

Laura: Eu era a típica menina nascida e criada da ZL. Era vizinha da sua vó, do Migo, eu falo para ele “Graças a Deus que a gente nunca se encontrou, porque ia dar merda”. Mas eu sou nascida e criada na periferia, na Vila Talarico, na zona leste. Anos 80, eu acho que foi um dos piores anos para se nascer preta nesse país, porque você tava num limbo social de que se você só serve para mim se for para servir..... mas de um movimento econômico e político muito efervescente no país ali, né, Diretas Já, e todo esse contexto de democracia, enfim, então por isso que eu peguei ali, né, um pouquinho... Eu vi muitos meus irmãos indo nas marchas ativistas do Movimento Negro Unificado mas nunca como atuantes, muito mais como apoiadores.

Eu sou de uma família de cinco filhos. Então, mamãe e papai 5 filhos e eu sou... eu e meu irmão caçula, nós somos o famoso “raspa do taxa”, porque quando eu nasci, meu irmão mais velho já tinha... o Douglas tinha 22, a Denise tinha 20, e o Marquinhos estava fazendo 16. Então, esses três que iam muito para o baile back, é.... que que as referências raízes pretas entre eles, sabe? O mais velho, Douglas, era DJ da chique show. A Denise ia lá dançar no em show desesperada de Manu Palmeiras, Marvin Gaye, sabe?

Era época que eu via todo mundo lavando a cabeça no tanque com um sabão de coco pro black ficar durinho... Pessoal fica usando gel da Salon Line agora, raiz era o sabãozinho de coco lá sabe pra ficar com o black redondinho. E para a gente saber o que acontecia nos Estados Unidos era 24 de Maio. Porque era onde chegava, por exemplo, a revista Ebony com sete meses de atraso, mas era onde a gente descobria que tinha um So-ho, e descobria que tinha toda essa vibe de pessoas negras. De referência mesmo de poder econômico, político, etc e tal. Porque já era a geração 80, 80 e poucos. Já era a primeira geração resultado da política de cotas Americanas, né?

Então cresci nesse bolo de informação negra, de negritude dentro de casa, e um belo dia minha mãe meu pai falou o seguinte: olha, a gente não vai ter condição de deixar casa, carro, herança para nenhum de vocês. Meu pai e minha mãe estudaram só até a quarta série, meu pai é um vendedor nato, raiz, de plano de saúde. Meu pai tem o poder ali de comunicação de vendas impressionante e minha mãe ela ficou em casa, né para cuidar da gente, mas ela achou uma atividade paralela na religião. Nós somos budistas, minha mãe era como se fosse um pastor de uma unidade. Então ela ficava se dividindo ali entre religião e casa.

Aí meu pai falou assim a única coisa que eu vou dar para os meus filhos é estudo. Isso eu vou dar.

Então ele, meu pai sempre.... apesar de ter estudado até a quarta série, mas sempre foi muito autodidata para coisas. Por exemplo, meu pai fala japonês fluente, Vini. E é o único preto de 89 anos, você vai ver na vida falando japonês fluente.

Vini: Ele aprendeu como, sozinho?

Laura: Olha que loucura, a minha bisavó era escrava. Era filha de escravos. E aí quando teve a escravidão, quando liberou a escravidão jogaram eles para fora, isso lá em Lins, interior de São Paulo, Jaboticabal. Sei lá onde é. E colocaram eles numa fazenda que foi doado a uma comunidade oriental. Essa comunidade oriental ficou com muita dó da minha avó e do meu vô que tinha um monte de crianças, meus tios, meu pai, enfim, que era o mais novo e botou eles.... falaram assim, faz o seguinte fica morando aqui, mas vocês vão produzir para gente ou seja, literalmente escravidão do mesmo jeito.

E meu pai começou a aprender ali, porque eles não falavam português, precisavam se comunicar meu pai na época brincava com os filhos deles, né? Então eles começaram a se comunicar e foi mais ou menos isso. Quando esses japoneses morreram, eles pegaram tanto amor pela minha vó, pelo meu vô, enfim, quando eles morreram, eles doaram as terras para os meus avós.

Para que eles continuassem tendo um lugar para morar, enfim doaram. E aí passou um corretor lá para ver o negócio da Fazenda, tipo um corretor de imóveis, chegou lá eles não sabiam ler e escrever. Enganaram eles, tomaram tudo.

Meu pai guarda esses documentos até hoje lá em casa. Tomaram tudo e tacaram eles lá para fora. E aí meu vô descobriu que tavam fazendo a obra do túnel. E que tavam contratando muito pedreiro, pegou toda a família botou no busão e veio para São Paulo.

E aí meu pai, já falava um pouquinho de japonês depois quando a gente entrou na religião do budismo na pele. Aí ele começou a se desenvolver mais e era impressionante porque ajudava muito ele na facilidade de venda para comunidade oriental, né? Pro bem e pro mal também que a gente quase apanhou uma vez na Liberdade, porque eles não gostam....

Vini: E tem uma comunidade oriental também ali na zona leste, né? No Carrão?

Laura: Assim, já diminuiu muito né? Já diminuiu muito ali, mas era maior. Sabe aquele shoyo que a gente usa japonês amarelo que a marca, enfim... A sede é no Carrão. É de uma família, tem uma história no Discovery ou no History depois procura, é super interessante essa história,

que são os grandes empresários brasileiros. E eles contam a história dessa família oriental do carrão. É muito maneiro que a gente só pensa na Mooca, nos italianos sucesso, mas eles contam essa história lá.

E aí foi assim que meu pai aprendeu. E aí o que que meu pai fez? Ele incentivou a todos nós fazer faculdade e estudar. Então assim apesar disso ele era muito culto, ele sempre foi muito de ler muita coisa tanto é que tipo a única coisa que eu não posso tirar dele de jeito nenhum é o jornal. E ele tem o hábito até hoje assim todo final de semana chega a Folha de São Paulo para ele ler porque senão ele não para.... muito livro, porque é do jeito dele, né? Ele fala que era o jeito dele de ser ouvido, né? Mas a verdade eu entendo que o jeito dele de hackear o sistema com gente branca, porque se ele via gente branca falando de Economia, ele ia lá dar opinião dele.

Vini: Quantos anos ele tinha quando aconteceu essa perda da terra e a vinda para São Paulo?

Laura: Acho que tinha de 11 12 anos. Era pequenininho.

Vini: Porque eu acho que esse é um evento decisivo né, na história da sua família e talvez na história do seu pai assim nesse movimento de hackear que você está falando, né?

Laura: Acho que o momento decisivo da história do meu pai mesmo foi... Porque meu pai, ele sempre foi vendedor, mas ele sempre foi músico. Toca trombone, ele é da música, em casa todo mundo é muito de música, sabe? E eu acho que a virada de chave do meu pai foi ele tinha uma banda, ele montou uma banda, fazia muito... ele sustentou a gente fazendo carnaval pra você ter uma ideia. Esse carnaval de clube, essas coisas. Trabalhava o dia inteiro vendendo plano, chegava em casa, tomava banho e se trocava, pegava trombone, virava madrugada fazendo baile de Carnaval, voltava, tomava banho e se trocava, e saía para vender plano de saúde.

De janeiro a fevereiro eram os únicos meses do ano que a gente sabia que a gente ia ter comida em casa garantida. Porque eram esses bailes de carnaval que completavam a renda. E era muito louco assim porque meu pai sempre ganhava prêmio de vendedor do ano, prêmio de não sei lá das quantas, a melhor carteira de cliente. Ele sempre teve muito orgulho disso. E a virada de Chave, eu acho, que para o meu pai da vida e, por isso que ele sempre bateu o pé, foi quando ele descobriu que ele tava sendo roubado na firma.

Então, sei lá, ele vendia 10 mil planos de saúde, ele recebia por 300. E ele foi descobrir que ele foi roubado porque uma mulher ficou com muita dó, tipo, sei lá, ele tinha que tinha que receber 1.000 de comissão, ele recebia 50 reais.

E o dono da corretora ficava no... deixa eu só atender aqui só me deixar tá bom?

[Pausa para atender uma ligação sobre uma consulta médica para a mãe, ela não mudou o microfone, me deixando participar quase da conversa]

Essa é a vantagem de ter trabalhado numa empresa de saúde, você sabe como hackear o negócio, entendeu? Então, ele descobriu que tava sendo roubado e aí uma menina que trabalhava no RH ficou com muita dó dele, conheceu a nossa família, chamou um dia e falou tudo que tá acontecendo. E aí ele saiu lógico dessa corretora acabou indo para uma outra, mas eu acho que isso bugou meu pai de um nível, Vini, que desencadeou o alcoolismo.

Que você imagina, pô cara podia ter recebido mil recebeu 50 e viu a filha a família inteira passando fome, passando perrengue, todo mundo com nome sujo. E lá em casa a gente faz um bolão, um mês um pagava a faculdade, outro mês um pagava o aluguel, no outro mês a gente pagava água e luz. Aí no outro mês, ao invés de pagar a faculdade do primeiro pagava faculdade do segundo (risos)... a gente ia fazendo isso.... e foi assim que os três mais velhos conseguiram se formar, né?

O Douglas fez economia se formou em 1989. Denise fez pedagogia se formou em 1986, primeira turma de pedagogia da São Judas, a gente zoa ela porque foi o São Judas que entregou pessoalmente o canudo para ela. E o Marquinhos fez Comércio Exterior, também se formou em 1986, uma coisa assim. Eu tinha seis, sete anos era para mim era os meus heróis, sabe subir no palco pegar aquele canudo...

Vini: Qual a sua maior inspiração, você até falou agora de heróis assim dos seus irmãos?

Laura: Eu acho que é o meu pai. Eu acho que é meu pai porque com essa narrativa do meu pai, eu me coloco no lugar de.... Até onde o racismo estrutural levou a uma camada de senhores pretos que eram largados no início, negligenciadas durante, e agora no final da vida deles continuam sendo.... eu não falo que eles continuam sendo negligenciados, eles voltaram a ser largados.

E esse é um fenômeno que eu vejo principalmente na periferia, porque eu sempre tô aí muito. Pode reparar, avós de amigos, porque aí na sua época já é avô não é mais pai. Mas repara de os avós pretos acima de 70 anos de zonas periféricas. Quem não criou um vício pregado a alcoolismo, a jogo ou depressão?

É o cara que tá lá largado. É diferente do story telling sabe do homem branco rico, Ah eu estou.... Eu tava discutindo esses dias com umas brancas de um grupo de mulheres que eu faço parte: “Temos que falar de 50 mais no mercado de trabalho. A gente está falando de etarismo no mercado de trabalho. Pessoas de 50 mais, elas devem sim ser consideradas dentro dos processos seletivos. Daí eu falei, pera aí, vocês estão fazendo um recorte de raça aí né? Porque me fala, Vini, de verdade quem é 50 mais homem ou mulher negra que você conhece, que continua com carreira de diretoria e conselho? Eu te dou dois nomes no máximo.

Entendeu? E essa geração é a geração do meu pai, é só você andar na periferia ali ou conversar com pessoas pretas que têm... Engraçado, Vini, que eu cheguei numa fase agora que como eu vivo muito nesse mundo executivo preto [faz um gesto com a mão de um círculo pequeno enquanto fala isso], eu conheço muita gente próxima a minha idade, dessa nossa geração, e eu sou colunista no site mundo negro, vou até fazer uma coluna sobre isso que a geração sanduíche né? Que eu sou a geração sanduíche.

Eu não tenho uma amiga ou amigo Preto executivo. Tenho poucos para não generalizar, mas a grande maioria que tem pais vivos acima de 70 anos como eu ainda tenho que, ou não são sustento desses pais para questões de saúde, ou não ou no recorte mulher preta, mãe preta que paga convênio, médico particular, saúde. É isso que eu tava fazendo com a minha mãe [pega o celular remetendo à ligação que precisou atender no meio da entrevista].

Minha mãe tá com 83 anos esse início do ano foi diagnosticada com demência senil. Então, essa bagagem vem para gente e o pai preto é o pai preto que em sua grande maioria ou é alcoólatra ou é viciado em jogo ou tá na margem da sociedade. E o que é a margem da sociedade? É o homem preto periférico que é o porteiro que é o faxineiro.

E não dá pra falar que esse storytelling é porque o mundo corporativo não deu oportunidade para esses caras. É que o mundo corporativo larga no limbo quem tem 50 mais, mas é uma pessoa preta ele nem considera esse recorte.

Então quando eu vejo o meu pai, poxa, meu pai não tem problema de saúde nenhum. É um homem de 89 anos que fala japonês fluente, músico, que bateu meta de venda a vida inteira.... Mas que foi um cara que foi ter a casa própria dele há sete anos.

Porque a gente enquanto filho se juntou para dar para ele. É o cara que colocou cinco pessoas numa faculdade.

Essa Laura antes de 97 foi bolsista numa escola particular, dormindo na fila, ganharam uma bolsa. Então o que fez a diferença na minha jornada e dos meus irmãos foi educação. E eu como já era de uma geração posterior, eu tive uma educação básica de qualidade da primeira oitava série que foi para quando valia a minha bolsa de estudo.

Vini: E seus irmãos, provavelmente não tiveram da mesma forma, né?

Laura: Não, todos em escolas estadual. Todos, todos. E na minha oitava série, quando acabou a bolsa, a escola não quis renovar. E era uma bolsa assim 50%, não era uma bolsa integral. E essa bolsa quando ela acabou, eu tinha duas opções, ou pagar integral e continuar até o colegial, ou ir embora.

Aí eu fui para o ensino público. E, Vini, para mim foi um choque e olha que eu fui na melhor escola estadual que tinha na época que era da Vila Formosa. E tipo assim coisas que eu aprendi na sexta série, estavam sendo ensinadas ali, no primeiro colegial. Tanto é que eu virei monitora da turma.

Que a gente tinha lá um grupo de alunos que fazia suporte de aulas para os professores também, tinha alguns esforçados né, mas a gente ficava lá fazendo essa ajuda dentro da escola e, Vini, o surreal de tudo isso é que me chamaram de nerd, porque eu sabia o básico, sabe?

E ali eu tinha mais preto, eu tinha mais pretas, eu tinha... foi a primeira vez que eu vi um aluno cadeirante, que era o Marcinho. Na escola, foi o primeiro contato que eu tive com pessoas homossexuais, que eram os caras que dividiram a sala comigo. Que na época a gente não usava o termo correto era o...era o gay.

E assim, o que eu tive de amigo no segundo colegial que eles choravam para mim, falavam sempre... Laura, pelo amor de Deus, não conta para ninguém que eu sou gay. Vini, eu não entendia, eu falava, mas é você, é sua natureza!

Vini: E eram pretos?

Laura: Eram e o apelido era Vera Verão. O apelido era, tipo sei lá, tinha a festinha do colégio. Aí aqueles imbecis brancos que tinham na sala, eles chamavam a gente de gangue dos excluídos. Porque era eu, as bichinhas pretas, o cadeirante, e todas as mulheres que eles consideravam feias na sala.

Ali eu comecei a me reconectar, que foi quando eu consegui entender nas letras de Racionais, o que que era ser um preto tipo A destacado. Que foi meu primeiro emprego ali com 13 anos entregando panfleto em farol. E depois aos 16, fazendo pesquisa Datafolha, que minha irmã tinha arrumado um bico para mim. Ia fazer aquelas pesquisas de rua para completar a renda. E aí eu fazia a pesquisa pro Datafolha que era ali no centro né, na Barão de Limeira, folha de São Paulo, coisa e tal. Então eu saia terminava as pesquisas, eu juntava com os outros pretinhos a gente ia para Galeria 24 de Maio, sabe? Para ficar ouvindo que estava acontecendo ali. Foi a época que eu comecei, com a minha melhor amiga, que foi a única preta que entrou no colégio quando eu era bolsista, a Cris que a minha amiga até hoje, e a gente começou ir para projeto. E aí eu comecei ver mais dos meus, sabe?

Só que eu também entendia que eu tinha um lado de efervescência cultural que eu precisava entender que assim, legal é bacana, eu me reconectei, mas eu não tô confortável de eu continuar fazendo pesquisa, eu não tô... Meus irmãos puxavam muito disso, tá bom, quer ir para o baile, vai. Mas 5 horas da manhã, você tem que estar de pé. Que ir dançar samba rock, beleza, mas 5 horas da manhã você tem que estar de pé. Eu não vou te dar dinheiro para ir embora, se você quiser você que luta.

Só que assim se tiver que pagar conta de luz vai pagar conta de luz. O que sobrar, você vai pro baile. Então sempre tive muito isso de prioridades e todos eles falavam, se você não estudar, vai dar ruim. E foi aí que eu vi o anúncio do Núcleo da Consciência Negra, no jornalzinho, no primeira mão, que ele... Tinham dois canais que eles chamavam principalmente do núcleo. Era o anúncio no primeira mão que tinha um parceiro lá, um aliado que fazia o anúncio de graça, e é onde a gente procurava emprego, então tinha lá do cursinho gratuito. E no Rappers da MTV que quem apresentava na época era o Kaily (nome não verificado). E aí tinha aqueles lembretes de rodapé, tipo Globo News que passa agora e aí na época de excursão passava lá porque o apresentador era amigo de um dos caras do Núcleo.

E aí eu fui, fiz o processo seletivo, teve entrevista, teve tudo, e aí eu arranjei um problema bom, porque eu saía da Zona Leste e ia para o colégio, estudava até meio-dia. Aí eu pegava um busão, vinha aqui para o Tucuruvi, para trabalhar de recepcionista no escritório do primo da minha cunhada, aí eu trabalhava quatro horas aqui no Tuca, depois eu pegava o busão e ia para USP, pra estudar para o pré-vestibular.

E voltava para casa de noite, que aí eu tinha que voltar em bonde, né? Porque tinha cinco ou seis pessoas que voltavam para Leste e a gente tinha que voltar tudo calculado, porque se a gente perdesse tipo o busão que saía da USP a gente já perdia o último metrô Anhangabaú.

Olha, só o que que é a memória não é, 702-U Jaçanã, aqui é o que passava no metrô.

E aí a gente tinha muito isso e a gente vai fazendo muita conexão preta que a gente mantém assim até hoje. Para você ter uma ideia da potência que era o Núcleo da Consciência Negra, Vini, você conhece a presidente do fundo Baobá, Fernanda Lopes?

Vini: Hm, não.

Laura: A Fefe, ela era professora de biologia do Núcleo de Consciência Negra. É uma coisa muito louca, e é uma das melhores amigas, eu falo que eu só tô aqui por conta da Fefe, foi a primeira mulher negra bióloga que eu vi na vida. Assim como Pablo, primeiro químico, e dava aula de química. Solange, literárias, cultura, história.

Eu não passei na USP por um ponto. Aí eu fiz mais meio ano de Núcleo. Aí eu queria fazer Comércio Exterior, no Mackenzie, que era meu sonho. Aí eu prestei Mackenzie, passei, mas não tinha dinheiro para pagar. Prestei Metodista que foi a que eu ganhei mais de desconto. E aí eu fiz um semestre na Metodista e abandonei porque era inviável, já tava trabalhando na Net nessa época, de atendimento, e eu trabalhava na net dá uma às 11 horas da noite.

E na Metodista, como era bolsista, era de manhã. Então a Net era Chácara Santo Antônio, eu morava na Vila Talarico, e a faculdade era em São Bernardo. Eu aguentei um semestre, aí, eu prestei FECAP e fiz o primeiro ano de FECAP, no segundo ano aumentou a mensalidade não consegui pagar. E aí eu fiz São Judas. A São Judas eu fiz com FIES, aí eu terminei São Judas. E terminei naquelas né, fiquei com quatro DPs e não tinha dinheiro para pagar. A faculdade terminei, só não fiz as quatro DP. Aí eu fiz depois “Processo gerenciais”, na Uninove.

E aí eu falei assim, bom, agora eu preciso me diferenciar como currículo, porque eu já tava inserida no mercado corporativo, enfim. E aí eu tava competindo com a galera que fez USP, etc e tal, e aí eu decidi mirar em certificado. Porque eu falei assim, eu pensei comigo. Eu não vou ter mais como fazer USP, eu não vou ter dinheiro ainda para fazer Mackenzie, eu não vou ter como fazer o caminho tradicional, o que que eu consigo fazer de alternativo, de diferença?

Eu não vou conseguir ir para o exterior. Eu estudei inglês o tempo inteiro de inglês que eu tenho é do Núcleo, que tinha aula de inglês. Falei, você quer saber de uma coisa, conversei com um cara que já foi embora, ele era um ex-chefe meu que era um aliado. Era um aliado assim, era o cara que dividia marmita comigo. Falo dele até me embarga a voz aqui, lembrando dele.

Aí ele disse, Vivi faz certificado. Ele falava assim, não tem nem um branquinho desses filha da puta aqui ó, que tem esse certificado aqui, e eu sei que você consegue. E aí eu tirei algumas certificações, eu comecei a fazer (nomes técnicos) e aí na minha carreira corporativa fui subindo, fui assumindo, fui crescendo e cheguei... Hoje, eu tenho dois certificados internacionais, um do Instituto europeu de NPCI que é penúltimo nível de gestão de riscos e continuidade de negócios que é pelo PCI que inclusive eu parei de pagar esse ano, porque eu tenho que pagar por ano mil libras para manter o certificado. 10 anos pagando isso, eu falei chega, vou investir essas mil libras em outras coisas.

Aí eu tenho o *Women Corporate Direct Board*, que é o grupo de mulheres em conselhos. Tenho o Conselheira 101, que é o primeiro programa de formação em conselhos. E aí eu fui hackeando esse negócio, Vini, então hoje eu tenho... Aí sim, quando eu terminei de fazer os certificados que eu queria, já tava no patamar um pouco mais legal, aí eu comecei a fazer MBA, porque não sai aqui da minha cabeça o conselho do meu pai: estuda, hackeia, aprende!

E eu sei que isso é diferencial para mim, por exemplo, eu fiz dois MBAs, eu fiz um em segurança de informação e depois eu fiz um MBA de Ciber Security. Os dois MBAs, quando eu terminei, fui convidada para dar aula. Eu dei aula na UNIP por uns sete, oito anos. E agora eu dou aula na FIAP para três grandes blocos né, de gerenciamento de inovação de tecnologias, Startups com propósito e sou mentora da banca de Startup One da FIAP. Então tecnologias emergentes para quem? E sempre trazendo muito esse viés de risco, diversidade e inclusão, algoritmos racistas, a gente tá falando de Inteligência Artificial e trazendo essa realidade.

Semana passada eu me formei no último curso de Leadership digital na Saint Paul e meu marido está implorando para eu parar de estudar.

Vini: Acho que a gente usou o marco de 1997 para alguns passos atrás e demos vários passos à frente. Eu queria aproveitar para te perguntar mais duas coisas. Me conta um pouco de você hoje em relação a ser uma mulher no setor corporativo, mãe, com as suas pautas de propósito. Como que você se vê nessa trajetória? E qual que é a sua ambição para futuro?

Laura: Hoje o que eu quero é ter perenidade no mercado de trabalho para trazer mais dos meus. Qual que é o seu propósito? É isso. Porque eu acho que a gente, essa minha geração a gente se perdeu de um nível que a gente esqueceu porque que a gente está aqui, ou por quem a gente tá aqui.

E isso passa muito pela maternidade, né? Então para ajudar eu tenho um relacionamento interracial, meu marido é branco. Eu lido com colorismo 24 por 7 aqui na minha casa, porque meu filho é um menino que se auto declara negro, mas de pele clara, que vai ter aquela passabilidade. Então ele tem a consciência do que ele é, de porque, ele tem um fenótipo de negro, mas ele tem a pele clara [mostra uma foto do rapaz].

Vini: Ah, que lindo!

Laura: Meu amorzinho, que convive com os primos de pele mais escura, que tem privilégios. Diferente da mãe dele, que nunca teve privilégio, mas teve acesso. Ele tem uma base muito forte, porque eu não posso deixar ele se perder, ele é meu legado nesse sentido. Justamente por ele ter a possibilidade que ele tem né?

Eu falo para ele, se eu tiver um segundo filho e ele nascer com a pele mais escura, é o seu irmão. E aí? É o seu irmão, e aí?

Vini: O que ele fala?

Laura: Ele buga. Ele fala assim, eu vou dar na cara. O M., ele tem uma consciência racial tão diferenciada, Vini, que o ano passado, a professora tava falando da Princesa Isabel, na escola, lá no mês de Novembro. Ele levantou a mão... Professora, fala M., tá tudo errado o que você tá falando, pode chamar minha mãe.... Que ele ouve eu falando em palestra, evento.

Vini: Quantos anos ele tem?

Laura: Ele tem 8 anos. Ele e minha sobrinha, cresceram com a tia Laura ativista do corporativo. Então, na cabeça deles, eu sou famosa. Já me viu em televisão, revista, Podcast, eu sou famosa na cabeça deles. Então, eles prestam muita atenção no que eu tô falando... isso é legal porque eu falo que a primeira geração da minha família que aprendeu a história para o lado do colonizado e não do colonizador, de forma aberta.

É louco, porque eu tenho meus irmãos mais velhos, minha mãe, que eles conseguem carregar vieses das histórias deles raciais até hoje. Então, quando eu casei com o Renato, minha mãe falava assim, meu Deus livrou a casa graças a Deus casou com branco. Porque na cabeça dela eu salvei a linhagem da família e não é que minha mãe ou meu pai são racistas. É que seus avós e todas as pessoas pretas da idade deles tinham como um mérito clarear a família, porque queria dizer menos sofrimento. É muito louco isso e, em contrapartida, eu tô vendo meu sobrinho ou meu filho vendo sei lá uma pequena sereia e falando. Nossa que mulher linda. Sabe?

Que a minha geração não teve isso, então eu tenho uma geração passada reproduzindo ainda alguns conteúdos, a minha geração que sofre muito com a solidão, com a solidão da mulher negra. E uma geração nova que tá vindo achando mulher negra linda, potente, eu quero ficar com uma mulher negra.

Essa minha geração do meu do meu meio e a grande maioria das mulheres negras da minha idade, executivas, estão casadas com homem branco.

Vini: Assim como a maior parte dos homens negros estão casados com mulheres brancas?

Laura: E dos homens negros casados com mulheres brancas, no executivo, tá? É uma ascensão social para ser aceito nos espaços, porque muitos deles nunca se posicionaram com relação ao racismo dentro do mercado de trabalho. Tanto é que o movimento corporativo no Brasil de pessoas pretas e das pautas pretas são puxadas por mulheres negras. Pode reparar nisso, tá?

Nos cinco últimos anos você começa a ver mais homens negros no corporativo tomando mais posicionamento. Antes disso, quem eu conhecia? O Edvaldo, o Giba. Eram uns pouquíssimos. Senão raros. Por quê? Puta, eu passei por isso. Meus irmãos, meus dois irmãos, o Douglas não, mas o Marcos casado com uma mulher branca. Namorou a vida inteira com uma mulher preta foda. Terminou com a mulher e casou com uma branca. E agora mora nos Estados Unidos.

O nome dela é M. M. (sobrenome italiano), ele falava... Ah não, ela é sarará. Sarará era um termo muito usado na época para pessoas pretas, filhos de pessoas pretas com pessoas italianas loiras. Enfim, elas ficavam com o cabelo amarelo e crespo. E aí principalmente em quebrada, coisa e tal, pessoal falava assim, ó lá a nega sarará. Negra de pele muito clara, cabelo crespo.... cabelo tipo Vanessa da Mata. Olha que louco isso.

E essa construção familiar que eu tenho hoje, eu vejo muito como raiz, como base, como estrutura, porque hoje eu tenho um homem branco, que é meu marido, ciente dos privilégios dele. Eu sou a única pessoa preta da família dele, do lado deles sou a única preta. E, Vini, é impressionante ver que eu letrei todo mundo. Às vezes eu vejo minha sogra, por exemplo, que nunca teve pessoas pretas na família dela, a família inteira, enfim. Outro dia eu descobri que ela saiu na mão com o caseiro lá, a gente tem uma casinha no interior e aí ela mandou despedir que ela queria bater no caseiro. Caseiro não, jardineiro. Aí falou, por quê? Porque tinha uma foto da família e o jardineiro falou assim. Ai que bonitinho, vocês colocaram a governanta para tirar foto com vocês. A governanta era eu.

Ela foi para cima, xingou, quase bateu no homem, mandou homem embora, falou que naquela casa não ia entrar mais, queria ligar para chamar a polícia. Aí eu tô aqui trabalhando e ela me liga. Laura, faz um favor para mim onde eu posso denunciar crimes raciais. Já falei, Meu pai do céu, Senhor Jesus, me explica mais sobre. E ela contava, Vini, por dentro eu tava assim... porra, que legal! Que legal, mas também tenho que colocar o pé no chão, porque ela tem um vínculo comigo. Será que se fosse de qualquer outra família, ele tivesse feito a mesma coisa, se fosse uma pessoa preta a reação dela teria sido igual?

Eu ousou falar que sim, porque eu conheço a essência da minha sogra, mas trazendo essa analogia para o mundo corporativo é o aliado que vai usar da causa preta para ele ganhar prêmio de destaque de Negritude e o preto não.

A gente só está no patamar hoje corporativo, de não chegar em dois dígitos na estatística, porque o mundo corporativo evoluiu o nível de racismo institucional que ele prega. E a gente enquanto pessoa preta não teve sabedoria de perceber. E aí pega essas estruturas familiares, e aí pega, você fala assim, Laura mais por que que você tá criticando, mas por que que você nunca caiu nessa? Porque eu nunca deixei de voltar para onde eu vim. Nunca.

Vini: Você sente que você saiu de onde você veio?

Laura: Eu saí da Leste, mas a Leste nunca saiu de mim. O meu coletivo, a minha essência, minha raiz e quando eu acho que eu tô me perdendo é para lá que eu volto. E sabe porque que é para lá que eu volto? Porque eu sento ali na calçada da minha mãe até hoje, aquelas minhas amigas de infância que ainda estão lá. E eu sento ali na calçada para tomar cerveja, para dar risada, para fazer fofoca, para cuidar da vida dos outros, saber quem morreu, quem não tava, das tretas.

Quando eu sento lá no quintal da minha mãe, eu olho o quanto ainda tenho que lutar. Porque eu tenho amigas da minha idade que acreditam toda essa minha história de sucesso, de entregas... Se é que a minha história é de sucessos, mas esta minha história de acessos, ao fato de eu ter casado com homem branco rico. Minhas tias mesmo falam, Ah ela tá indo pra Disney, que sorte né, casada com branco rico.

Vini: Isso te coloca num outro lugar né em termos de jornada profissional e de trajetória porque quase como se também o seu valor fosse basicamente atribuído ao fato de ter sido casada com um homem branco.

Laura: Exatamente. O louco, Vini, é que é o seguinte né (risos) meu marido ele vive falando... eu sou louco para conhecer esse branco rico que você casou. Se parasse no casou com homem branco, era eu, agora a parte do rico, quero ver. Vini, eu ganho mais que meu marido.

Vini: Isso é muito louco, né, essa imagem coletiva.

Laura: É resultado, aí sim de um sistema, que não quer que a gente tenha acesso à educação. Por isso que eu não nego... Eu falei para o Cláudio, eu falei amigo, todo mundo preto que tiver estudando e fazendo tese me coloca à disposição. Porque do mesmo jeito que semana que vem eu tô indo para Chicago (EUA), que eu vou entrar numa sala VIP e incomodar que eu tô entrando naquela sala e normalmente sou a única; que eu vou viajar de classe executivo, normalmente sou a única; que eu vou almoçar no JK, no jantar eu sou a única... Escolhendo os espaços que eu quero ser a única porque eu não preciso mais ficar ocupando alguns espaços só para falar que eu tô lá pela representatividade também é falsa... Mas quando eu tô ocupando esse espaço, eu preciso falar que três dias antes eu tava na Rocinha fazendo trabalho comunitário. E não era trabalho comunitário tirando foto para postar no LinkedIn. Tanto é que eu tava limpando o chão do coletivo, da Rocinha. E a foto que eu postei do coletivo era a foto da entrada do coletivo para falar do projeto Educacional que a gente tá fazendo lá.

E a galera falou assim, Laura, você não quer reforçar isso, tirar foto aqui com as mulheres da comunidade? Eu nunca vou fazer isso, Vini, porque eu trabalho num voluntário numa ONG dentro da favela do Jardim Eliane que eu faço tudo, eu e meu marido. A festa de Natal, a gente organiza, são 125 crianças. Eu vejo essas crianças negando a Negritude delas. Elas não são negras, elas são moreninhas, elas são mulatinhas.

Vini: Por isso que eu acho interessante, quando você diz o seu filho, porque é muito comum uma pessoa se descobrir negra, principalmente às vezes numa jornada de ascensão, enfim mais velha. E Talvez, seja isso que você está falando que é o que você volta de onde você veio, né?

Laura: Vou te falar o porquê que meu filho nessa idade assume a negritude dele e as outras crianças da mesma idade dele da favela não assumem. É o poder ao acesso da educação, foi que eu comentei. Meu filho e os meus sobrinhos estão sendo criados com a história do colonizado e não do colonizador. A escola da tia Maria lá da comunidade do Eliana continua a reproduzir a história do colonizador e não a do colonizado.

Aquela menina preta, então, acha que ela pode ser uma puta faxineira, porque o que ela vê na comunidade são pretas faxineiras. Tanto é que, Vini, eles não querem nem isso. Eu tava conversando com o menino do coletivo da Rocinha. Eles não querem fazer faculdade. Eles falam, faculdade vai me levar aonde? [faz uma longa pausa e fica me olhando com as sobrancelhas elevadas].

Vini: E qual que é a capacidade de sonhar daí, né? Por isso que eu acho que também quando você fala para além das suas referências em casa, mas do coletivo ali na USP de como do químico, a bióloga. Você falou, Ah primeira vez que eu vi o químico.

Laura: E eu faço isso, Vini, o que eu faço é: eu vou da ponte para lá, mas eu trago gente da ponte para cá também. Então o que que eu faço normalmente, por exemplo, tenho uma atividade no coletivo. Eu levo para me ajudar a servir por exemplo a Lisiane Lemos que foi uma alta executiva do Google que é minha irmã e da Microsoft. Teve uma vez que quando ela tava na Microsoft ainda, eu falava assim.... Gente sabe a Microsoft? Eu não sei se você sabia que ela é diretora lá no Microsoft e a Lisiane também é de pele retinta.

Como assim? Eu trago esse mundo corporativo, porque nem todos eles vão ser jogadores de futebol. A maioria, 99% deles, não vão ser jogador de futebol, não vão ser YouTubers ricos,

não vão ser funkeiros ricos. É o mercado de trabalho que vai transformar a questão racial do Brasil.

Será que as pessoas que estão tomando decisões tão dispostas a abrir mão dos privilégios brancos delas? Não estão.

Vini: Como a empregabilidade tem um lugar transformacional também, né?

Laura: E aí a gente tem... quem está decidindo isso? É um monte de gente branca da academia que tem a teoria mas não tem a vivência. É essa galera que tá falando o seguinte, vamos fazer um programa afirmativo para pessoas pretas tal, cinco anos de inglês! Cara! Vamos flexibilizar o inglês. Tá bom, flexibilizou. Daí a pessoa entra, dá o curso de inglês para pessoa, pô legal do caramba, né? Onde é o curso de inglês? Ali na Berrini, o cara mora em Guaianazes. Que horas é o curso de inglês? Das sete às nove e meia, de segunda a sexta. Cara das 7 às 9:30 o cara tá saindo correndo ou para ir para faculdade ou pra ir pro cursinho. Se ele sair às 09h30 da Berrini, ele vai chegar às 11:30 da manhã numa quebrada da Cidade Tiradentes, você vai garantir a segurança dele? E ele vai jantar o quê? Ele vai comer o quê? Se um lanche na Berrini por menos de 20 conto não sai e na escola de inglês não tem lugar para esquentar marmita.

Aí você vem me falar que esse menino preto que não vai é porque ele perde oportunidade ou porque a meritocracia ele nunca vai conseguir atingir. Não é!

Não é!

A gente vê um monte de filósofo branco ali da academia da USP, da área de ação social da USP ou liderando esses movimentos de pessoas em situação de vulnerabilidade que moram na rua. Cadê os preto ali? A gente tem a vivência, Vini!

Vini: E aí a gente constrói um discurso de nós por nós, né?

Laura: Tipo sei lá, lota o Itaquerão e fala assim, Ei galera de Itaquerão tá aqui um folder, você pode fazer um curso de inglês de graça, se você se auto declarar enquanto Preto. Itaquerão inteiro vai fazer a inscrição, 15 vão continuar.

Esses dias eu discuti aqui no trabalho. Quebrei um puta de um pau, porque a gente tem uma plataforma para viabilizar pessoas que não terminaram o ensino médio a fazer a prova do Encceja, né? Essas pessoas são mulheres pretas, mãe solo, esse é o perfil que a gente tem de

maioria. Ai, como que a gente faz, uma pessoa falou assim, como que a gente faz para incentivar essas pessoas a estudarem mais? Aí vamos dar um brinde de vale em farmácia.

Vini, aquilo me subiu de um tanto, eu falei assim, gente vocês vão me desculpar. Eu sou faxineiro, eu tô estudando através de um app para terminar meu ensino médio através de uma prova para tentar ganhar mais. Se você chegar assim, ó, quem estuda mais ganha um vale em farmácia, eu vou mandar vocês enfiarem naquele lugar, vocês estão me ofendendo. Eu não estou estudando a mais para ganhar um vale farmácia. Eu tô estudando a mais para ter minha dignidade enquanto pessoa preta.

Agora é diferente de por exemplo gincana, quem fez mais simulados, a pessoa ganhou o primeiro lugar, o que que tem de prêmio no primeiro lugar, isso é reconhecimento. Isso é mérito, eu me esforcei ganhei o primeiro lugar e ganhei um prêmio. É uma coisa. Agora eu virar para uma pessoa preta da favela que tá se matando de estudar para ter um ensino médio para ter uma melhoria no emprego e ganhar mais. Falar assim, Vini, estuda que eu tô te dando cinquenta reais de farmácia ou to dando uma recarga no seu celular é a mesma merda que o (nome ocultado) faz ali. A mesma merda que um monte de empresas fazem quando pega um ticket de 150 reais e coloca no Instagram com aquela pessoa preta, sem dente, suja, segurando assim [pega um post it e sorri para a tela], Obrigada por ter salvado minha vida.

É isso que vocês querem fazer a transformação? Racismo estrutural do mundo corporativo sendo evoluído.

Vini: Eu adorei essa nossa conversa aqui. Acho que ela me trouxe muitas reflexões, eu gosto que da Liberdade com que você foi falando também viajando aqui nos temas da sua trajetória. Então eu queria te agradecer muito pelo seu tempo e disponibilidade.